

REVISTA DA SEMANA

N.º 39

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

27-9-47



ESPERANÇA IMORTAL...
AMOR E SACRIFÍCIO...
MEDO ATROZ...

DE HOMENS E
MULHERES
EM CONFLITO COM O
MUNDO.

J. ARTHUR RANK
apresenta

**JAMES
MASON**

na produção de
CAROL REED

UM FILME PUNGENTE
COMO NENHUM!

"CONDENADO"

("ODD MAN OUT")

Estrelando também

ROBERT NEWTON

e apresentando

Kathleen **RYAN**

com CYRIL CUSACK • FAY COMPTON • ELWYN BROOK-JONES
F.J. McCORMICK • DENIS O'DEA • MAUREEN DELANY • W.G. FAY

Produção e direção de
CAROL REED

Uma produção
TWO CITIES FILM

Distribuída pela
UNIVERSAL-INTERNATIONAL



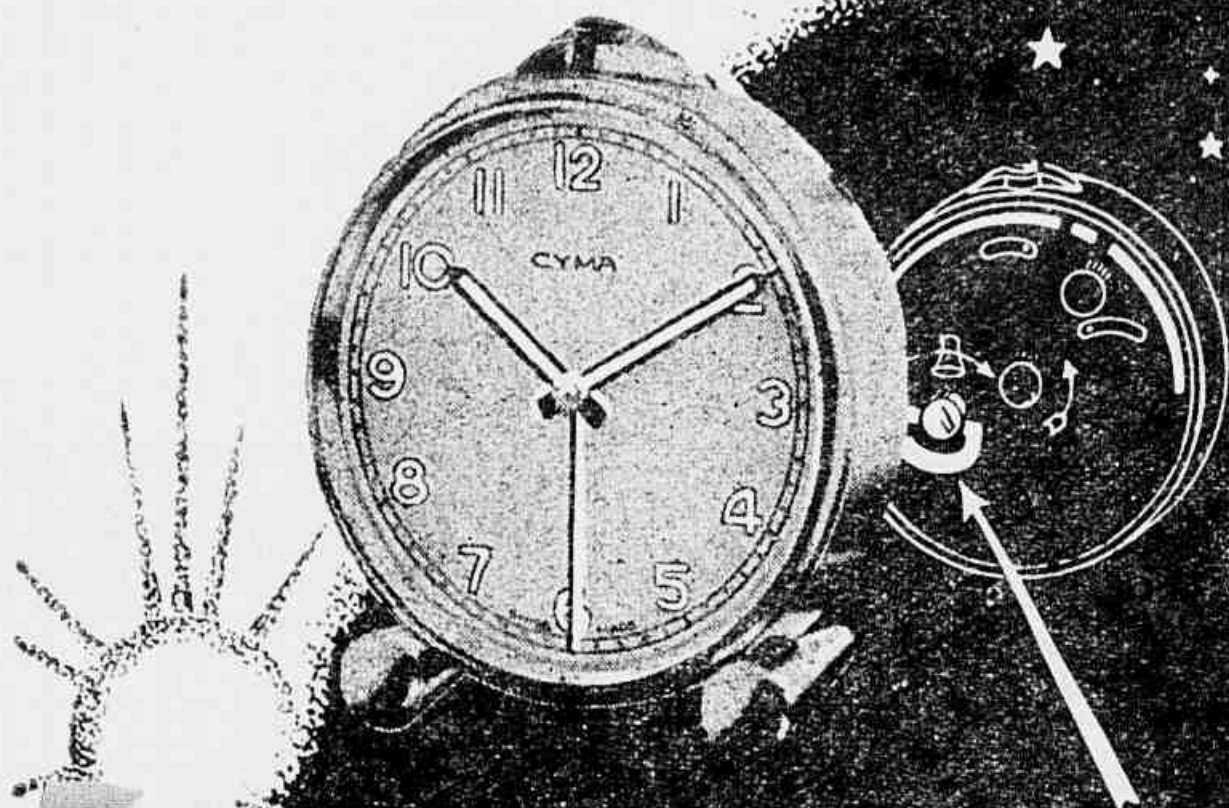
James MASON
num papel que
supera sua criação em
"O SÉTIMO VÊU"

Complemento Nacional



O sr. Washington Luis Pereira de Sousa, sobre cuja chegada ao Rio, estampamos ampla reportagem, nesta edição, continua a ser um cavalheiro bem humorado. Visitando a Câmara Municipal, para agradecer a representação desse órgão legislativo que foi ao seu desembarque, foi ali apresentado ao vereador Aparicio Torelli, mais conhecido pelo pseudônimo de Aporely e, mais ainda, pelo de Barão de Itararé, como diretor d' "A Manhã". Nessa ocasião, o sr. Washington Luis interrogou o Barão de Itararé: — "Final, quando é que o senhor vai me pagar os meus ordenados de correspondente d' "A Manhã"?" O veredor carloca não se alterou e respondeu: — "Meu desejo teria sido pagá-lo, a vossa excelência nos Estados Unidos, mas isso não foi possível por falta de cambiais..." Outro episódio singular ocorrido com o velho estadista foi a devolução, na Câmara dos Deputados, de um revólver revestido de ouro, que o deputado trabalhista Ruy de Almeida disse ter arrecadado em 1930, no Guanabara, ao ali entrar como oficial do Exército... Chegou aos Estados Unidos o cardeal arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo da Mota, o qual, interrogado pelos jornalistas sobre os pretensos milagres do Rio Casca, declarou singelamente: "Conheço o padre dos milagres, mas não conheço os milagres do padre..." O popular vespertino "O Globo" publicou uma notícia sob o seguinte título: "150 mil cruzeiros pagos por uma peça teatral que não foi escrita nem representada". O título não exprimeu com exatidão os fatos e constituiu uma suspeita injusta contra o ilustre escritor Viriato Correia, colaborador de "REVISTA DA SEMANA" e membro da Academia Brasileira de Letras. Porque parte desse dinheiro foi paga pelo governo de Minas, — 50.000 cruzeiros — a Viriato Correia, para que escrevesse a peça "Dona Bela", para a inauguração de um teatro em Araxá. E a peça foi escrita e entregue ao governo de Minas. Devia ser representada pela Companhia Dulcina-Odlon, em Araxá, — e essa companhia recebeu metade da subvenção de 200.000 cruzeiros que lhe era destinada, — só não representando a peça por ter sido a inauguração sucessivamente adiada. Mas está à disposição do governo de Minas, para representá-la, quando receber aviso. Nessa mesma edição, "O Globo" deu uma local sob o título de "O Novo Presidente da Bolívia", na qual diz que a candidatura do sr. José Vicente Trujillo está muito cotada... em Quito! Sabemos que essas coisas acontecem em jornais, — e em revistas também! Mas foi um dia infeliz de "O Globo", não foi mesmo? O "Diário de Notícias", um jornal onde o espaço vale ouro e que é dos mais bem informados, gastou domingo quatro colunas, de alto a baixo com um pobre debil mental, José Lacerda Filho, que diz ter vindo ao mundo para salvar o mundo, vai construir a Arca do Testamento e quer ser crucificado no alto do Corcovado. É um caso banalíssimo de desequilíbrio mental e não justifica, numa época como a atual, tanto desperdício de espaço num jornal tão atacadinho como o vibrante matutino de Orlando Dantas. Por falar em matutino, — aqui vai um pedacinho de ouro que colhemos no "O Jornal", do dinâmico Assis Chateaubriand, tão enternecido pelos princípios verdadeiros ou falsos que por aqui aparecem. Lemos e apreciamos: "A caminho da última aventura — Deixou-nos o ex-rei Carol. Deixou-nos também a sua esposa, que aqui chegou com um nome famoso, madame Lupescu, e se aparta de nós com um título atualmente de vaga expressão dinástica, Helena de Hohenzollern. O principesco par, que tanto movimento deu às cortes européias, desde antes da primeira guerra mundial, que fez estreitar a rigidez protocolar de tantas dinastias, e que inundou de assunto a imprensa universal por um tempo dilatado, o principesco par, hoje legalizado pelas leis brasileiras, rumo para o velho continente em busca de novos ares e talvez de algum bucólico recanto no velho Portugal. Provavelmente será esta a última aventura do antigo rei Carol e da antiga e bela Lupescu; a aventura de um casal pacato, ávido por um lar silencioso no fundo de ridentes ramagens. O casamento nupcial do Copacabana Palace foi o epílogo melancólico do espetacular romance do ex-monarca de sangue germânico, e o Brasil, onde existem príncipes e princesas recolhidos à Imperial Petrópolis, foi para o casal, que a estas horas alaga as águas do Atlântico, um céu aberto, sob o qual se acolheu, unido de bemaventurança. No portão do "Juan de Garay", como mostra o ilustrante acima, o príncipe Carol despede-se desta terra adorável, em que o seu exílio transcorreu num mar de rosas... Já é vontade de gastar adjetivos, não é mesmo? No "Correio da Manhã", encontramos domingo uma nota interessante sobre a crise de telefones, que é enorme e vai se prolongar por muito tempo mais. Essa reportagem do matutino de Paulo Bittencourt termina com este caso singularíssimo, que bem mostra o valor de um telefone nos dias que correm: "Um casal, que havia combinado desquite amigável, compareceu certa vez ao Departamento, para acertar o último detalhe: com qual dos dois ficaria o aparelho telefônico... Acompanhados de dois advogados, foram encaminhados ao Serviço de Fiscalização, onde não conseguiram chegar ao acordo desejado, verificando que um ficaria fatalmente sem telefone, diante daquela incapacidade da C. T. B. Pois bem: saíram do Departamento e resolveram, baldados os esforços dos advogados, transformar o desquite amigável em demanda judicial." Um avião da Pan-American World Airways fez uma aterrissagem forçada no aeródromo naval de Floyd Bennett, nos Estados Unidos, incendiando-se, em seguida. O caso nada teria de extraordinário, em si mesmo, se quarenta pessoas não tivessem sido retiradas ilesas de dentro do avião. Tomou posse o novo secretário de Saúde e Assistência, professor Luis Capriglione, que se dizia estar indicado para ser o ministro da Saúde Pública, por ocasião do desdobramento dos ministérios, que o professor José Pereira de Lyra anunciou solenemente à imprensa, mas parece ter sido engavetado. Até hoje não chegou ao Congresso Nacional a mensagem do presidente da República, — e um dos indigitados ministros se contentou mesmo com uma simples secretaria geral no Distrito... Vitimado por um câncer do pâncreas desapareceu, em Nova York, o ex-prefeito Fiorello La Guardia, um grande amigo do Brasil e uma das figuras mais representativas da democracia americana. Foi ele quem representou os Estados Unidos na posse do presidente Eurico Gaspar Dutra. E por falar no chefe do governo brasileiro, domingo, ele inaugurou, em Mato Grosso, sua terra natal, a gigantesca ponte sobre o rio Paraguai, que dizem ser a maior do Brasil. A Enbaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, protestou, junto ao nosso governo, contra o tratamento privilegiado que estão tendo os navios do Lloyd Brasileiro, no nosso porto, onde, gozando de prioridade, são os únicos que não entram na fila para descarregar. Na Argentina, dizem que foi descoberto um "complot" para matar a senhora Eva Perón, — e um juiz federal ordenou, por isso, a prisão de onze indivíduos que, segundo o telegrama da Associated Press, conspiravam em bares e cafés. O plano era lançar uma bomba contra a formosa primeira dama argentina. O caso demonstra, ou parece demonstrar, que o prestígio do general Perón está decaindo. Já há quem pense que a linda loura Evita é mais importante do que ele... A polícia apreendeu no Trápiche dos Produtos de Minas (cerca de mil sacos de feijão preto, que não era posto à venda talvez por uma questão de preconceito de cor... Esse feijão estava consignado ao cidadão Rachid Cury, ausente, em lugar não sabido e ignorado... E, por hoje, basta. Até outro dia!

O novo despertador CYMA



Uma só chave
dá corda, ao mesmo tempo, à ma-
quina e à campainha de alarme.

O despertador suíço de precisão

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Não serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomadas em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos seleccionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — O conto submetido a este concurso deve ter no máximo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos seleccionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM. AVIA-SE REPARAÇÕES MÉDICAS COM EXATIDÃO.

O PINCE-NEZ DE OURO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

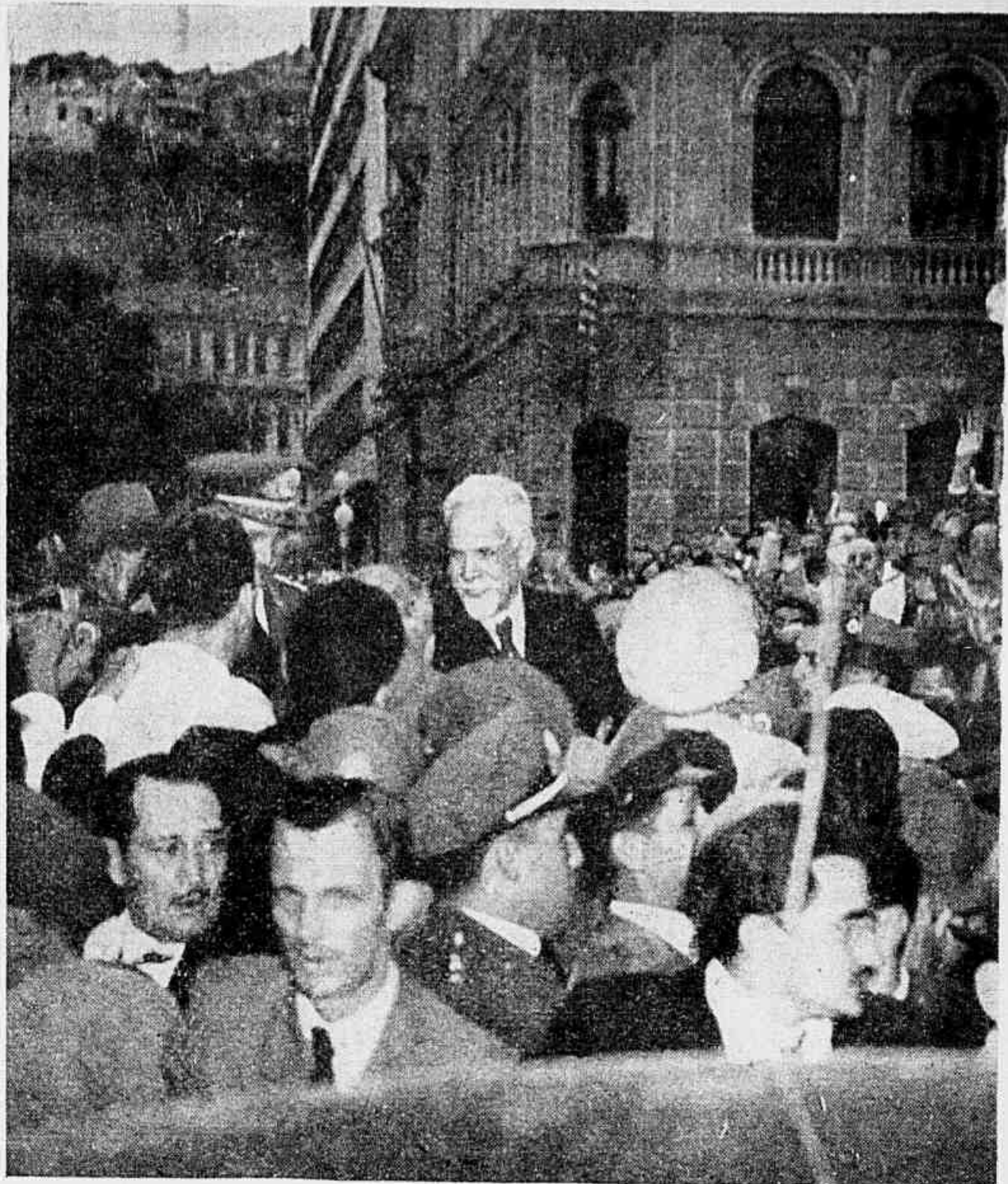
Joalheria

LUIS R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES.





Em cima à esquerda: o velho estadista, de volta do seu exílio voluntário; à direita, o antecessor do sr. Getúlio Vargas, na praça Mauá, sorridente, entre os populares que o ovacionam. Na página à esquerda: O presidente Washington Luís, deposto pela revolução de 1930, por ocasião de sua chegada ao Rio, quando descia a escada do vapor "Del Norte", seguido pelos generais Rondon e Euclides de Figueiredo e governador Ademar de Barros.

DEZESSETE ANOS DEPOIS...

O sr. Washington Luís, presidente da República, deposto pela revolução de 1930, dezessete dias antes do término de seu quadriênio, regressou ao Brasil, no dia 18 de Setembro, ocorrendo o seu desembarque, por singular coincidência, no dia do primeiro aniversário da nova Constituição Brasileira. — documento que repôs o Brasil nas suas tradições democráticas e no quadro da legalidade. Quem, em 1930, usurpou o poder do sr. Washington Luís e não só a ele, como ao sr. Júlio Prestes, que era o presidente eleito, viu-se aliado quinze anos depois da comodidade do poder pessoal absoluto,

O PRESIDENTE DEPOSTO E EXILADO EM 1930 VOLTA À PÁTRIA, SENDO RECEBIDO COM EXCEPCIONAIS HOMENAGENS POPULARES

de forma ainda menos respeitosa, por uma intimidação a que respondeu com um pedido de prazo para arrumar as malas...

Dezessete anos depois, voltou ao Brasil o exilado voluntário, o homem público que escolhera o ostracismo em terras distantes, por não querer viver no Brasil sob o governo de quem o havia arrancado do poder. E singular observar-se que o mesmo homem que em outubro de 1930 era vaiado e preso, queimado em efígie e insultado nas ruas do Rio de Janeiro, pelos grupos que ostentavam ao pescoço os lenços vermelhos da revolução vitoriosa, foi recebido com expansões de verdadeiro entusiasmo popular de regresso do seu exílio. Foram muitas, decerto, as desilusões do povo brasileiro e as nani-

Aspecto das manifestações populares ao presidente Washington Luís, em frente ao Palace Hotel, onde se hospedou o velho estadista, de volta ao país, depois de dezessete anos de ostracismo.





Passagem do cortejo em honra do presidente Washington Luís, pela Avenida Rio Branco, vendo-se a incalculável multidão que, durante horas a fio, bloqueou o tráfego de veículos na grande artéria central. Vê-se um painel colocado em homenagem ao primeiro aniversário da nova Constituição da República, convidando os brasileiros a defendê-la.

festações ao sr. Washington Luís não valeram, apenas, como uma homenagem ao velho estadista que regressava, mas especialmente como uma desaprovação ao regime de arbitrio pessoal, de supressão das liberdades públicas, de irresponsabilidade, de jogatina e de eccandalosas negociações, que veio a prevalecer em seguida ao movimento de 1930 e que perdurou até 1945. Muitos dos

antigos adversários do sr. Washington Luís estavam a aplaudir-lo e outros a justificá-lo, no momento de sua chegada. Evidentemente, seu governo teve erros e atos susceptíveis de serem criticados. Mas não se fez jamais ao sr. Washington Luís, a injustiça de não supô-lo um homem de bem. No Senado Federal, sua volta foi comentada em discurso de um dos seus adversários de

1930, o senador udenista Ferreira de Sousa. Por ser esse breve discurso revelador do estado de ânimo de muitos dos brasileiros que o combateram, na campanha política da Aliança Liberal, achamos interessante transcrevê-lo, em parte, nestas colunas:

"Sua maneira de proceder, — disse o senador Ferreira de Sousa —

(Continúa na pág. 58)

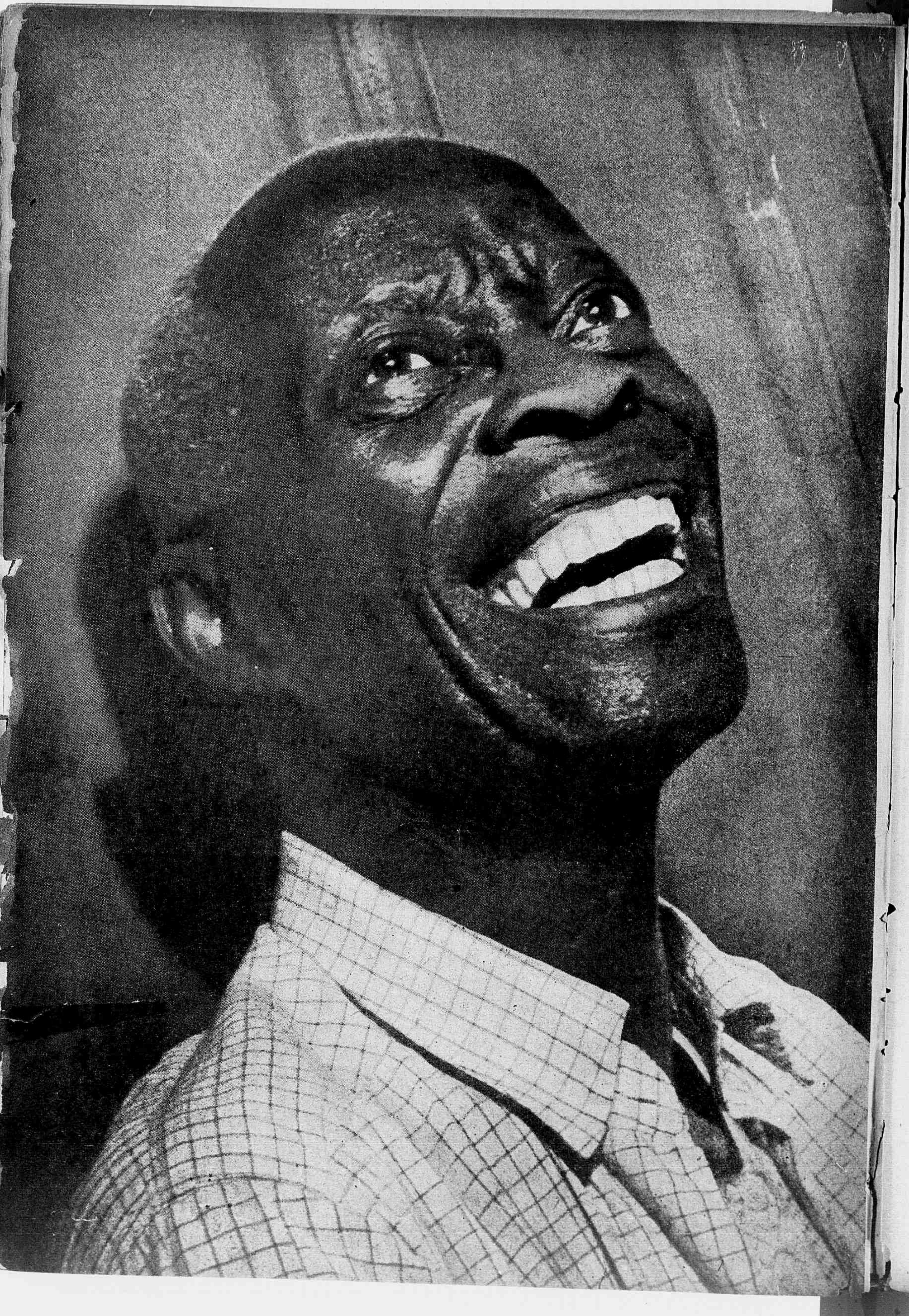
Em baixo: a massa popular comprimindo-se para ouvir o discurso com que o sr. Otávio Mangabeira, governador do Estado da Bahia, saudou o sr. Washington Luís por ocasião de sua chegada ao Rio. O sr. Otávio Mangabeira e o sr. Getúlio Vargas são os dois únicos ministros do governo Washington Luís que ainda participam ativamente da vida pública brasileira. O primeiro era ministro do Exterior, e o segundo foi o da Fazenda, logo no início do quadriênio, sendo hoje senador, depois de apeado da comodidade da ditadura.





Em cima: moças representando os Estados do Brasil atiravam pétalas de flores no presidente Washington Luís, o ilustre brasileiro que voltou do exílio cercado de simpatias e da popularidade que lhe faltara em Outubro de 1930. Em baixo: o presidente Washington Luís agradece às manifestações populares, cercado de velhos amigos, entre os quais o governador Mangabeira e os generais Rondon e Euclides de Figueiredo.





APOSENTA-SE O MAIOR PALHAÇO DO BRASIL

SESSENTA ANOS DE PICADEIRO, FAZENDO RIR A TRÊS GERAÇÕES — O MENINO TROPEIRO QUE FUGIU DE PARAÍ DE MINAS — "BENJAMIM, VOCÊ AGORA VAI SER PALHAÇO!" — NO DIA DA ESTRÉIA QUE BRAM-LHE A CABEÇA — HERMES DA FONSECA TOMOU UM CAFEZINHO E WASHINGTON LUIS O APLAUDIU — ORDENADO DE CIRCO NO SÉCULO XIX.

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

QUANDO, na noite de 18 de Setembro deste ano, o velho palhaço, quase cego, arreado sob o peso dos seus bem vividos setenta e oito anos, entrou no picadeiro do Circo Dudú, para fazer pela última vez suas palhaçadas, houve reações diferentes em grande parte da assistência.

Enquanto a gente moça ria com o velho Benjamim de Oliveira, os vovós, idosos como o palhaço, sentiam os olhos cheios d'água e, quando tentavam rir, as lágrimas quase caíam pelo rosto abalado. É que o velho palhaço recorda aos nossos velhos de hoje muita coisa do passado, do tempo em que no Rio e em São Paulo, os bondes ainda eram puxados a burro e as ruas iluminadas a gás. E a esses, o palhaço não faz mais rir. Ao contrário, arranca lágrimas com aquele mesmo seu jeito de outrora, agarrado no violão e cantandolundus, como o célebre "Tutú", com letra e música de sua autoria, hoje já incorporado ao folclore nacional. Benjamim de Oli-

veira trabalhou como palhaço em nossos circos durante sessenta anos seguidos. "Record" difícil de ser ultrapassado. Fez rir a monarquistas e republicanos. Atravessou duas guerras de cara pintada, alegrando crianças, jovens e velhos de todos os Estados do Brasil. Conheceu de perto todos os presidentes. O Marechal Hermes da Fonseca já tomou cafezinho com o palhaço na porta do antigo circo Dudú. E Washington Luís era "fan" do velho "Beijo". Aquela noite de Setembro de 1947 era a sua festa de despedida. O Congresso Nacional fez uma coisa excepcional: o Tesouro dará, de agora em diante, uma pensão mensal de mil cruzeiros, como reconhecimento à alegria que ele andou espalhando por esses sertões afora. O palhaço está oficialmente aposentado. Mas estará, realmente? No pequeno camarim de madeira, nos fundos do circo, Benjamim de Oliveira fala-nos da sua vida e dos seus planos. Sim, porque apesar dos seus setenta e oito anos, ele

ainda espera viver muito. Tanto quanto o seu pai que morreu com cento e treze anos, ou quanto sua mãe, que chegou aos cento e dezenove.

— "Só a melancolia pode me fazer deixar de ser palhaço — diz-nos Benjamim. — Por causa dessa tristeza esquisita, que me vem chegando com a idade, eu fui aos poucos deixando o picadeiro. Parece que tristeza é doença de velho, "seu" moço...

O MENINO TROPEIRO

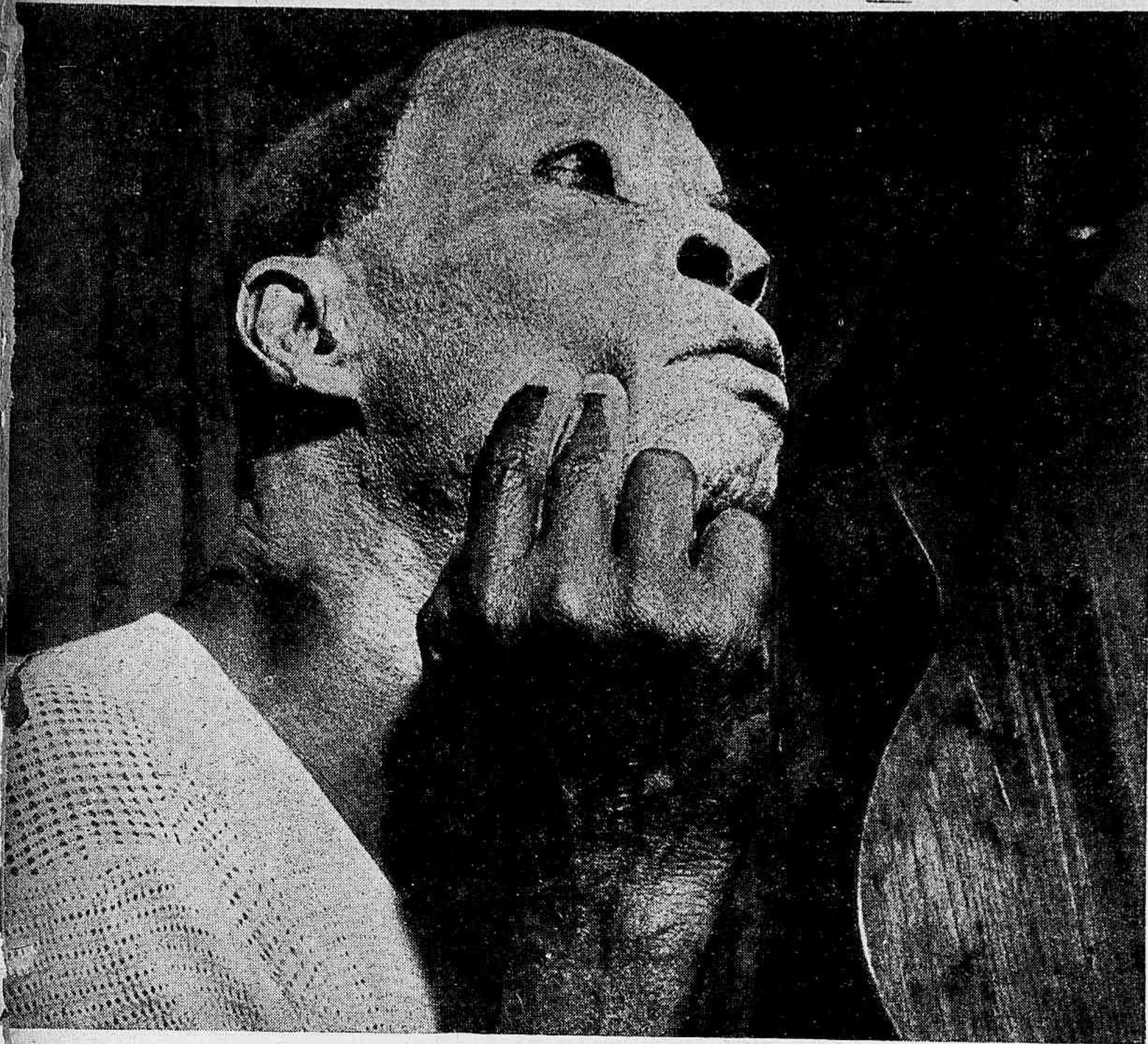
Pará de Minas, por volta de 1869, ano do nascimento de Benjamim, era um vilarejo. Seu comércio se escoava para as cidades vizinhas no lombo dos animais ou nos morosos carros-de-bois. Em 1881, o filho do escravo Malakias, um pretinho lustroso e vivo como um Facy Pereré, com apenas doze anos de idade, já montava na "madrinha" guiando a tropa. Mas o negrinho não gostava daquela vida, tinha vontade de conhe-

cer mundo e um dia desapareceu da fazenda. Durante vinte anos, seu pai e sua mãe não souberam mais do filho. Benjamim, logo que fugiu da fazenda, se engajou na primeira troupe mamembe que encontrou. A vida de circo era qualquer coisa de fascinante para o negrinho. Começou fazendo trabalho pesado, armando e desarmando barracas. Mas não fôra para isso que deixara de ser chefe da tropa. E se esforçou o mais que pôde. Começou a dobrar os músculos, forçando as juntas até que a dor o obrigava a parar. Mas tanto se exercitou que em pouco tempo era o melhor ginasta da companhia. Ele que, na sua família, não conhecera ninguém artista, acumulava em pouco tempo as qualidades de contorcionista, equilibrista e saltador.

Era o primeiro passo para a glória. Seu ordenado era uma fortuna, três mil réis por mês, ou sejam, cem réis por noite de trabalho. Começara a fortuna. Durante seis anos trabalhou como acro-

Na página ao lado: Benjamim de Oliveira ao natural, com seus setenta e oito anos bem vividos. Hoje, depois de sessenta anos de trabalho no picadeiro, ele recebeu uma pensão do Congresso. É a primeira vez que um palhaço (de circo, pelo menos) se aposenta oficialmente. Em baixo: a subida para o palco na sua festa de despedida e ao lado sua volta à última função. Houve mais tristeza do que alegria nesse derradeiro aparecimento em público do velho palhaço. Ele já está quase cego e não mais consegue ver o povo que o aplaude.





Em cima: Benjamin de Oliveira, o palhaço que fez rir a monarquistas e republicanos, prepara-se no camarim para a sua festa de despedida. Em baixo: Cacilda Gonçalves, uma das artistas feitas no antigo circo de Benjamin. Entre as que subiram amparadas pelo palhaço, estão Aracy Côrtes e Alda Garrido.



oata. Até que, um belo dia, quando o circo de Albano Pereira estava armado em uma cidade importante, aconteceu o imprevisto. O palhaço não apareceu. O público, lotando completamente os "pojeiros", berrava impaciente:

— "Tá na hora! Bota o "bacalhau p'ra fora!"

E nada do palhaço aparecer. Nessa emergência o diretor do espetáculo teve uma saída:

— Benjamin, pinte a cara de branco e banque o palhaço!

"MAS... DE QUE JEITO?"

Benjamim arregalou os olhos brancos:

— Mas, como, "seu" Albano?! Eu não tenho jeito p'ra palhaço!

Entretanto, não havia outra solução. Enfiou-se nos sapatos, botou o colarinho enorme, lambuzou a cara de alvalade e apareceu no picadeiro. O público, quando se viu logrado com a mudança do palhaço, começou uma vaia que não acabava mais.

E ainda mais um palhaço preto, coisa impossível de se conceber. Cada vez que o encabulado Benjamim abria a boca, tentando dizer qualquer coisa, o circo vinha abaixo de tanta vaia.

Benjamim, sessenta anos depois vai se lembrando daquela estréia.

— Chovia uma porção de coisa em cima de mim. Quando tentei cantar uma modinha, fui obrigado a desistir. Atiraram-me um patacão de dois vinténs com tanta força e pontaria que me abriu uma brecha na cabeça.

E o velho palhaço mostra a marca da estréia na sua cabeça encanecida.

"AI EU EMBIRREI... E PRONTO!"

O velho Benjamim dá uma gostosa gargalhada quando se lembra de tudo isso. — "O tempo bão"... Ele nos conta porque não desistiu:

— Moço, eu embirrei com aquela vaia e disse p'ra mim mesmo: Benjamim, tu tem que sê palhaço. Nem que te joguem bala de "metralha" na cabeça. E virei mesmo palhaço. Quando "seu" Albano se convenceu de que eu era a primeira figura da companhia me aumentou o ordenado. Cinquenta mil réis por mês! Meu Deus! Que "imundície" de dinheiro! Comecei a correr mundo e a ganhar nome. Quando voltei anos depois naquela mesma cidade onde me acertaram com o patacão "caprichel" no programa E que sucesso! E' por isso que eu digo para os meus netos: nada como a gente "embirrá" p'ra se conseguir o que quer".

ONDE APARECE O ANTONIO SABABA

Fazia vinte anos que o preto Benjamim largara a "tropa". Não havia palhaço melhor do que ele. Além das graças, das piadas, juntava aos números muita acrobacia cômica, aproveitando o que aprendera durante o seu trabalho como acrobata. Era difícil reconhecer por debaixo daquela máscara de pintura o negrinho que fugira de Pará de Minas. Mas não se sabe como, em um espetáculo em Belo Horizonte, um seu conterrâneo, o Antonio Sababa, reconheceu-o. Esperou-o, depois do espetáculo, para vê-lo ao natural e teve, então, a certeza,

— Espal! Você não é o filho do Malakias, e da Leandra?

— Sou, respondeu o palhaço, assombrado.

— Eu sou o Sababa...

E eles ficaram ali, abraçados, até que a saudade de tantos anos se desfizesse um pouco. Sababa voltou a Pará de Minas e contou a nova à cidade e, de volta a Belo Horizonte, trouxe o velho Malakias, por ordem de Benjamim. Nesse tempo, o palhaço já estava casado e sua mulher foi a primeira a reconhecer naquele preto velho que descia pela rua um pouco desorientado, como o pai de seu marido. Chamou-o. — "O senhor não é o pai do Benjamim?" — Era ele. Quando o velho avistou aquele homem feito, espadaúdo das ginásticas que fizera, não acreditou que fôsse o negrinho fugido há vinte anos. O diálogo é lembrado até hoje:

— Mas "vancô" é mesmo meu filho? Não "aquerdito..." Dê prova. — exigiu o Malakias.

E o Benjamim desfiou os nomes de toda a família:

— Gente! Sou filho do senhor e da mãe Leandra. Tem o João, tem Eduarda, tem... (E lembrou o nome de todos os irmãos.

Depois disso voltou à cidade natal e obteve uma consagração. Feriado municipal. Missa na matriz pelo padre Paulino, que batizara toda a família. E o tempo foi correndo. Trinta anos de picadeiro, quarenta... Quanta gente passou pelas mãos de Benjamim! Ada Garrido, Aracy Côrtes, Cacilda Gonçalves, todas hoje se orgulhando em dizer que nasceram e se fizeram no circo de Benjamim de Oliveira.

VAMOS CANTAR "A VIÚVA ALEGRE"

Um pouco antes da guerra de 14 a opereta "A Viúva Alegre" tomou conta do Rio. Sua música figurou, certa vez, em todos os teatros da cidade. Benjamim de Oliveira aos poucos fôra trocando o picadeiro pelas representações teatrais no próprio circo. Seu ideal era progredir sempre, representar papéis cada vez mais difíceis. Ele chamou todo o elenco e avisou: — Pessoal, amanhã nós vamos ensaiar "A Viúva Alegre". — Daí a dias o austero elenco do Teatro Lírico, que também levava a opereta, ficou escandalizado. "A Viúva Alegre" num circo! Que desmoralização! Apesar da "onda", foi um dos maiores sucessos da carreira do dinâmico Benjamim de Oliveira. Daí para a frente ele passou a levar no palco do circo qualquer peça que fizesse sucesso em nossos teatros. Amante da ópera, frequentando assiduamente as "torrinhas" do Municipal, Benjamim, com facilidade, achava um meio de transplantar para o seu pavilhão as peças famosas.

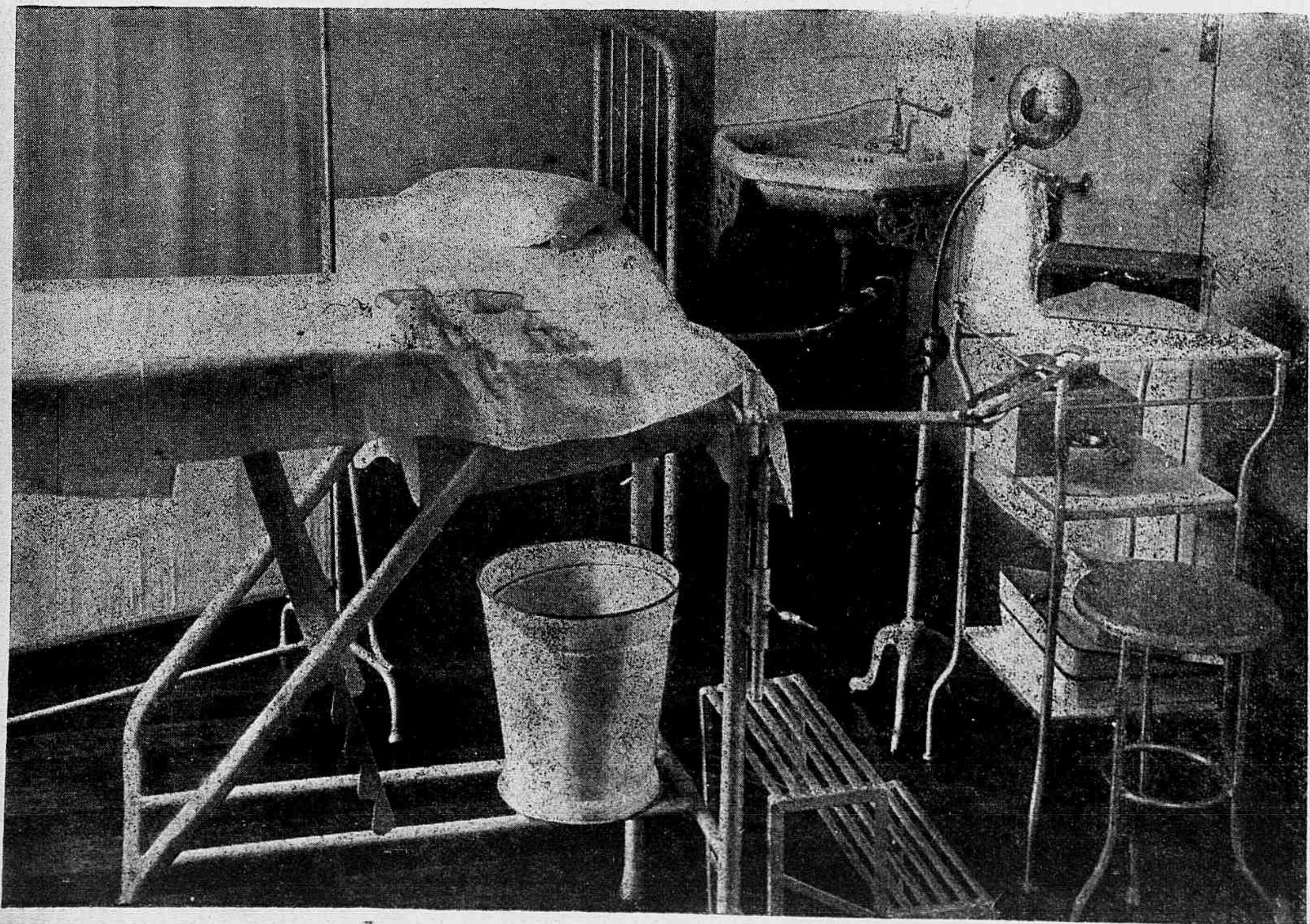
(Cont. na pág. 54)

Benjamim de Oliveira tem o dom de entreter a criançada, não só com as suas graças do picadeiro, como também com as suas histórias de sacis perêre e de mulas-sem-cabeça. As histórias ele as aprendeu de seu pai, o preto Malakias, que veio de Moçambique, como escravo, para as terras de Minas Gerais.





Ao alto — Quem passa pela rua Jardim Botânico e olha despreocupadamente para o prédio n.º 997, longe está de supor que naquela modesta casa funciona um dos mais completos e eficazes serviços de assistência social do Rio de Janeiro. E' apenas um organismo particular, por isso mesmo de ação rápida e eficiente, protegendo e amparando no momento preciso quantos ao mesmo recorrem. Um distico, ainda mais modesto que a casa, diz apenas: "Caixa Beneficente dos Profissionais do Turi". Se o leitor quiser ter uma surpresa, como nós a tivemos, que entre. Verá como se trabalha verdadeiramente, pelo bem estar coletivo, num ambiente acolhedor e amigável. Em baixo — Aspecto parcial da sala de gynecologia, bem aparelhada, como de resto o são tôdas as dependências da Caixa, para servir o mais rapidamente possível a sua numerosa clientela.



AS GRANDES OBRAS SOCIAIS

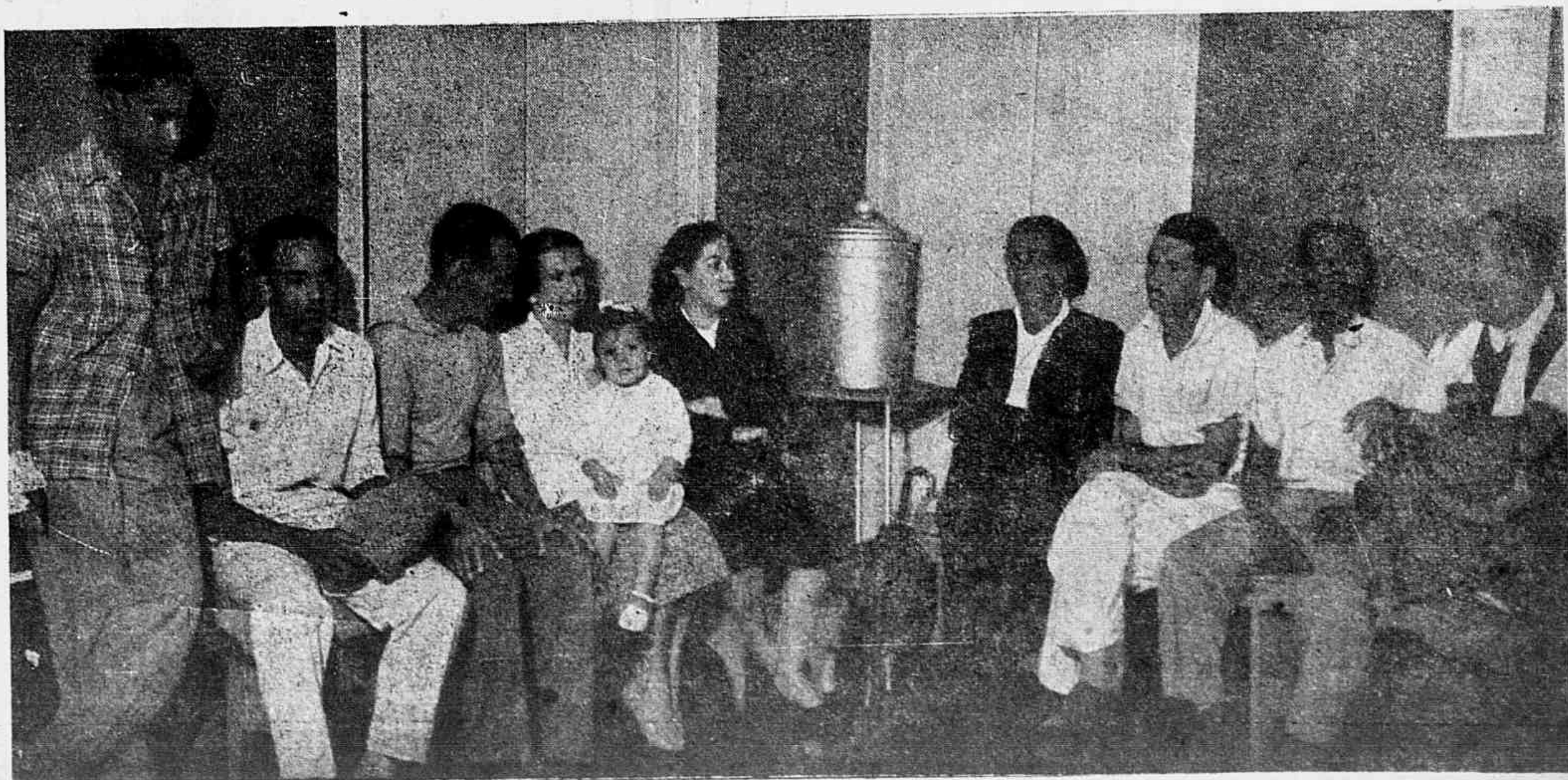
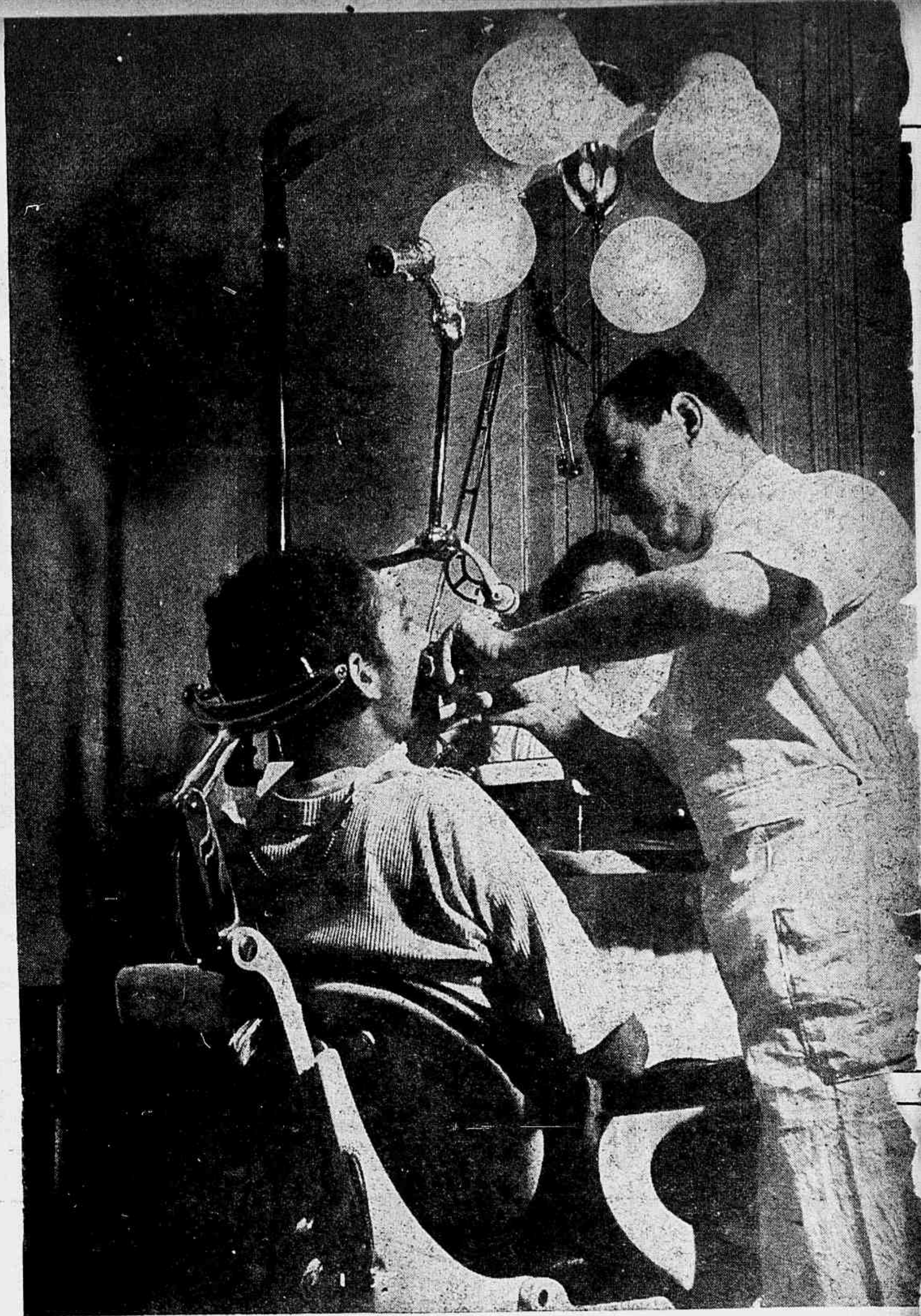
A mole humana que, diariamente, se locomove por essa belíssima reta, que é a rua Jardim Botânico, e é extraordinariamente aumentada sempre que se abrem os portões do hipódromo da Gávea, não tem a atenção despertada para o aspecto modesto do edifício localizado acêrca de quatrocentos metros e do mesmo lado do Prado, no qual está instalada obra de beneficência e de verdadeira assistência social.

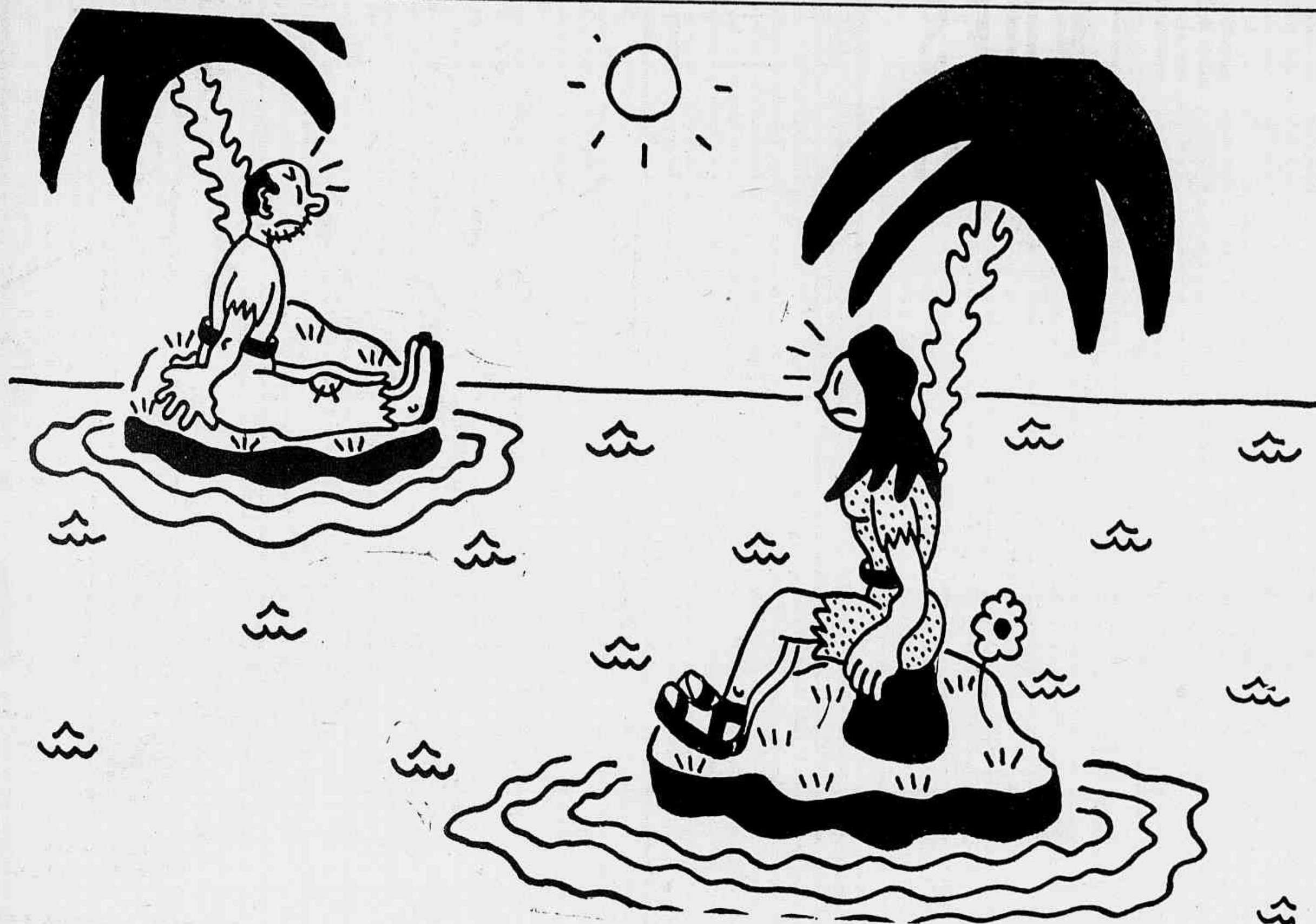
Passageiros de várias modalidades de transporte, num vai e vem contínuo, dirigem seus olhares, de preferência, para o lado oposto da rua, onde o maravilhoso cenário que a natureza proporciona, deslumbra, suavizando e atenuando os efeitos da luta tremenda e desigual que domina o espírito atormentado do homem moderno. No entretanto, do lado contrário, naquele edifício, há também uma obra de sensível beleza, de inestimável alcance, que por se processar tôda, singelamente, sem alarde, sem propaganda, nem por isso deveria deixar de atrair também a curiosidade ou o interesse, si se soubesse o que de generosidade, de bondade e de desprendimento ali existe, palpita e contribui para minorar os sofrimentos de considerável grupo de trabalhadores.

São os dois planos distintos da realidade universal. E' a tendência à ordem perfeita do mundo físico; é o anseio à perfeição do mundo moral. A beleza natural da paisagem e a beleza da instituição que se chama Caixa Beneficente dos Profissionais do Turf, entidade criada há longos anos e reformada há pouco mais de um lustro pelo espírito admirável e caritativo do inesquecível Lineu de Paula Machado. A Caixa Beneficente, uma das glórias daquele espírito benemérito e multiforme, atende a todos os profissionais do Turf — tratadores, jôqueis e cavalariços, assiste à maioria dos empregados do hipódromo e estende tais benefícios aos dependentes dessa unida e numerosa família de trabalhadores do nobre esporte.

(Esta reportagem continua no próximo número)

Todos os serviços da Caixa são providos das mais modernas instalações e atendem a mais de mil associados, que com suas famílias totalizam cerca de cinco mil pessoas que recebem assistência médico-cirúrgica, hospitalar, farmacêutica, dentária, etc., sem o mínimo dispêndio nem desperdício de tempo. A fotografia acima, feita no magnífico gabinete dentário, mostra um associado sendo atendido pelo dr. Jayme Amaro, um dos odontologistas da Caixa. Em baixo — Essas pessoas que aí estão aguardando a sua vez de serem atendidas, homens, mulheres e crianças, que são às dezenas diariamente, dispõem de um serviço de proteção e auxílio que lhes faculta o médico, o dentista, o hospital, o remédio a enfermagem, o laboratório e a ajuda financeira, no momento justo e preciso, mediante uma módica contribuição mensal.

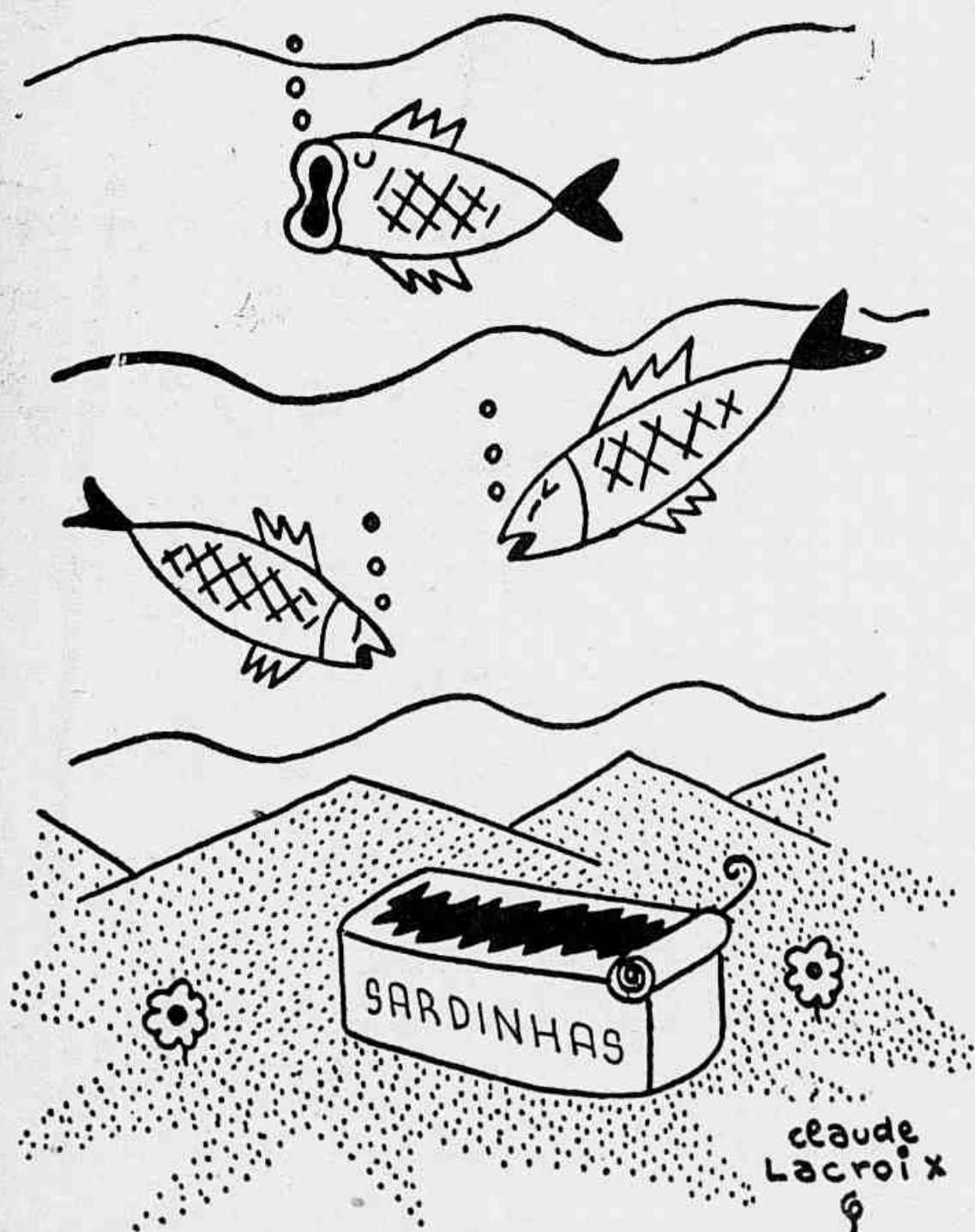




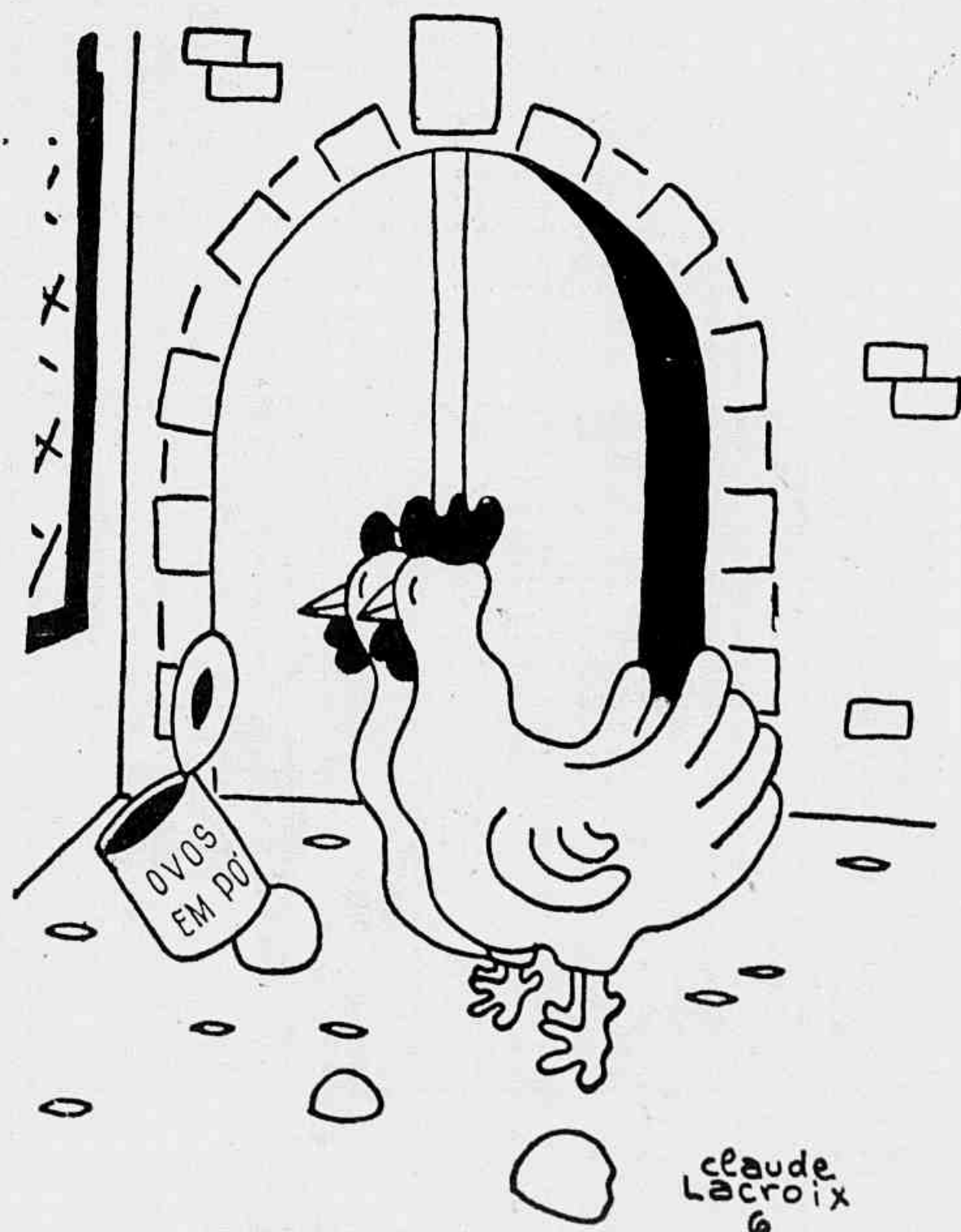
— E' ou não é uma pena que nenhum de nós dois tenha aprendido a nadar?

BOM HUMOR

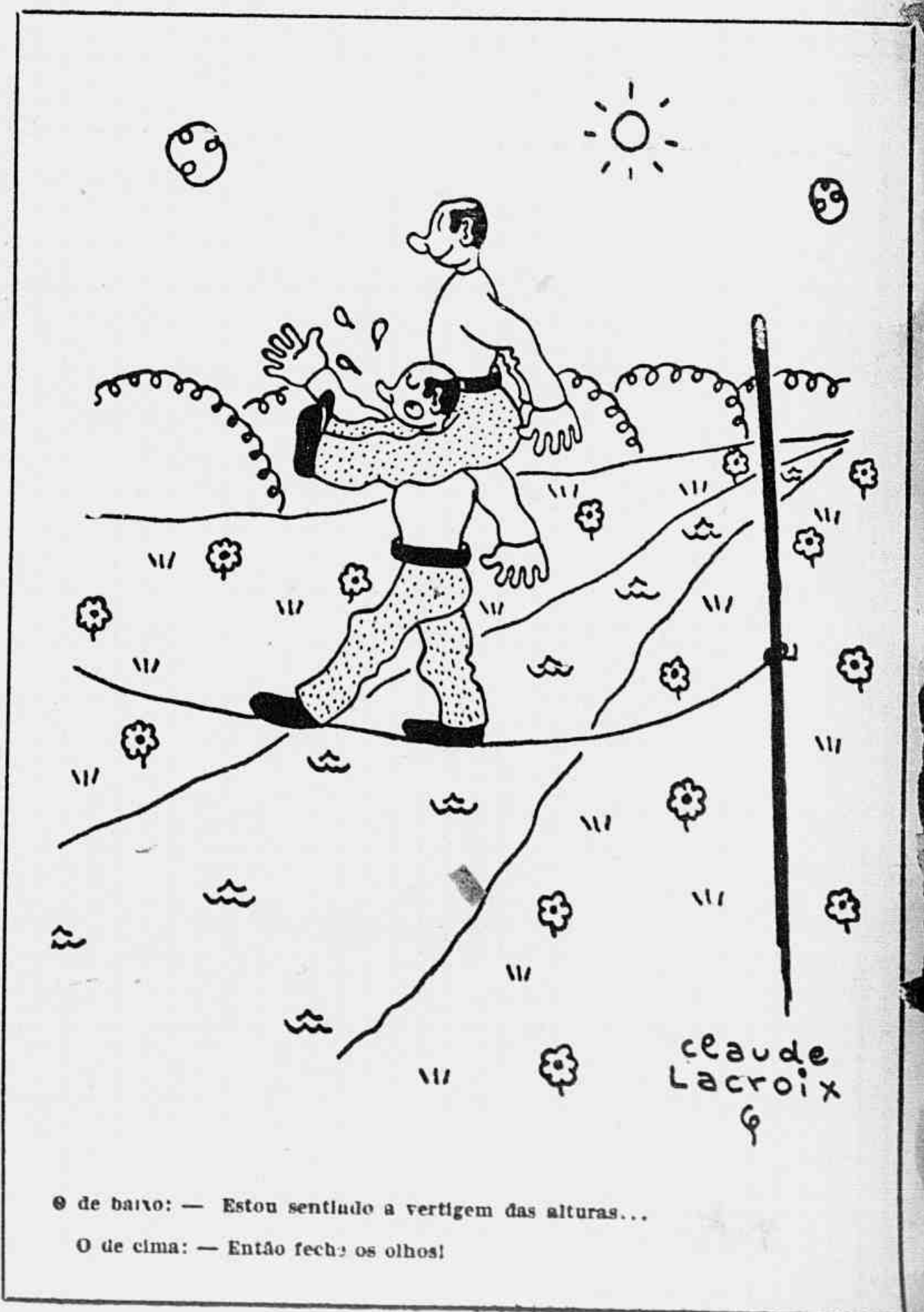
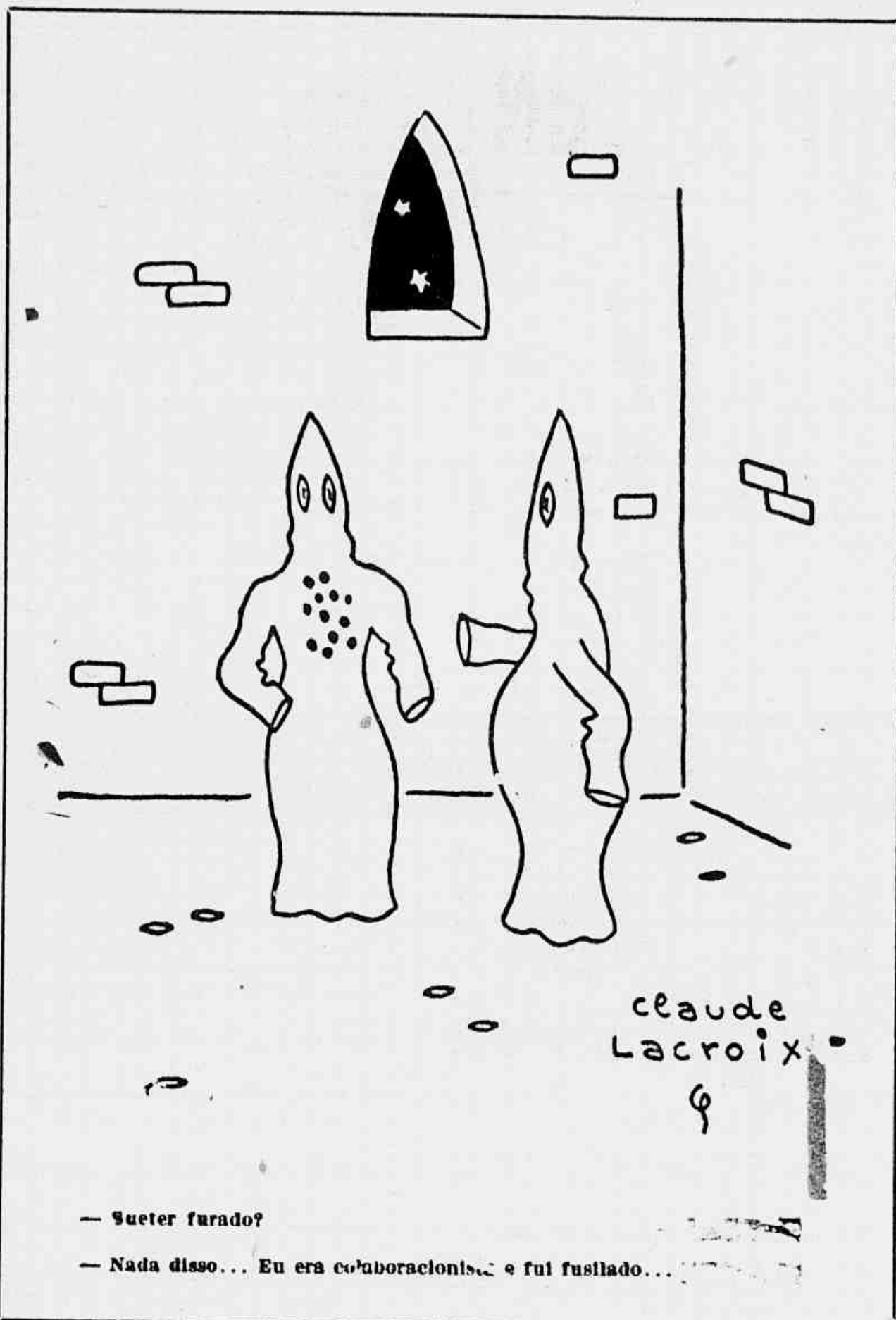
PARIS, setembro (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Claude Lacroix, o jovem desenhista francês de cuja lavra "REVISTA DA SEMANA" já publicou uma série de "charges" humorísticas, volta hoje a colaborar no nosso magazine. As "charges" de Claude Lacroix que aparecem neste número, são inéditas, feitas exclusivamente para "REVISTA DA SEMANA", e enviadas de Paris através de Nelson Valner, nosso enviado especial (Europa).



— Cuidado! Um campo de concentração!



— Estás vendo? Aniquilaram nossa prole num forno crematório...



A VIDA DE MENDELSSOHN

(1809-1847)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Ele principiou a compôr aos dez anos de idade. Aos onze, escreveu um trio para piano, uma sonata para piano e violino, quatro peças para órgão, uma opereta cômica em três cenas e uma cantata. Aos doze, compôs cinco quartetos para cordas, nove fugas, várias peças para piano e mais duas operetas. Aos treze, deu o primeiro concerto de piano. No dia do seu décimo quinto aniversário, a sua ópera Os Dois Sobrinhos, foi ensaiada pela primeira vez com orquestra. Nesse mesmo ano, assistiu ao remate da sua décima terceira sinfonia. E aos dezessete anos, regiu a própria abertura de Sonho de Uma Noite de Verão.

O talento literário era nele tão precoce como o gênio musical. No dia 6 de novembro de 1821, foi levado a fazer uma visita a Goethe. E eis aqui a carta que esse "homem de sociedade" de doze anos escreveu à mãe acerca do sábio de Weimar: "Não me parece que a figura do velho senhor seja imponente. Ele não é muito mais alto do que papai; mas o seu olhar, a sua linguagem, o seu nome — estes, sim, são imponentes. Ainda não lhe branqueou o cabelo, o passo firme, as maneiras, suaves. Todavia, a ressonância de sua voz é maravilhosa, e ele é capaz de bradar como dez mil guerreiros".

Felix Mendelssohn herdou o aparelhamento intelectual do avô, Moisés Mendelssohn, o pequeno e corcunda "Sócrates judeu" cuja sabedoria cômica sazonal os banquetes intelectuais na corte de Frederico, o Grande. Durante uma geração permaneceu estéril o gênio dos Mendelssohn. Abraão Mendelssohn, filho de Moisés e pai de Felix, referia-se zombeteiramente a si mesmo como um simples hífen entre duas sílabas inspiradas. Foi, entretanto, mais do que isso. Foi o instrumento para a transmutação da semente da filosofia na flor da música.

Felix não era o único membro musical da família Mendelssohn. Sua irmã, Fanny, nascera também — para usar da expressão da própria mãe — com "fugas de Bach nos dedos". O treino musical das duas crianças principiava quase com a infância, tendo sido a mãe a primeira mestra. A situação folgada da família — Abraão Mendelssohn era um próspero banqueiro — permitiu às crianças receberem uma educação ao mesmo tempo geral e musical. Proporcionaram-se-lhes os melhores professores que então se poderiam encontrar de latim, grego, história, desenho, harmonia, piano e violino. Principiavam as aulas às cinco da manhã e prolongavam-se pela noite adiantada. Essa interminável e incessante atividade estava no sangue dos Mendelssohn. O avô de Felix, Moisés, lograra duas coisas (dizia ele) através da sua devota aplicação aos estudos: uma cabeça assada e as costas tortas. Conquanto as costas de Felix continuassem retas, comprometera-se-lhe a saúde. Imprudente, cavava os alicerces de uma carreira precoce e de uma morte prematura.

Quando criança, entretanto, foi atlético e belo como um jovem príncipe do Velho Testamento. O talhe delgado, os cachos negros, os olhos escuros e ardentes e o delicioso sorriso, aliados ao talento, faziam-no querido de todos. Goethe, referia-se afetuosamente a ele como "o meu pequeno Davi que toca para mim, velho e rabugento Saul, quando me enfado do mundo".

Felix possuía o encanto de Davi e também seu orgulho. Uma noite, por ocasião da sua visita a Goethe em Weimar, foi chamado para tocar diante da grã-duquesa, na corte. Ao chegar, levaram-no para um vestiáriozinho e lhe ordenaram que esperasse. Durante meia hora ralou-se de impaciência. Por fim, pegou do chapéu e precipitou-se para fora. Um lacão procurou detê-lo: "Não vá", preveniu-o. "O senhor ofenderá Sua Excelência com essa grosseria".

"Sim?", replicou Mendelssohn "Pois diga a Sua Excelência que me ofendeu com a grosseria dela".

II

O pai de Mendelssohn decidira educar a família na fé cristã, não que andou

com acerto. O ser judeu na Alemanha do século XIX era perigoso e árduo. Uma poucas gotas de água na pia batismal realizaram, para Felix, o milagre, convertendo um caminho alcançado em estrada fácil. Em virtude da simples transferência do dia de guarda do sábado para o domingo, pôde Felix erguer-se perante o mundo como um gênio, em vez de erguer-se como um judeu. Não encontrou dificuldade em matricular-se na Universidade de Berlim. A família adotara o nome cristão de Bartholdy acrescentando-o ao nome judeu de Mendelssohn, e este nome cristão fez, para Felix, as vezes de um "abre-te sésamo" diante das portas do mundo educacional e social da Alemanha.

E o próprio lar dos Mendelssohn transformara-se no centro social e musical de Berlim. Leipzigerstrasse número 3 — uma propriedade digna de um rei. Atrás da estrutura principal estendiam-se sete acres de jardim que haviam sido, originalmente, parte do couro de caça de Frederico, o Grande. No meio do jardim, onde, como bênção, descia a luz do sol, erguia-se enorme pórtico, pintado de frescos, capaz de abrigar várias centenas de convidados. Aberto no verão e fechado com paredes de vidro no inverno, foi convertido em teatro e sala de concertos. Lá, o jovem Felix, "o menino que nascera num dia de sorte", sonhava os seus sonhos musicais e traduzia-os em beleza na presença de alguns dos homens mais bem notados da Alemanha — Alexander von Humboldt, Hegel, Heyse, Klingemann, Zeiter, Moscheles, Weber, Schleiermacher e Rietz. Para Mendelssohn era aquele si-

tio o Jardim do Paraíso, e muitas filhas encantadoras de Eva lá surgiam para seduzi-lo com a sua adoração e os seus flêrtes.

A vida, porém, não poderia continuar eternamente assim. Mendelssohn estava crescendo e, sem embargo da riqueza do pai, havia mistério pensar numa carreira para si. Cuidou o pai que uma viagem à Inglaterra poderia ser um bom começo para tal carreira. "Dar-lhe-a a oportunidade", disse ele, "de tornar conhecidos os seus talentos em outros países". Os ingleses tinham, é verdade, uma reputação de engolir como ostras, "calhaus de dissonâncias e confeitos musicais" com o mesmo deleite. Manifestaram, contudo, um desejo sincero de receber o compositor do Sonho de Uma Noite de Verão. Pediram-lhe fosse visitá-los. "Como um dos diretores da Filarmônica de Londres", escreveu Sir George Smart, "asseguro-lhe que a sua estréia se realizará debaixo dos melhores auspícios".

Mendelssohn chegou à Inglaterra na primavera de 1829. A cidade de Londres causou profunda impressão no jovem e sensível músico de vinte anos. "É medonho!" escreveu ele aos pais. "É alucinante! Sinto-me absolutamente tonto e confuso. Londres é o mais grandioso e complicado monstro que existe sobre a face da terra".

E esse "monstro grandioso e complicado" afeiçoou-se a ele e fê-lo rodopiar num remoinho de adulação. "Por Júpiter", confessou aos pais o rapaz, "toco melhor aqui do que em Berlim. E por que? Porque o público daqui demonstra maior prazer em ouvir-me".

A Filarmônica executou a sua Sinfonia em Dó menor, e Mendelssohn dirigiu-a. Ao ser apresentado aos executantes por ocasião da estréia, "alguns dentre eles", escreveu Felix, "pareceram achar graça naquele sujeitinho de batuta branca substituindo-lhes o empoado e imperuado regente". Terminado, contudo, o ensaio, transformara-se-lhes em assombro o divertimento. O bom êxito do ensaio repetiu-se no concerto. Os críticos, assim como o resto do auditório, arrebatados, deram vazão a extravagâncias de entusiasmo. Esqueceram-se das imperfeições da sua música diante da perfeição dos seus gestos. Que estranho fenômeno, esse jovem compositor-regente — pouco maior, no físico, que uma criança, e no talento, pouco menor que um deus!

Cinco dias após a sua estréia como regente, apresentou-se ele pela primeira vez como pianista. Tornou a audiência a ouvi-lo e fitá-lo pasmada, pois tocou de cor a partitura inteira do Concertstück de Weber. Tão apinhada estava a sala que muitas senhoras, ao que dizem, "eram vistas entre os contrabaixos, os fagotes e as trompas, e uma delas sentada num dos timbales!"

Mas se Mendelssohn era o observado de todos, era também o observador de tudo. Sentado ao piano, não se lhe atarefavam menos os olhos do que os dedos. Após o concerto, registrou as impressões que lhe havia causado o auditório. "Divertiu-me observar os chaprins das senhoras agitarem-se a cada pequena cadência, o que a mim, a muitos críticos fez lembrar o vento num campo de tulipas. Notei que algumas das que estavam no palco eram muito bonitas, e que Sir George, que divisei num volver de olhos, tomou uma pitada de rapé".

Assim, tendo conquistado os ouvidos e os corações de Londres, estendeu à Escócia a triunfante digressão artística. Essa terra de "florestas serranas e cavernas encantadas" inspirou-lhe algumas das suas músicas mais deliciosas — a Sonate Escossaise, a Sinfonia (escocesa) em Lá menor, e a abertura Hebrides, mais conhecida como as Ilhas de Fingal. A magia dos panoramas escoceses não só lhe despertou a fantasia musical senão ainda a poética: "Quando o próprio Deus se mete a pintar panoramas", escreveu numa carta da Escócia, "faz quadros estranhamente belos".

Da Escócia, regressou a Londres, onde se consagrou a duas tarefas de inusitado interesse — uma peça para órgão para o casamento de sua irmã Fanny com o pintor Wilhelm Hensel, e uma opereta para a boda de prata dos pais. Anslava por terminá-las a fim de as levar para casa a tempo para a dupla cerimônia. Todavia, um acidente desmanchou-lhe os planos. Estava ele numa carruagem, quando esta, tombando, lhe caiu sobre uma das pernas. Ao ser removido dos escombros, verificou-se que ele machucara severamente o joelho. Em vez de tocar por ocasião das núpcias da irmã, foi obrigado a mandar-lhe uma carta congratulatória do leito em que jazia.

Ficou de cama dois meses — período de inquieta impaciência, cataplasmas quentes, odores nauseabundos e penhas sangrantes, "durante as quais sentia cair toda a sua energia criadora, gôta a gôta, na bacia".

Recobrada a saúde, reencetou as viagens. Onde quer que fosse — Munich, Viena, Veneza, Bolonha, Florença, Roma — era "o queridinho de todas as casas, o centro de todos os círculos — O filho mimado, mas generoso, da fortuna. "Ele era sinceramente dedicado aos amigos", escreve o seu biógrafo Devrient. "Era, de feito, uma felicidade ser amado de Felix". E amá-lo. Toda a gente buscava amá-lo. "É muito para admirar que o egoísmo não preponderasse mais do que preponderou sobre a sua ingênita nobreza". Ele possuía, felizmente, senso de humor, uma facilidade em compreender a pequenez do homem dentro da grandeza do universo. Como os outros Mendelssohn, habituara-se a olhar o mundo por um pris-



FELIX MENDELSSOHN

NOITE DE INSÔNIA

Conto de OLINTO L. GALVÃO FILHO

Ilustração de ABELARDO ZALUAR

SÃO 11 e tanto da noite. Todos em casa já estão dormindo. Pela redondeza tudo está silencioso. Há pedacinho havia caído uma neblina.

Estou sem sono.

Lembrando-me de um conselho lido num livro de Arnold Bennett, que devemos aproveitar uma noite de insônia escrevendo sobre um assunto qualquer, passo a mão em uma folha de papel e com um lápis começo a forçar a cabeça.

Não muito longe ouço a música da electrola de um bar próximo que não fechou ainda.

Vez por outra chispa um carro no calçamento molhado. As vezes é o ronco forte de um caminhão de 10 rodas de Paraaírim que perturba o silêncio de nossa avenida.

Dou mil voltas com o pensamento para ver se me lembro de alguma coisa para rabiscar e não arranjo nada. Não aparece noca.

Agora vem água mesmo de verdade. Começa a chover grosso.

Um grilo de um canto ignorado do meu quarto põe-se a me chatear com o seu cantar estridente, tirando-me toda a inspiração. Apelo para a imaginação, para ver se consigo um voo fácil, mas... está difícil.

Uma multidão de fatos desfilam pela minha vista. Começo a pensar no que estão fazendo, a estas horas os soldados aliados na Alemanha Ocupada; na sensação de enfado de um passageiro meio sonolento ao descer, em viagem aérea intercontinental, numa dessas esquinas do mundo como Fort Spain, Trinidad, Natal, Casablanca ou Miami; na vigilância dos marinheiros de plantão em alguma belonave das Nações Unidas que, neste momento, atravessa, patrulhando, o mar do Japão; nos fantásticos anúncios luminosos da Broadway em New York, que não param nunca de piscar; no sono penoso de um soldado que é despertado para ir render um colega que já terminou o seu "quarto"; em um pobre sapateiro que até tarde da noite mantém luz em sua oficina para aprontar um serviço que ficou de entregar no dia seguinte; em um jumento que, em algum campo qualquer do nosso interior, está a cinear, marcando a hora exata; em um hospede retardatário e mal educado que chega altas horas da noite, pisando com força, acordando o bovo todo, de um hotelzinho ignorado do interior brasileiro; e na cerração que paira sobre Londres, envolvendo as luzes brilhantes dos quarteirões aristocráticos de Regent's Park, embaciando os globos luminosos de suas pontes, escondendo as tabernas de suas "Docks" e a penumbra dos grandes edifícios.

De súbito, dou uma recuada na mente. Deixo a umidade da velha Inglaterra e venho roçar as costas aqui bem perto, no interior nordestino. Ouço o cocoricar dos galos e a música de um fobó onde há batuque no barro batido da sala de frente de um casebre, na entrada de um lugarejo que não conheço bem. A modinha da concertina começa a me atrair. Chego mesmo a sentir o cheiro do pitulim, do suor e da cachaça da negrada que samba.

Mas, um momento! Largo o baile e calo em mim. Chamo o pensamento aos carretéis, dou um freio gritante e raciocino:

— Estou perdendo muita coisa por aí a fora. Estão acontecendo centenas de coisas, em centenas de lugares diferentes...

Em dois tempos, e já começo a atravessar o Atlântico em busca da África. Vou ver se acho o exótico. Sempre gostei do exótico. O meu "Imagination" registra uma rapidez estonteante. O tempo de velocidade é por segundo e fracção. É tão ligeiro o meu aparelho que vejo a Terra girando lá em baixo, de encontro a mim, como se quisesse poupar-me o trabalho de atravessá-la.

Avisto Dakar e não me detenho. Passo direto. Agora vou por cima do Sahara. Penso nas aventuras dos livros de Malba Tahan e Karl May e quero ver lá em baixo se topo com uma parada tipicamente mourisca. Num mergulho de um quarto de segundo pego a areia fria do deserto. Dirijo-me a um oásis, mas encontro tudo dormindo. Sob a multidão das estrelas no firmamento ressonam num acampamento, cheiques, beduínos, favoritas e camelos. Nada feito. Resolvo atravessar de vez o Sahara e eis-me chegando em Alexandria. Em quatro segundos atravesso todo o Continente Negro.

(Cont. na pág. 58)

Premiado no Concurso Permanente da
"REVISTA DA SEMANA"



ENQUANTO a Tempestade lírica se despedia com uma récita desastrosa, a Temporada de Concêrtos ganhava maior relêvo com a apresentação de Madalena Tagliaferro e, no setor sinfônico a OSB entrava, conduzida pelo seu filho pródigo, Eleazar de Carvalho, divulgando, em primeira audição no Brasil, algumas produções de compositores americanos contemporâneos, entre os quais figurava, com destaque, Aaron Copland, que está pronunciando, atualmente, uma série de conferências no Instituto Brasil Estados Unidos, como convidado especial daquela instituição cultural.

«MEFISTÓFELES» FOI O DIABO!...

Difícilmente a Sociedade Artística Brasileira poderia ter encontrado um fecho mais infeliz para uma série de espetáculos que contou com magníficas vitórias — sucessos populares e sucessos junto à crítica mais exigente. A pressão das complicadas questões internas pode, evidentemente, ter determinado esse encerramento menos recomendável. Mas não indagamos das causas, porque, quando os bastidores do Municipal passam a figurar nas colunas da imprensa, arma-se à vista do público um drama mais horripilante do que os infortúnios dos heróis de tantos libretos de capa e espada... No Municipal, o que se passa atrás da cortina... nem é bom falar...

Ficamos na plateia, portanto... «Mefistófeles», a cuidadosa e, sob muitos aspectos, vitoriosa adaptação do Fausto de Goethe, feita por Arrigo Boito, aproxima-se mais do original do poeta alemão do que a versão «opéra comique» que Barbier e Carré escreveram e Gounod musicou. Aliás, Boito foi um dos maiores libretistas do seu tempo. Traduzindo Shakespeare, afim de fornecer a Verdi material para uma de suas óperas mais valiosas, Boito revelou sua sensibilidade artística e seu talento literário. A partitura de «Mefistófeles», composta com esforço laborioso, é, contudo, mais uma demonstração da erudição musical de Boito do que, propriamente, uma realização musicalmente importante. Para o estudo dos musicólogos, contém inúmeros detalhes curiosos e sugestivos; porém tomada em seu conjunto, não revela mais do que uma construção paciente e bem concebida, faltando-lhe a quê e



MADALENA TAGLIAFERRO — Mais um recital, mais um triunfo.

MÚSICA

ÓPERA, PIANO E SINFONIA — O QUE HOUE ATRÁS DA CORTINA... — «MEFISTÓFELES» FOI O DIABO — DE GOIAZ AO RIO DE JANEIRO — MÚSICA FRANCESA CONTEMPORÂNEA — A VOLTA DE ELEAZAR DE CARVALHO.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

complemento indispensável de inspiração que funde os elementos selecionados para a tarefa numa unidade de estilo.

«Mefistófeles», sem dúvida, merece figurar no repertório de qualquer companhia lírica. Mas exige

intérpretes devidamente aparelhados para enfrentar as tremendas dificuldades de encenação, de dramática, além das puramente vocais. Giulio Neri, que mereceu referências elogiosas por parte da crítica em diversos outros papéis,

ficou bastante aquém da figura impressionante de Mefistófeles. Em primeiro lugar a extensão de sua voz não compreende, sem esforço, as exigências do papel. A vontade no registro médio, falha nos graves e nos agudos. Cênicamente, cheio de vivacidade, faltou-lhe, entretanto, a imponência que Boito quis dar ao seu «Mefistófeles». Além disso, a voz de Neri não tem aquela agilidade e aquela maleabilidade indispensáveis para tirar todo o rendimento de árias como «Son lo Spirito Che Nega...» «Ecco il Mondo» etc.

Gustavo Gallo, um tenor que veio não se sabe donde, cocorricou à vontade. Para chegar a ser um tenor, ele teria que aprender a cantar...

Maria Pedrini, que atravessou a temporada no estilo «rompe e rasga» deu-nos uma Helena de Troia que não convenceu quanto aos encantos físicos, nem deliciou pelos seus dotes vocais. Ouvimos agudos mais gritados do que emitidos. Ouvimos graves mais trovejantes do que cheios e seguros.

De todo o elenco, Violeta Coelho de Freitas foi o único ponto alto. Sua voz está adquirindo cada vez maior agilidade, ao mesmo tempo que se desloca para um registro de soprano lírico. Porém o que mais agradou foi a sua figura, a graça de Margarida, no segundo ato, e a força dramática do terceiro. A ária «L'Altra Notte in fondo al mare» foi interpretada com sincera e comunicativa emoção, vencidas as dificuldades da tessitura com segurança e a propriedade. Violeta Coelho Netto é, sem prova, uma de nossas melhores cantoras.

DE GOIAZ AO RIO DE JANEIRO

A cultura musical, que Madalena Tagliaferro divulga em aulas famosas de interpretação, está exigindo, para o desenvolvimento da nossa vida artística, uma ampliação do seu âmbito. Com exceção dos grandes centros — Rio, S. Paulo e, até certo ponto, Pernambuco — os outros estados, sem a assistência indispensável, ficam entregues aos seus próprios esforços.

Por isso é que anima e consola saber que há, espalhados por todo o Brasil, Sociedades, Grupos, Quartetos, Quintetos, pequenos Conjuntos e até Orquestras Sinfônicas que se vão formando guiados pelo

(Continúa na pág. 48)

Da esquerda para a direita: ELEAZAR DE CARVALHO; Aprendeu muito nos Estados Unidos — VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS; Só ela se salvou no «Mefistófeles» — AARON COPLAND; erudito e sofisticado.





CARLOS Navarro de Andrade, artista cômico de que a Rádio Globo lançou mão para contracenar com Colé e Celeste Aida, é filho de Santa Catarina, onde nasceu a dois de dezembro de 1910. Exerceu as mais disparatadas profissões e fez seu debut no rádio em São Paulo na qualidade de cantor de sambas, como exclusivo da Educadora. Nessa estação permaneceu por três meses, quando foi cortado por medida de economia. Vindo para o Rio, Arnaldo Sampaio convidou-o para tomar parte em "Poeira de Estrelas", programa apresentado pela Transmissora. Sua participação no mesmo animou a PRE-3 a contratá-lo, incluindo-o no "cast" de rádio-teatro. Nesse novo gênero veio a trabalhar no "Teatro policial", interpretando o "Pintacuda", além de tomar parte no "Teatrinho E-3". Com o ingresso de Cegilano Neto nessa emissora, foi incluído em "Conversa de torcedores", fazendo o papel de vascaíno. Trabalhou em "Cine-Rádio-Teatro", interpretando o capitão Renaud, de "Casablanca". Foi ainda o Tut Tong, de "Fantasma voador", história seriada que a Rádio Globo irradiou com sucesso. Citou nessa mesma história, o Chang e Kid Vermelho. Em "Rapsódia Carioca", escreve e interpreta "Cidade Maravilhosa", focalizando as deficiências e absurdos do Rio. É radiô-ator da Guanabara, trabalhando nos espetáculos da PRC-8 apresentados sob a direção de Zani Filho. Como compositor, tem gravado por Manézinho Araújo, a emolada "Festa do Arralá". No cinema, trabalhou em "Este mundo é um pandeiro" e "Azas do Brasil". É autor de várias marchas dos clubes carnavalescos.

SILVIO Caldas, uma das vozes mais bonitas do cancioneiro nacional, é cantor da velha guarda. Acompanhou o sucesso do saudoso Nonô, foi companheiro de serenatas de Luiz Barbosa e chegou ao rádio trazido pela mão amiga do advogado Máximo de Albuquerque que o recomendou a Milonguita, então diretor-artístico da Mayrink Velga. No seu "debut" ao microfone, teve como colegas, Francisco Alves, Patrício Teixeira, Gastão Formenti e outros. Nesse mesmo período gravou "Amoroso" e "Alô, meu bem", dois sambas que fizeram carreira. Mais tarde, quando da chegada do Príncipe de Gales, o "caboclinho querido" lançou "Para o Príncipe de Gales ouvir", número que chegou a interpretar para o representante da família real inglesa. Tomou parte no Programa Case, quando este era irradiado pela Phillips e tinha como locutor Cristóvão de Alencar. Festejou em Buenos Aires, cantando nas emissoras portenhas e chegou a travar relações com Carlos Gardel, de quem se tornou amigo. No decorrer de 1940, levantou o concurso de "O melhor dos quatro" instituído por "Cine-Rádio-Jornal" e a que concorreram Orlando Silva, Francisco Alves e Carlos Galhardo. Com Orestes Barbosa, compôs bonitas melodias, ainda hoje executadas com enorme aceitação. Fora do rádio, tem trabalhado em cassinos, "boites", cinema. Conhece o Brasil de ponta a ponta, esteve em Portugal e Espanha e visitou alguns países sul-americanos. Foi mecânico de automóvel, garimpeiro em Goiás e não temia enfrentar o pesado para ganhar o pão de cada dia. É casado e já possui uma neta. No momento, realiza uma temporada na Tupi, de São Paulo.

A 21 de agosto de 1940, estreou ao microfone da Rádio Nacional, depois de uma temporada de quatro anos da Rádio Club de Pernambuco, a conhecida artista Leticia Flora. Nessa emissora, tem participado de quase todas as novelas, criando tipos marcantes, como "Miquelina", de "Um fantasma de mulher" e Nega Balbina de "Um ralo de luz". Também participa de "Ama do Sertão", fazendo o tipo caricato da roceira, além de colaborar no programa "Fem bom!", de Celso Guimarães. No teatro, sua atividade ligou-se a várias companhias, destacando-se a "Companhia de Teatro Cômico", da empresa Pascoal Segreto. Excursionou pelas principais cidades brasileiras e esteve na Argentina e no Paraguai, trabalhando com uma companhia de comédias. É radialista há onze anos, embora conheça duas estações somente. Leticia Flora é viúva, possui um filho e gosta da vida do campo, adorando as crianças, os pássaros e as flores. Não acredita nem tem superstições. Sua criação máxima no palco foi a de Evangelina, da peça "Ladra", de Silvino Lopes. Ainda hoje sente saudades desse papel, que tanto agradou ao público de vários Estados. Fora da atividade radiofônica, a exclusiva da Rádio Nacional dedica-se ao lar, cuidando de seu primogênito que conta seis anos de idade e gosta de fazer travessuras. Leticia Flora tem recebido várias propostas para retornar ao teatro, porém, seus compromissos com a PRE-8 levam-na a rejeitá-las. Pernambucana de nascimento, pertenceu ao "Grupo Gente Nova" e na PRE-8, de Recife, manteve o programa "Vida do Sertão", com Nelson Ferreira, Luiza Oliveira e Luiz Maranhão.

NA série de valores da música erudita que a Rádio Roquete Pinto, vem apresentando, está Agna Cabanes. Cantora espanhola, nascida em Catalunha, sua atividade artística se fez sentir nos principais centros do continente europeu, onde interpretou páginas de Schubert, Beethoven, Chopin e outros grandes mestres. A guerra, porém, trouxe-a ao Brasil no decorrer de 1942. Agna Cabanes, distante do país de origem e sofrendo as consequências da hecatombe, procurou o sossego de uma fazenda no interior de São Paulo. Ali, a artista prosseguiu nos estudos, aprimorando seus dotes vocais e enriquecendo o repertório com outras tantas composições de classe. Por diversas vezes travou contacto com o público paulista, cantando em festas de arte e animando solenidades. Nos primeiros dias do corrente ano, transferiu-se para o Rio, vindo a trazer relações com as figuras mais destacadas de nosso meio artístico, muitas das quais a aconselharam a dar um recital de canto através do rádio. Agna Cabanes escolheu o microfone da PRD-5, ora em franca atividade artística. Nesse "debut" radiofônico, a interessante intérprete de música erudita cantou composições de autores espanhóis além de páginas de Chopin e outros mestres. Dotada de rara beleza a par de uma simplicidade encantadora, Agna Cabanes possui uma voz educada. Estudiosa, aproveita os momentos de folga para ler as biografias dos grandes músicos. Gosta de cinema, preferindo os filmes musicados. Não despreza as composições de autores brasileiros, alguns dos quais já teve oportunidade de interpretar. Sua grande ambição é vencer.



GENTE DE RADIO

**DE QUATRO
EM QUATRO**

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

DOIS ENCONTROS

havia passado da hora; mas que fazer, numa terra onde nem mesmo os britânicos cuidam mais de pontualidade? Enfim, quem sou eu para reclamar? Na próxima, tratarei de nascer de novo. Os incomodados é que se mudam não é isso mesmo? Afinal, surgiu a carroça. Muito devagar, mas sempre surgiu, o carro era um consolo. Alguns minutos mais e o carro me atrapalhou. Outros tantos minutos, gente. Muita gente até. Já não se pode mais ser Niterói o dormitório do Rio; dormitório das coisinhas mais, houve quem dissesse, razão. Hoje já não é; já há muitos que fazem o contrário. Mas, lá se abriam os portões na onda, «Correio» em baixo do braço, gente decidido a dividir a atenção entre o Rio e a baía, que estava límpida e fresca, o carro pertinho! Pelo jeito a barca iria apenas o que já é muito para quem está acostumado a não chegar a sentar-me. Uma voz me chamou uma voz amiga, que há muito não ouvia, e me trazia muito boas recordações de muito tempo. Esqueci completamente o jornal, a política, o item futebol, o item. O camarada valia o sacrifício. A clássica o tempo, assuntos inevitáveis, passaram rapidamente. Segui-os silêncio. Silêncio enjoa a razão de ser, ali. Lembrei-me então que os tempos, geralmente, quem mais falava o mesmo. Ele costumava ouvir. Talvez por gostar tanto de falar com ele. Talvez, com certeza. Mas naquele momento, não sei, não tinha vontade de falar. Talvez pela interrupção das nossas relações, pois dois anos haviam passado desde o nosso último contacto. Então ele acendeu um cigarro, deu-me estender o maço. Fumamos algum tempo. Notei-o então mais pálido, abateu aquela cor bonita da praia. Tinha as pernas moles, os cabelos grandes, desglossados, não era a bela estampa de outros tempos, mas ainda se lhe visse alguma coisa. Pensei. Achei-me então bem mais moço. Meu lado, da mesma idade que eu, estava o velho Pedro, tão acabado não sei por que. Atlético como ele, melhor, ex-ático, daquela época. Ah! pensei, talvez fosse o resultado da nossa juventude tão bem vivida; do nosso modo de vida, é claro. Achei-o triste, também. Isso era o pior. Ele já funcionou muito bem, pensei, talvez agora funcione mais por mim. Eu estava intrigado. Ai, felizmente, pois ele perguntou, ele virou-se para mim: «Este encontro com você, sabe? Não o esqueci. Fez-me lembrar de outro que tive, há...

parou. Olhou-me nos olhos. Não fiz comentário. Ele abriu a boca; tornou a fechá-la. Morreu a pele no canto da unha. Cuspiu-a longe. Filho, há coisas que descontrolam o sujeito.

Há, — concordei. — Imagine você, há coisa de ano e meio ou eu estava almoçando com um colega de sermão num restaurante. A prosa estava animada; ele lembrou agora do assunto, mas só podia falar de mulheres. Numa outra mesa, de frente para a suíte, um sujeito me olhava. Notei. Procurei vê-lo. A cara nada me disse. Olhos verdinhos, moreno, cabelos crespos, castanho vestido. Procurei lembrar-me. Nada. Afinal de contas, não é proibido olhar-se para outros. Se me fizesse alguma careta, provavelmente na mesma moeda. Ficáramos quietos não fez. Deixei-o de lado. «Que me dá vontade.» Quando acabamos de comer, o companheiro de mesa precisou sair com uma desculpa. «Deixa que eu vou.» Ele deixou e se foi. Eu caíra mais uma vez. Notei-me: «O dinheiro foi feito para circular. Guardei o troco e me levantei. Dei três passos e alguém me agarrou pelo ombro; aliás, perfeita delicadeza. Eu já me esquecera do sujeito; era o meu admirador de há pouco. O velho Pedro calou a boca e pareceu ficar parado algum tempo. Dei o aparte: — Era você, o tal sujeito? Não. Perguntou-me, um tanto contrafeito, já havia estado em São Paulo. Olhei firme

para o camarada e respondi: «Você é o Ciro!» Ele sorriu, satisfeito, e desabafou: «Então você é o Pedro mesmo». Sorrimos os dois. Olha, filho, eu fico besta quando penso nisso. Como foi que reconheci o camarada, assim tão de repente? Ele para mim era morto. Não existia mais. As vezes, eu me recordava de lá, de São Paulo, do pessoal do colégio. Daquela eu não tinha a menor memória. Não existia. E, por uma simples referência ao lugar surgiu tudo lá de onde estava guardado! E as recordações me vieram aos montes. Minha atenção não dava para revê-las todas, assim de momento. Vieram aos borbotões; desordenadas, confusas. Aos poucos, enquanto conversávamos, caminhando pelas ruas, arrumando as todas direitinho. Os meus dois longos anos entre os paulistas! Eu era criança, nós todos éramos criança, na sala do velho ginásio. Lembrei-me do velho Landim, o mais querido dos meus professores, de Português, doidinho por sinônimos. Embora você talvez não creia, eu já tive professores queridos; e muitos, todos lá em São Paulo. Esse Landim, nós fazíamos barulho, às vezes, só para ouvi-lo dizer: «Meninos, vamos parar com este barulho, com este rumor, com este borborinho, com este zum-zum!» Ríamos a bom rir, para dentro é claro, e ele mordida os bigodes e erguia uma sobrancelha, repetindo: «Zum-zum!» Nós éramos felizes; eu era feliz. Tinha bons mestres, daqueles que põem a mão na cabeça da gente e dizem: «Meu filho...» Eu os respeitava profundamente. Não esse respeito temor, como se respeita um Joe Louis, mas respeito consideração, estima, admiração. Eram mestres legítimos. Menos um. Este era a exceção, a infalível exceção. Mas dele eu já me esqueci de todo. Os colegas também eram bons. A maioria, que aos poucos se transformou em minoria. E isto somente por mágoa. Intrigavam-me com professores, com colegas amigos meus; implicavam comigo, mas não todos, é certo. Hoje eu os desculpo e compreendo. Crianças, geralmente, não têm espírito esportivo; não sabem perder. Eu era o «Carioca» e fui o primeiro da sala, de Março a Novembro, durante dois anos inteiros. Aqui pra nós, era natural que eles sentissem. E' como um time de futebol que vai a outro país e dá em todo o mundo: Fica tudo com cara de besta! Mas os outros colegas, os mais nobres, digamos, eram todos meus do peito, inclusive, é claro, o Ciro, contemporâneo além de tudo. Como já disse eu era o primeiro da sala, e como tal, frequentemente convidado por colegas a estudar com eles, coisa comum entre estudantes, ou mais claramente, a explicar-lhes o que por ventura soubesse mais do que eles, o que, à época, não era pouco. Eu tinha prazer nisso, como não podia deixar de ser. Era bem tratado em suas casas, e respeitado pelo meu cartaz. Isso me fazia bem, é claro, sem me envaldecer, no entanto. Poucos discutiam o que eu dissesse. Os professores, quase todos, mostravam confiança em mim, na minha capacidade, no meu futuro. Era como se estivesse escrito:

«Esse sim; esse vai longe». E aquilo não me perturbava absolutamente.

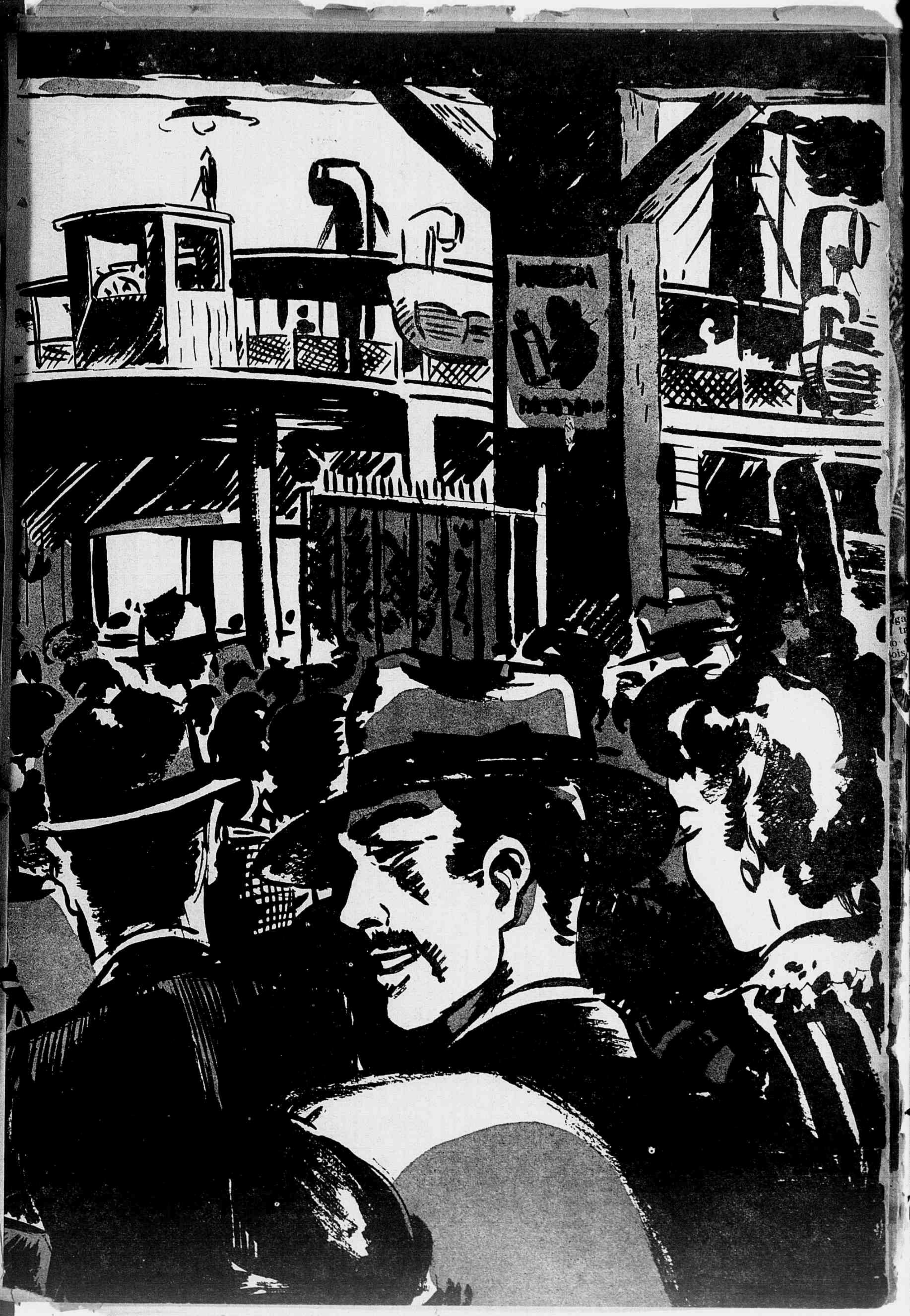
Eu me sentia capaz; confiava também, tanto quanto eles.

Pedro calou-se. Acendeu outro cigarro, sem me oferecer, e tragou fundo. Eu, que não posso ver defunto sem chorar, tratei logo de acender o meu «douradinho», refletindo sobre umas coisinhas. Ali estava o outro lado do meu velho companheiro de patiscadas. O lado respeitável, pensei eu. Seria aquilo um desabafo? Estava parecendo. Ele permanecia calado, melancólico. Olhei-o de lado. Faltava-lhe algo à expressão. Em compensação, muito havia de novo para mim. De novo mesmo, ou somente inobservado anteriormente? De novo, concluí, notando o brilho diferente dos olhos fundos, brilho estranho mas determinado, triste mas de esperança. Ausente estavam a leveza do olhar, o sorriso sempre presente, alegre, despreocupado. Ele sempre fora calado; não por não saber conversar, pois sobre o que costumávamos falar qual-

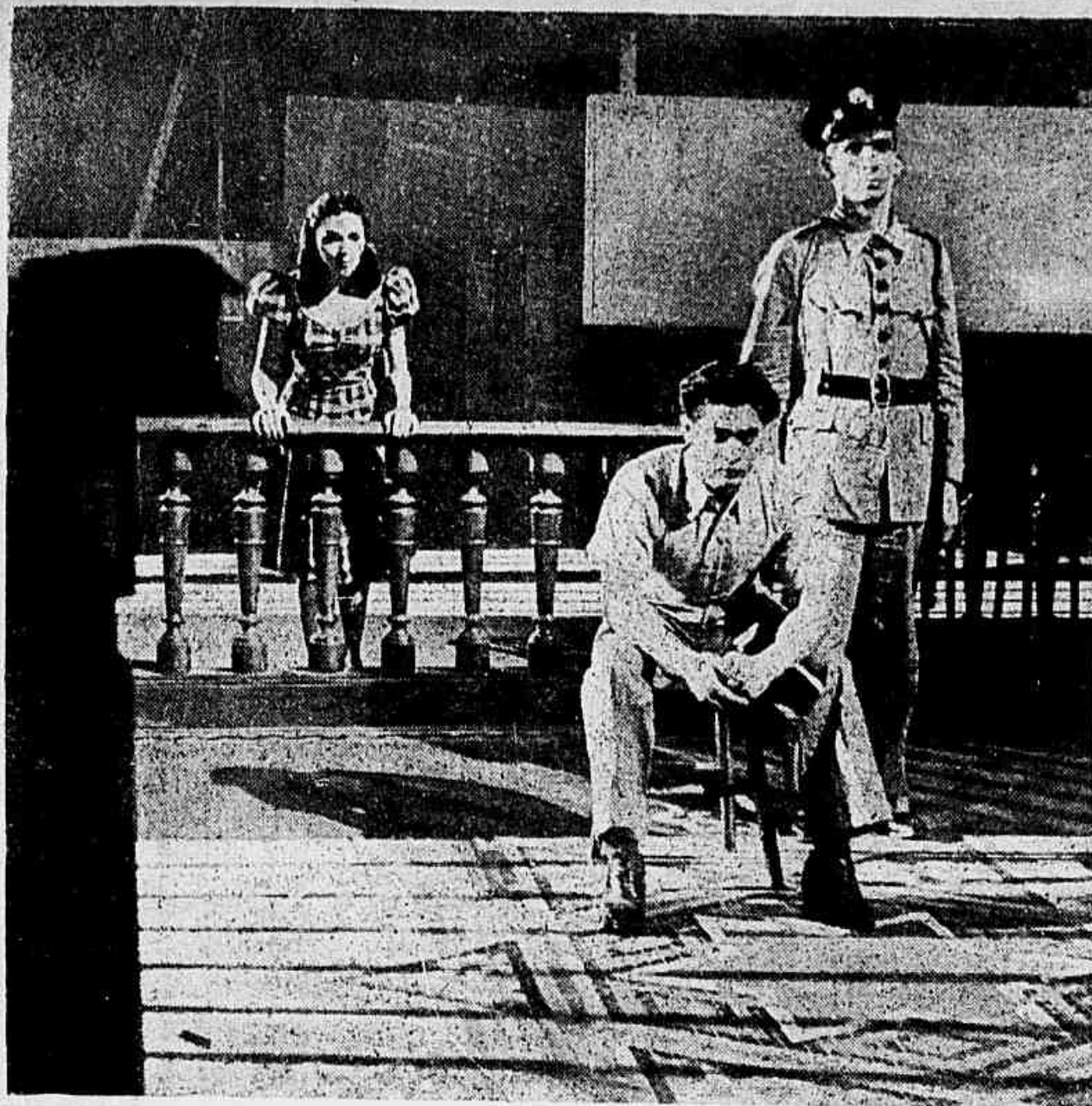
(Continua na pag. 58)

to de JORGE ARNALDO FORTES ★ Ilustração de ROBERTO GUIMARÃES
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA")









Ao alto à esquerda: Logo a seguir outra cena entre Teresa (eu) e Manoel (Sabu) ainda no tribunal. Note-se o guarda com o uniforme brasileiro. A direita: Outras testemunhas dão o seu depoimento. Eis Miss Nicolette Bernard, esplêndida atriz do palco inglês que interpreta com extrema compreensão do personagem a "Dona Serafina". Na página ao lado: Manoel e Teresa, o casal caboclo do film "End of the river", de Archers, dizem os ingleses magnificamente interpretado por Sabu e a vossa atriz, Bibi Ferreira.

UM FILME SIMPLES, MAS FABULOSAMENTE CARO

TRÊS EXPEDIÇÕES AO AMAZONAS FORAM NECESSÁRIAS À FILMAGEM DE "THE END OF THE RIVER" — SE FIZ BONITO, NÃO SEI. . MAS SEI QUE FIZ FÔRÇA

Texto e Legendas de BIBI FERREIRA

Fotos de CHRIS WARE (Adquiridos pela "REVISTA DA SEMANA" à KEYSTONE PRESS AGENCY, com exclusividade para todo o Brasil).

UM quarto de milhão de libras esterlinas já foi gasto num filme sem coristas, sem orquestras, sem fabulosos elencos, sem grandes cenários ou luxuosas "toilettes" — eis o preço do cenário natural da Amazonia. Há cinco anos que se prepara "End of the river", o

BIBI Ferreira, a encantadora atriz brasileira, que o nosso público está às vésperas de aplaudir novamente no Teatro Serrador, ao lado da Pro-cópia, na peça "Divórcio", de Clemence Dane, acedeu gentilmente ao nosso convite, para escrever uma nota sobre seu filme, "End of the River", prestes a ser lançado em Londres, e em redigir as legendas para a coleção de fotografias de Chris Ware, que acabamos de adquirir à Keystone Press Agency. Bibi Ferreira, autora de uma peça teatral recebida com aplausos pela crítica, desincumbiu-se com brilho da tarefa que lhe cometemos. E o resultado é o que oferecemos, nestas páginas, aos nossos leitores.

filme onde Sabu e eu somos, como dizem os ingleses, "co-star".

Anteriormente à viagem em que filmamos a película em questão, outras duas foram feitas pelo diretor Derek Twist, o escritor Robert Westerby e o editor Brereton Porter, para es-

Dick me maquiava enquanto Daphne, da publicidade vinha saber se havia novidades. Eu respondia... "...novidades não há Daphne, mas eu tenho que desabafar — tenho que lhe fazer uma pergunta: Quando é que acaba o frio nesta Inglaterra? Como é que vocês querem que eu represente uma moça dos trópicos com vestidos sem mangas, sem meias, feliz, feliz a 23 graus abaixo de zero, não é possível!". Daphne para me conformar um pouco, enquanto eu alinhava o meu cabelo, contava-me a última piada do dia: — Uma mãe passeava com seu filhinho ao colo uma certa manhã, no Hyde Park quando de repente a criaturinha olhou para o céu e desatou a chorar desesperadamente. A mãe, tranquilizando-o, disse — "Meu filhinho não se assuste — é apenas o sol!"





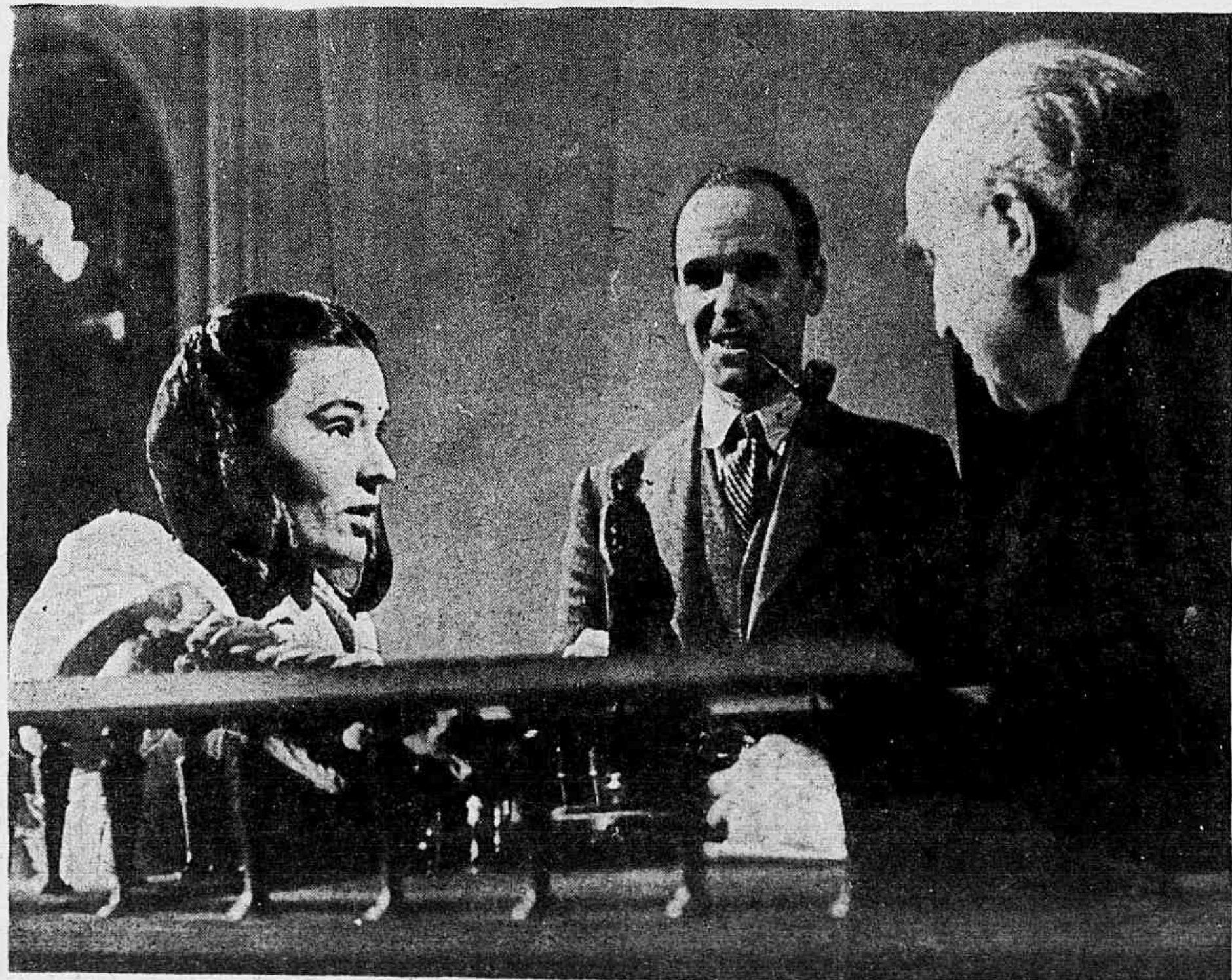
O retoque final com Mand a cabeleleira, Jimmy, o maquilador do "set" e escondida atrás de mim, Dorothy, a costureira, passando o meu vestido no próprio corpo com um ferro frio especial.

Torin Thatcher e James Hatter da televisão da B.B.C. A filha do grande ator inglês Frank Cellier, Miss Antoinette Cellier, interpretou um dos melhores papéis femininos.

— Foi um prazer e de grande proveito artístico e técnico para mim trabalhar com estes artistas — tôdas criaturas simples, muito amigas e satisfeitas e curiosas por trabalharem num filme passado no Brasil e com uma brasileira. Eu, então, lhes contava como o cinema e o teatro inglês são apreciados aqui. E que satisfação um dia, quando no Estúdio Britânico, com Somerset Maugham e Noel Coward, conversámos sobre os sucessos das peças de ambos em diversas cidades do Brasil. Estavam apresentadas as credenciais e em poucos minutos éramos velhos amigos. Que grande embaixatriz é a arte! Também outras celebridades visitaram o nosso "set" — Lawrence Olivier de cabelo oxigenado fazendo "tests" num "set" contíguo ao nosso para o "Hamlet" de Shakespeare, vinha sempre filar o nosso chá, pois este não é servido nos departamentos de "tests" e sim onde há filmagens. Vivien Leigh

tudarem as possibilidades climáticas da filmagem na Amazonia, tanto como a familiarização com os índios da fronteira Brasil-Guiana Inglesa, que já agora também são personagens do filme, até então um sonho da Archers Film Productions, de Londres. Eis agora a realidade — o filme pronto, editado e a publicidade para o mundo sendo estudada, brevemente estreará em Londres, depois em Nova York e Hollywood. Logo serão colocadas as legendas em português e, finalmente, a estréia no Brasil.

Trabalharam conosco artistas do Old Vic, o teatro clássico inglês, dirigido por Lawrence Olivier; — é o caso de Nicolette Bernard e Raymond Lovell; e também de outros palcos, como

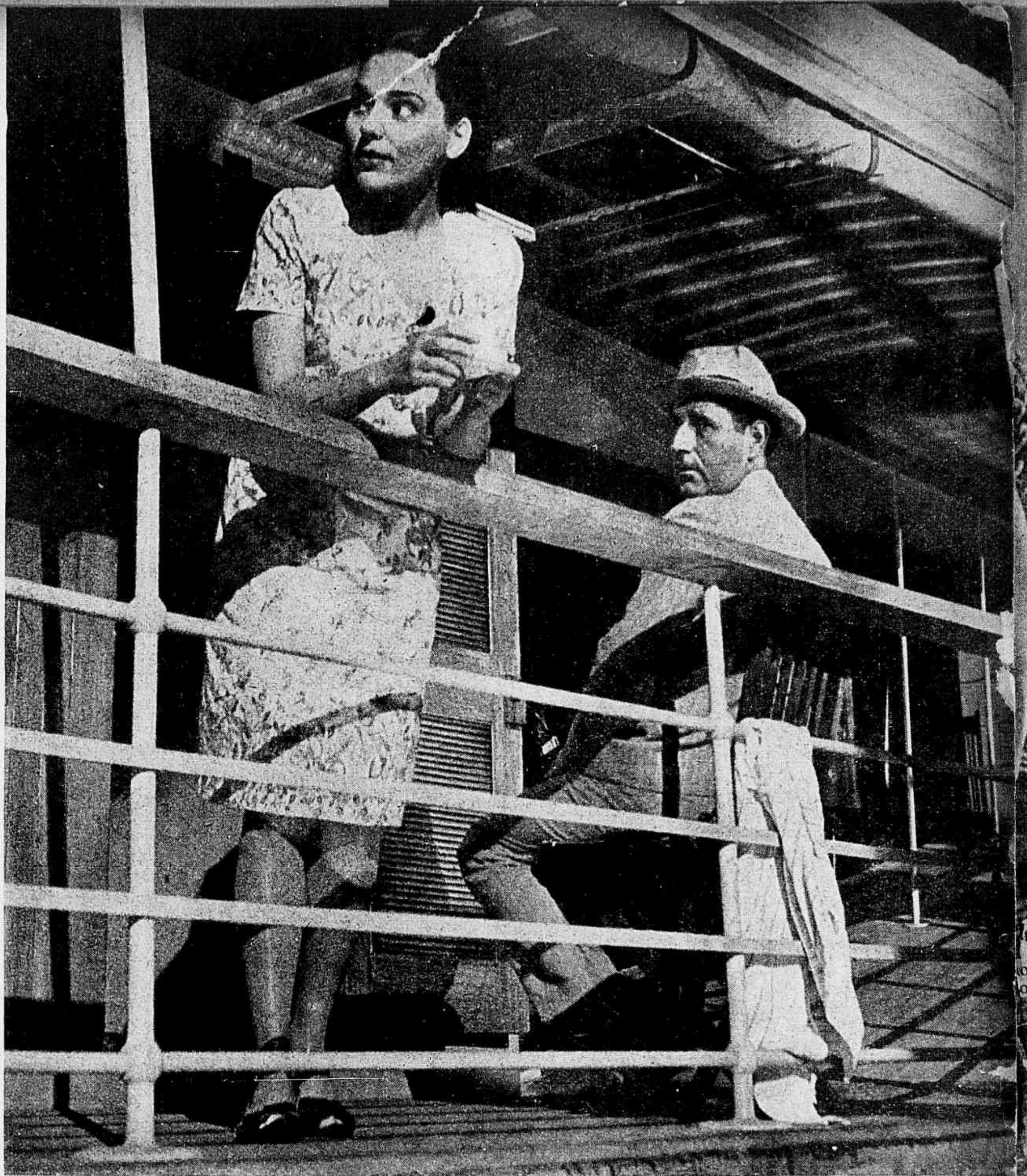


Ensalando a cena com o Juiz. O do cachimbo é o diretor Derek Twist explicando a intenção do diálogo e a devida expressão. — Tudo compreendido — o último ensaio — prontos para a filmagem.

E eis agora a figura de Teresa dos pés à cabeça. E' assim queridos leitores que apareço no meu primeiro filme, e sem nenhum atrativo de indumentária; vestido de chita, sandália ordinária, cabelo escorrido, "maquillage" rude. Mas o papel é bom e isso na minha opinião é o principal. Esta fotografia é tirada de uma cena do film no tombadilho do "galola" Tupan. Ao meu lado um extra que tenta no film conquistar a índia Teresa (eu).

e seu Larry almoçaram um dia na nossa mesa no restaurante do estúdio de Pinewood. Deborah Kerr, agora a maior descoberta da Metro, assistiu o meu "test" no ano passado. Anton Wolbrueck vinha discutir o seu próximo personagem com o nosso produtor, Michael Powell, que por sua vez foi o produtor daquele esplêndido filme "Invasão de Barbaros", com Anton, Lawrence Olivier, Leslie Howard e Raymond Massey, lembram-se? O sr. e sra. Burgess Meredith (Paulette Goddard) assistiram uma tarde de filmagem no tribunal de Belém, fielmente reconstruído. E por falar em Paulette, ela é baixinha como eu. Mary Martin, Diana Wynyard, Barbara Stanwyk, Robert Taylor, Ann Todd e outros estavam presentes na festa do último dia de filmagem de "End of the river". Enfim, a nossa Amazonia britânica esteve bem concorrida pelos astros da tela internacional.

Agora darei a minha opinião sobre o filme. E' uma produção



honestas, boas, humanas e dispendiosas. Os tipos estão bem estudados e dirigidos, e olhem que não é fácil um inglês parecer brasileiro. E' a maior interpretação de Sabu desde "Elephant Boy". Seu papel é difícil, de grande responsabilidade; tenho a certeza que ele será um sucesso. Quanto ao meu desempenho serei também muito sincera devido à caracterização de mestiça. As minhas toiles? Não existem — vestidinhos pobres, infe-

(Cont. na pág. 54)

"Silêncio", diz o diretor Twist; e prossegue... "Som! — Câmera! — Ação!" — A atmosfera é pesada, a respiração nervosa, os olhos dos técnicos fixos no juiz e em mim, eu resando para que tudo saia bem, para que não haja necessidade de refilmar a cena... o meu subconsciente, o sentido de responsabilidade numa fração de segundo, num abrir e fechar de olhos me relembra a expressão que o diretor me explicou, o tom de voz que o técnico do som quer, o movimento de cabeça que o "cameraman" exigiu, as frases que decorei, assim quebrando o silêncio, vivendo o personagem de Teresa, começo a falar — "In the police station they were kind to..."

Conto de HERMAN LIMA

Ilustração de ARMANDO PACHECO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

FOI tal qual a carta avisava: «Chegando no sobrado, suba a escada, abra a gradezinha do corredor e vá seguindo até a sala de jantar...»

Para subir a escada escura, sempre escura e ainda mais naquela hora, Belmira punha os pés com cuidado nos velhos degraus poídos, evitando qualquer rumor alarmante. A gradezinha, com o ferrolho fácil de abrir por fóra, cedeu logo. Parando no corredor silencioso e deserto, a moça olhou para uma porta e outra, no rumo da sala de visitas e da sala de jantar. Ninguém. «Não tenha medo de encontrar gente, que ela tem o cuidado de escolher a hora. Todos os dias é assim...» Depois de breve pausa, que era mais uma precaução do que mesmo hesitação, no mesmo passo de malfeitor, foi seguindo para o fundo da casa. Os pés empapados d'água abafavam-lhe ainda mais a marcha, iam largando o rastro na madeira seca e sem polimento. Passou a alcova, o quatinho junto — aquele mesmo onde outrora as duas conversavam tanto, permutando segredos bem femininos. Aquilo tudo tão longe, mas agora tão presente, como se fosse ver de súbito abrir-se ainda a porta e surgir-lhe adiante ela própria com a outra, no desdobramento da visão evocada. Foi andando. O terceiro quarto. A sala de jantar, afinal, com a janela aberta para o quintalzinho sob a chuva, as folhas de jasmineiro apontando rebrilhantes à última luz do dia.

Espiou pela porta que a separava do corredor, e o quadro apareceu-lhe de chofre.

Contra o velho sofá do canto, de costas para a entrada, o marido todo curvado para Laura, que o atraía, num grande abraço absorvente.

A moça ficou um trecho estarrecida, os braços ao longo do corpo, o corpo longo esticado no vão da porta, como um grande ponto de admiração.

O grupo adúltero não boliu por um pedaço enorme, do tamanho de muitos anos. Parecia que os dois estivessem assim para o resto da vida... Nunca mais se apartariam... Mas, houve um gesto breve, a mulher deitada repeliu o outro, ele olhou para trás num relâmpago. Teve um choque, cambaleou, amparou-se ao móvel, onde a cúmplice continuava recostada. E ficou mirando a esposa, os olhos num pasmo tamanho, como diante de uma aparição.

Ela, porém, numa volta rápida, atirara-se já de corrida para a escada, escancarou a grade num grande baque, precipitou-se para baixo, agarrada ao corrimão, os pés pulando dois e três degraus de vez. E, no mesmo lance de fuga, saiu na porta, barafustou pela rua.

tes, num espasmo irresistível. E os olhos secos, sem uma lágrima, choravam pelas lágrimas da chuva.

Estava já no fim da última rua, passou a praça larga, onde o temporal era mais solto, no descampado vasto, com o vulto solitário do velho chafariz de ferro de permeio, entrou pelo beco arenoso, mesmo ao pé da casinha que já agora não era mais a sua, e lhe parecia inteiramente estranha, a repeli-la.

Finalmente, quando penetrou na vereda de matapasto, fora da cidade, no caminho da fazenda paterna, o marido alcançou-a.

Viêra também sob a chuva, sem chapéu, os cabelos escorridos pela cara, as roupas devastadas pelo aguaceiro. Branco e transtornado como um cadáver. A respiração ruidosa como um fole. E as palavras batidas, marteladas, soltas, num rumor de coisa desarticulada.

Por quanto tempo ele falou, e o que lhe disse, nessa marcha delirante e emparelhada, sob o temporal cada vez mais forte?

Gaguejava, balbuciava palavras ardentes e lancinantes, procurando desesperadamente explicar qualquer coisa que ela não ouvia, não ouvia, o sentido sempre alheio, os olhos perdidos na mancha verde e cinza da mata envolvente.

As vezes, procurava retê-la por um braço, mas logo ela se desvencilhava num repelão feroz. E a torrente de frases zumbia-lhe aos ouvidos num barulho confuso de motor, numa enlouquecedora e mortal monotonia.

Dominando aquela parolagem, dentro dela estavam de novo e sempre todas as palavras da carta, recordando a cena infame. — «Ele nunca esqueceu a outra, bobinha...» «Sete meses de casado, e já traindo assim a mulher...» «Chegando no sobrado, suba a escada, abra a gradezinha do corredor...» «Namorados como eles foram, nunca mais se esquecem...» «Também, p'ra que você foi pensar o contrário?...» «Tomar o namorado alheio...» «Castigo do céu... castigo do céu...»

Castigo do céu, por que? Tinha lá culpa da outra ser ambiciosa e leviana? Todo o mundo sabia que ela só aceitara o Jorge, depois do rompimento definitivo, quando Laura já se comprometera com o médico (um mês somente que o Dr. Rufino chegara, e a volúvel não escondia mais as

A ansia de chegar em casa e se atirar nos braços da mãe, o horror de sentir aquele homem a segui-la, davam-lhe forças insuperáveis.

Uma onda de repulsão afogava-a quando o marido conseguia ainda alcançá-la. Ofegante exausto pela emoção e pela corrida, a cara branca e encharcada d'água como um afogado, ele balbuciava agora numa voz de choro medroso. Gritos abafados, soluços espasmodicos, descargas de dor devastadora.

A maldição do crime parecia persegui-los como a dois réprobos, Adão e Eva expulsos novamente do paraíso.

Um riachinho adiante cortava o caminho, transbordado pela chuva. Antes, era um filete d'água, que se atravessava num pulo. Agora rolava grosso e traiçoeiro.

A mulher não o viu, atirou-se por ele, tram-bulhou na onda. Foi ao fundo, resvalou, bracejou sem amparo, ergueu-se por fim, tóda negra de barro. O marido procurara ainda auxiliá-la mas nada havia conseguido, senão enfiar-lhe a mais. E, quando saiu d'água, já ela havia largado na carreira, sumindo no caminho.

Logo após era a porteira da fazenda. Pôde ver ainda a mulher, atirando-se contra ela, escancarando-a de golpe. E ele parou, recostado aos mourões da cerca, olhando a fugitiva, desorientado de todo, sob a carga da chuva implacável.

★

Era tudo isso que o chamado insólito de agora vinha reviver na alma da pobre, arrancando-a à longa anestesia com que os dez anos de isolamento na fazenda haviam adormecido as suas penas daquela tarde sinistra.

Para que lhe queres ainda a mulher que truncara de modo tão espantoso a sua vida? Não lhe bastava ter arrebatado a felicidade por um capricho infame? Pretendia ainda humilhá-la com aquela visita de reconciliação in extremis? Não. Positivamente não iria.

Mas, a tia da enferma não lhe dava tréguas. A sobrinha estava nas últimas. Só uma coisa lhe mantinha o resto das forças — a esperança daquele encontro derradeiro. Sabia lá o que era uma pessoa sentir a vizinhança da morte, com o peso de um remorso a condená-la? Ela era reli-

O IRREPARÁVEL

A chuva continuava a cair, cerrada, estrepitosa, densa, como uma cortina de franjas envolvendo a paisagem. Tóda a cidade sumia dentro da nevoa líquida. E ela ia, a cabeça nua, sem olhar onde punha os pés, entrando pelas poças d'água, o vestido pegado ao corpo, a marcha louca. De dentro das casas, daqui, dali, cabeças curiosas miravam numa interrogação muda. Muito vento ramalhando as árvores debruçadas sobre os cercados de páus-a-pique, sobre os muros coloridos. O céu baixo, sem côr, desmanchando-se em nuvens, as nuvens desmanchadas em bategas. Paisagem lóbrega de pesadelo e desespero, retalho de natureza convulsionada e hostil.

E a moça ia sempre, os olhos fixos adiante, sem vêr nada, tangida pelo instinto, sob as rajadas cruéis. Um barulho de mar revolto, um turbilhão de catarata a envolvê-la, tirando-lhe todo o sentido do local. Uma sensação de vazio por dentro, um frio de gelo batendo-lhe os den-

preferências!) Tão amigas como as duas eram antes, quantas vezes lhe ajudara os amores com o Jorge! Vendo-o depois desprezado, naquele completo abandono, sentira tanta pena d'ele, que fôra impossível evitar tudo o mais. Ah! Laura! Ah! Miserável! E ele! Miserável como ela, pior ainda da, porque se rebaixara a procurar de novo a mulher que o largara por outro! Mal o médico desfazia o noivado (bem feito aquilo, bastara voltar para a capital e nunca mais pensara em casamento!) os dois infames reatavam assim a vida antiga!

Uma certeza apenas lhe ficava e a galvanizava tóda. Estava tudo acabado, já mais voltaria para a companhia do marido. Era possível nunca mais esquecer que ela o vira trai-la daquele modo, meio ano depois de casado? E logo com aquela criatura, que jurava odiar, e garantia ter esquecido para sempre! Ah! podia contar-lhe tudo o que bem quisesse. Nunca mais, nunca mais!

giosa e havia de querer que uma alma se perdesse por sua causa?

★

Houve um movimento de curiosidade geral, quando as duas se defrontaram.

Belmira havia parado á porta do quarto, mirando a outra de longe, no desassossego do sofrimento mortal, os olhos alucinadamente fixos na sua figura. Foi-se aproximando insensivelmente, até a borda do leito. Quando a moribunda lhe tomou a mão, num gesto de angústia de desesperada, foi-lhe impossível reter o ímpeto de fugir ainda. Mas, conseguiu dominar o tumulto do coração, indomável até aquele instante, sem que a mínima dôr ou piedade lhe abrandasse os sentimentos de repulsa pela enferma. Ficou recostada à parede, junto ao leito, os olhos pregados no chão. Não tivera ainda ânimo de olhar as outras pessoas. Somente quando Laura prin-



cipiou a falar, foi que olhou em torno, estreme-
cendo assombrada, ao ver o marido ali perto, ao
outro lado da cama. Teve, então, novo impulso
de fuga, mas se conteve outra vez e esperou.

A voz dorida e quebrada foi escorrendo:

— Belmira, você sabe... Eu não podia mor-
rer com este peso no coração. Padre Pedro foi
que me aconselhou... Eu passei dez anos, dez
anos com esta carga dentro de mim. Tôda hora
com vontade de dizer a verdade. Mas não tinha
coragem. Você não ia acreditar. Depois, como
eu havia de ficar? Bastava o desprezo que todos
daqui me têm... Ninguém me perdoou nunca,
ninguém perdoou seu marido... Você ficou sem
êle e eu também...

Pausa. Belmira, os olhos no chão, novamen-
te, não teria por nada neste mundo a coragem
de olhar para êle, tão perto dela e tão distante
da sua vida. Mas a outra continuava:

— Quando o doutor Rufino foi embora e me
desprezou, eu fiquei como doida. Não era tanto
por causa dêle. Era a raiva de saber que todo
o mundo aqui ia trocar de mim. La minha am-
bição. Do meu castigo... Principalmente seu ma-
rido... principalmente você... Naquêle domín-
go, vocês passaram para a missa, tão alegres, tão
felizes, que nem me viram na porta, morrendo de
inveja. Então eu tive um ódio horrível de vo-
cês. Um desespero nunca visto. Uma vontade
que o mundo todo acabasse. Não pensei mais
nada, não esperei mais nada. Escrevi um bilhe-
te ao Jorge, dizendo que viesse me ver de tarde,
quando o pessoal saísse para a novena. Tinha
uma coisa muito séria para contar a êle. Dei até
a entender que era contra você, Belmira, veja só...

Um soluço estrangulado sufocou-a. Corre-
ram todos a reanimá-la. Via-se que o fim esta-
va perto. Belmira mesmo se achegava, os olhos
como brasas fincados nela, uma grande tensão
de nervos arrebatando-a para aquelas palavras
extremas. Outra pausa, e a confissão continuou,
quase num murmúrio. Curvados sobre ela, de
um lado e outro da cama, os dois esposos que
a maldade daquela mulher separára, aproxima-
vam-se tanto, que as cabeças quase se roçavam
agora.

— Mas não foi só isso... Tive a coragem de
escrever também a você... disfarcei bem a letra,
pra você não maldar nada... Nunca mais esqueci
o que lhe disse. «Chegando no sobrado, suba a
escada... vá andando até á sala de jantar...»
Eu conhecia tão bem vocês dois, sabia tanto como
vocês se gostavam, que estava certa de não fa-
lhar... Nenhum faltou... Quando você nos viu,
foi na hora que eu tinha marcado. Jorge tinha
chegado naquêle instante; nem sei como você não
viu quando êle entrou. Nem tive tempo de dizer
nada... Senti que você chegava, me agarrei com
êle... Só isso... E vocês ficaram desgraçados
até hoje... E eu podia desmanchar essa miséria
com uma palavra... Mas, não tive coragem...
Era mais forte do que eu... Agora acabou-se.
Vocês podem ser felizes outra vez, porque não
estou mais viva para lhes fazer mal. — As lá-
grimas corriam-lhe redondas e duras, como essas
lágrimas de vidro nos olhos das imagens de dór.
— Mas, eu não posso morrer sem o perdão de
vocês... Vocês vão ser felizes de novo, por isso
me perdoem.

Todos na sala miravam, num imenso pasmo,
os dois desventurados. Quando a doente calou, am-
bos se afastaram do leito, numa expressão de hor-
ror estonteado.

Olharam a um lado e outro, numa ânsia de
fuga. E, de repente, correram ao mesmo tempo,
na direção da porta, arrancando-se àquêle pe-
sadelo.

Dez anos de sua vida perdida. Num relâm-
pago tinham entrevisto os dez anos da sua mocí-
dade melhor, desbaratados.

Tão loucos iam, que deram um esbarro um
no outro, na saída. Então, miraram-se dentro
dos olhos, viram, pintado, duramente, iniludivel-
mente, o irreparável.

PACHECO

UMA VOZ DA RUMÂNIA FALA S

BUCAREST — Setembro — (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil, via Paris) — A gigantesca obra de reconstrução dos países devastados pela última guerra não pode ser descrita, a não ser em mínimas parcelas, por um repórter em trânsito pelas terras que o nazi-fascismo transformou em cemitérios, ruínas, destruição e morte. Por maiores que sejam os esforços dos povos na reconstrução de seus países flagelados, as cidades, os portos, as estradas e os campos ainda apresentam um aspecto desolador, com imensas cicatrizes deixadas pelos terríveis bombardeios e destruições causadas pela ação da sabotagem, combates nas cidades e retiradas precipitadas ante as forças inimigas.

A reconstrução desses países é muito lenta, e levará muitos anos. Empobrecidos pela guerra, endividados até às orelhas e sem recursos, dependendo de matérias primas que são importadas a preço de ouro, os governos dos países em questão têm diante de si inúmeros problemas para resolver. A guerra apresentou-lhes uma grande dívida que eles, apesar de bons pagadores, são incapazes de solver. Não poderão liquidá-la, a não ser depois de muitos anos de luta e suor.

Contudo, já se notam, em vários países, os resultados eficientíssimos do início da reconstrução, o que encoraja os povos europeus, povos que não descansam, apesar das privações que se vêem obrigados a passar. Sabem

★

Em cima: Trecho de uma aldeia rumena, aparecendo sob o crucifixo uma bordadeira e ao fundo uma construção típica da região. Em baixo: O soberbo mosteiro de Curtea de Arges, cuja construção, do século XIV, foi dificultada pelo mau terreno. Diz a lenda que o arquiteto Manole só pode terminar sua construção graças a ter enterrado viva a própria esposa numa das paredes.

DOMINAÇÃO ECONÔMICA RUSSA, ATACOS SOVIÉTICO-RUMENAS, QUE COMPORTES, AS FLORESTAS E OS BANCOS NESCO, O VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA RUMENO DE RECONSTRUÇÃO A INDUSTRIALIZAÇÃO E A ELETRIFICAÇÃO AGRÍCOLA — A INDÚSTRIA RELACIONADA COM O RESTO DO MUNDO — "POVO" — "A POLÍTICA DO PRESIDENTE NA GUERRA" — APELO AOS HOMENS DE BOM SENTIDO DE EVITAREM UMA NOVA GUERRA

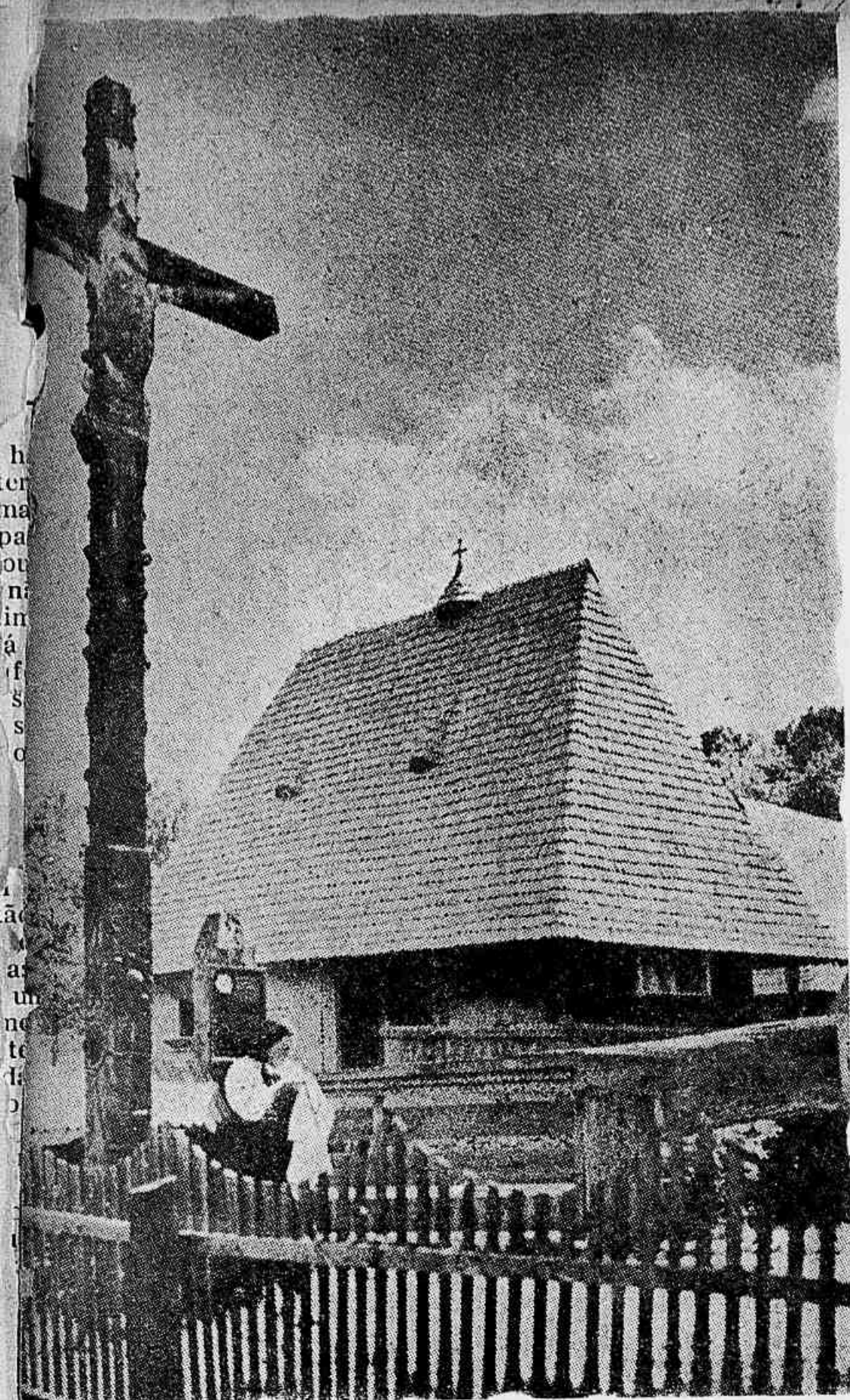
Reportagem de NE

(Enviado especial de "REVISTA")

que um dia virá em que seus sofrimentos serão recompensados. Dessa esperança tiram a força para prosseguir a labuta diária, esperando pelos favores tardigrados dessa riqueza que estamos habituados a chamar de tempo. Entre esses países se destaca a Rumânia, um dos pedaços de chão mais ricos da velha e infeliz Europa.

A RUMÂNIA ANTES E DEPOIS DE 1939

Combatendo ao lado dos aliados na guerra de 1914-1918, a Rumânia perdeu 800.000 dos seus filhos mas ganhou três grandes Estados, — a Bessarábia, a Bucovina e a Transilvania — realizando, assim, um velho sonho da integridade territorial, passando a chamar-se "România Mare" isto é, "A Grande Rumânia".



SÔBRE O PAÍS DO REI MIGUEL

A, ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE CORPORA-
E CONTROLAM O PETRÓLEO, OS TRANS-
NCOS — O QUE NOS DISSE CONSTANTI-
A CÂMARA DOS DEPUTADOS — O PRO-
STRUÇÃO DO PAÍS DO REI MIGUEL —
TRIFICAÇÃO DA RUMÂNIA — O POTEN-
A PETROLÍFERA — A IMPRENSA — AS RE-
DO — "A IGREJA, O REI, O GOVERNO E O
IDENTE TRUMAN É UMA POLÍTICA DE
S DE BÔA VONTADE DAS AMÉRICAS NO
NOVA HECATOMBE DE PROPORÇÕES E RE-
S INIMAGINÁVEIS.

de NELSON VAINER
VISTA DA SEMANA" à Europa)

Com uma superfície de 295.000 quilômetros quadra-
dos e cerca de 20.000.000 de habitantes em 1939, rica
em petróleo, madeiras, ferro, carvão, gado, cereais e fru-
tas, a Rumânia ocupava o décimo lugar no concerto
dos 28 países europeus. Porisso mesmo, sempre corria
perigo, pois constituía excelente petisco para os lobos fa-
mintos que, em sua vizinhança, o disputavam com avi-
dez. Russos, alemães e húngaros tinham contas para
ajustar com os rumenos, e, infelizmente, chegara o dia
do acerto dessas contas. Envolvida na segunda guerra
mundial, combatendo preliminarmente ao lado das for-
ças nazi-fascistas e libertando-se graças à sua adesão
aos aliados nos últimos meses da guerra, a Rumânia per-
dera pouco menos vidas que na primeira guerra mun-

dial. Não perdeu somente 600.000 dos seus filhos, mas
também grande parte do seu território, contando atual-
mente com apenas 15.000.000 de habitantes. E o que resta
hoje da antiga "Grande Rumânia" está tão avariado pela
guerra, que só mesmo um esforço hercúleo poderá tirá-
la da voragem em que se encontra.

FALA CONSTANTINESCO-IASI, VICE-PRESIDENTE DA
CÂMARA DOS DEPUTADOS DA RUMÂNIA

Sobre a situação atual da Rumânia falou-nos hoje o
professor Constantinesco-Iasi, vice-presidente da Câmara
dos Deputados da Rumânia. Entre centenas outras gran-
des figuras do governo atual, escolhemos a pessoa des-
se ilustre ministro, por dois motivos: primeiro, por
ser um grande democrata e vítima do fascismo, pois
passou cerca de dez anos encarcerado devido à sua luta
contra o nazi-fascismo e, o segundo, por ter sido, até
há pouco, Ministro das Informações do seu país.

O professor Constantinesco-Iasi recebeu-nos em sua
residência. A primeira pergunta que nos fez depois de
responder ao nosso cumprimento, foi:

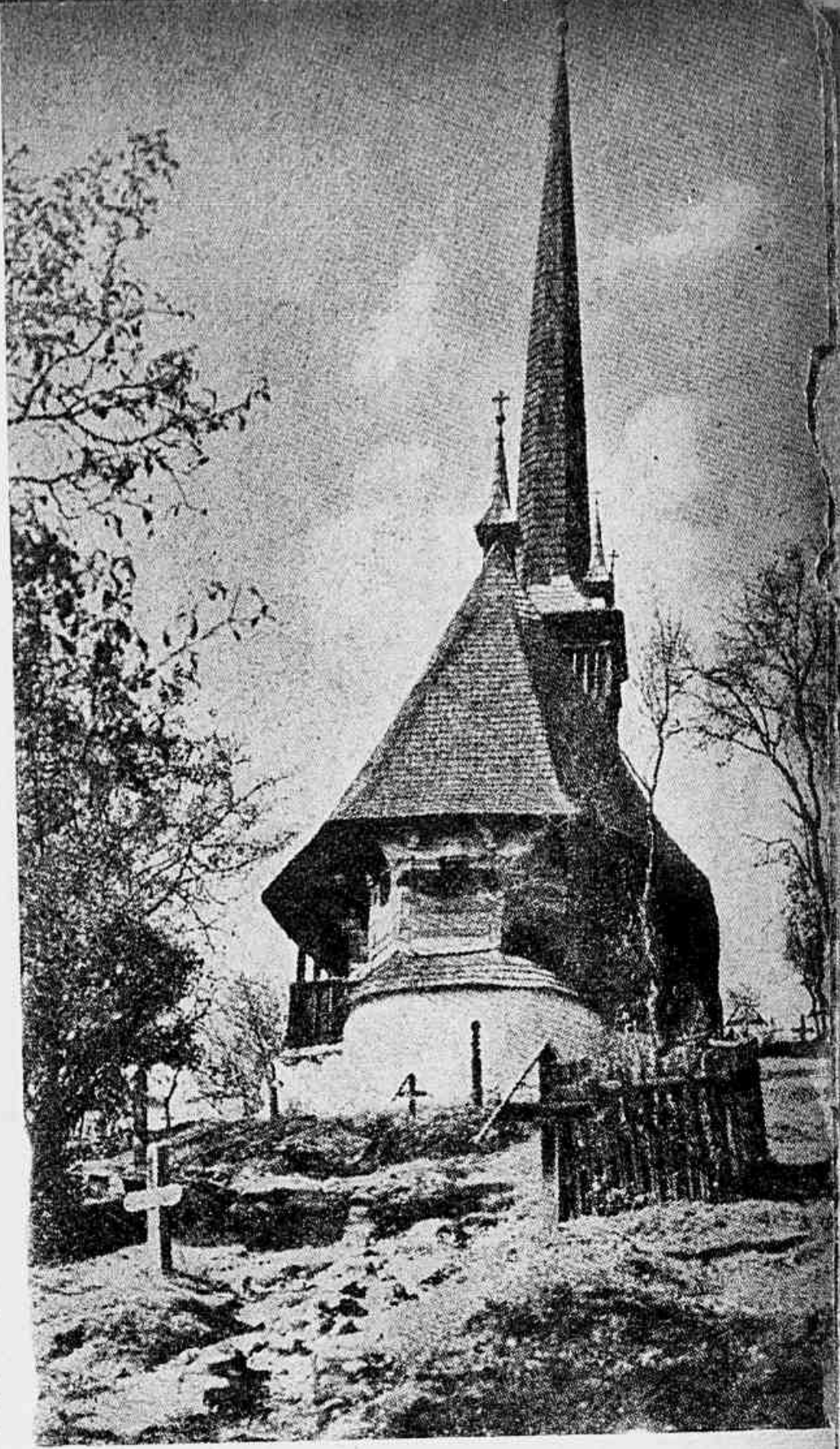
— Em que língua deseja falar comigo? (A pergunta
foi feita em francês).

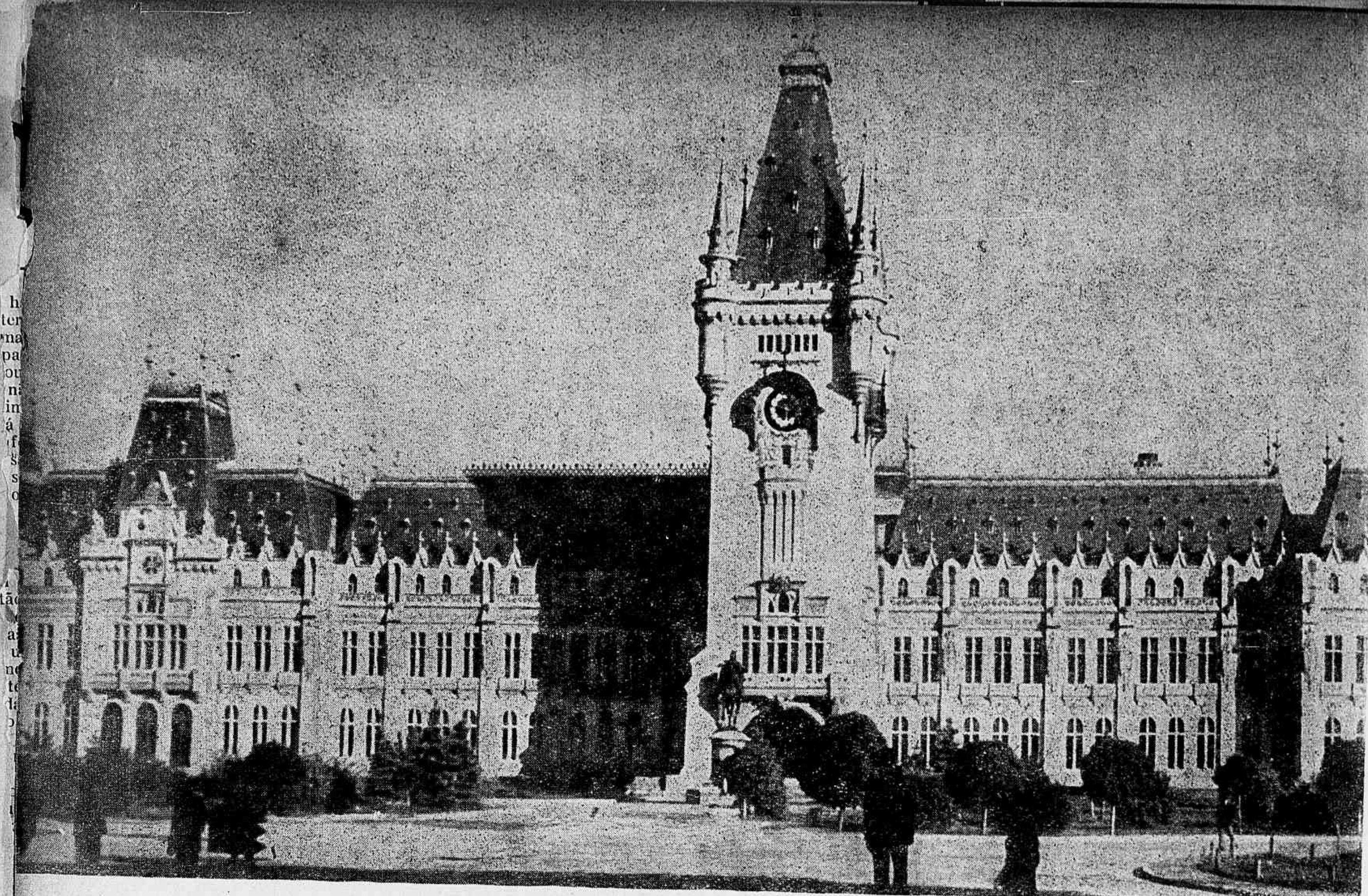
— Falo rumeno, — respondemos. O ministro lançou
um olhar sobre o nosso cartão de visita e disse sorrindo:

— Val de mine! (Ai de mim) Um correspondente da
Imprensa brasileira falando a língua do meu país!...

★

Em cima: Uma Igreja da Transilvânia, construída em
madeira, apresentando as características da arquitetura
regional rumena, cercada pelo cemitério da aldeia. Em
baixo: Após longo dia de labuta campestre, volta a casa
uma bela jovem rumena. Depois de dois anos seguidos de
seca, a Rumânia felizmente pode colher o trigo, o cen-
teio, o milho e a aveia dos seus férteis campos.





Em cima: Jassy, Capital da Moldávia, é a segunda cidade da Romênia. Destaca-se por suas belíssimas construções antigas, entre as quais a do Palácio da Justiça.

— Sou de origem bessarabiana, — respondemos, decifrando o mistério...

— Muito bem. Falaremos em rumeno. Em que lhe posso ser útil?

— Desejamos saber o que se passa realmente em seu país. Como repórter imparcial, limitamo-nos sempre a transmitir aos nossos leitores o que nos dizem os entrevistados. Este é, sinceramente, o nosso cartão de visita. Portanto...

— Grato pela franqueza, interrompeu o ministro. Sente-se e vamos ver o que se pode fazer. Se quiser, ponho à sua disposição o meu carro particular, para visitar o que lhe apraz. Poderá falar com quem quiser. E se achar muita coisa errada entre nós, poderá dizê-lo em suas reportagens sobre o nosso país, pois também temos o direito de errar... Como os demais povos, estamos longe da perfeição.

— Agradeço-lhe a gentileza. Mas prefiro que me fale sobre o programa de reconstrução da Romênia.

— Muito bem. Ia mesmo sugerir que o "pivot" da

nossa entrevista fosse a reconstrução do nosso país. Vamos iniciar a palestra pelas estradas de ferro e de rodagem. Nós sabíamos durante a guerra que o nosso desastre foi enorme. Imaginávamos as proporções da nossa catástrofe, mas só depois da cessação das hostilidades, pudemos verificar, realmente, quão grande era a nossa desgraça. Horrível! Nossa desunião política não era tão grande como a desagregação do país, causada pela destruição das estradas de ferro e de rodagem. Os bombardeios destruíram em parte as nossas cidades e aldeias e avariaram nossa indústria. Os alemães, na sua retirada precipitada, dinamitaram pontes e estradas de ferro, fazendo-as voar pelos ares. As estradas de rodagem foram tão devastadas que nenhum veículo podia transitar nelas.

— E agora?

— Logo depois da cessação das hostilidades, nosso governo compreendeu que a unificação do povo devia começar pela melhoria das comunicações das nossas cidades e aldeias. Sob a orientação do sr. Gheorghe Gheorghiu-Dej, então Ministro das Comunicações, dezenas de milhares de operários, mecânicos e empregados das estradas de ferro e rodagem deitaram mãos à obra. Resultado: as velhas pontes foram reparadas, novas pontes sur-

giram. E pelas estradas de ferro e rodagem começaram a trafegar trens, caminhões e carroças, dos quais dependia grande parte do progresso do nosso país. A primeira etapa foi vencida.

O POTENCIAL AGRÍCOLA DA ROMÂNIA — A INDÚSTRIA

Passamos a outra ordem de coisas.

Falamos sobre a reorganização da agricultura e o restabelecimento das empresas industriais da Romênia. O ministro, antes de responder às nossas perguntas, chamou um empregado e pediu-lhe que trouxesse uma pasta, na qual havia material especial para a nossa entrevista. De posse desse material, foi falando:

Diz-se-lhe um castigo do céu... Nos primeiros dois anos depois da guerra, uma seca terrível, jamais registrada nos anais da nossa história, veio agravar mais ainda a situação do país. Além de outras coisas que tivemos que importar, fomos obrigados a comprar trigo no exterior, não que sempre exportamos cereais, e outros produtos agrícolas. Chegamos quase a passar fome, mas soubemos vencer essa dificuldade e agora tudo volta ao normal. A agricultura e a indústria são os nossos dois problemas mais importantes. A Romênia tem uma superfície de 23 720.000 hectares, dos quais 9.659.000 são aráveis. Em 7.500.000 cultivamos cereais: trigo, milho, aveia, etc. Temos, ainda, 200.000 hectares de árvores frutíferas, que atingem a 80.000.000 de árvores! E muita terra na qual cultivamos legumes. Ora, sendo a agricultura a base da nossa economia, está claro que o problema requer toda a nossa atenção.

— Pode dizer-nos se o processo agrícola da Romênia continua sendo o mesmo de antes da guerra, isto é, o meio primitivo do qual se utilizavam antes os camponeses? Ou, conforme nos países modernos, a lavoura da Romênia também está sendo mecanizada?

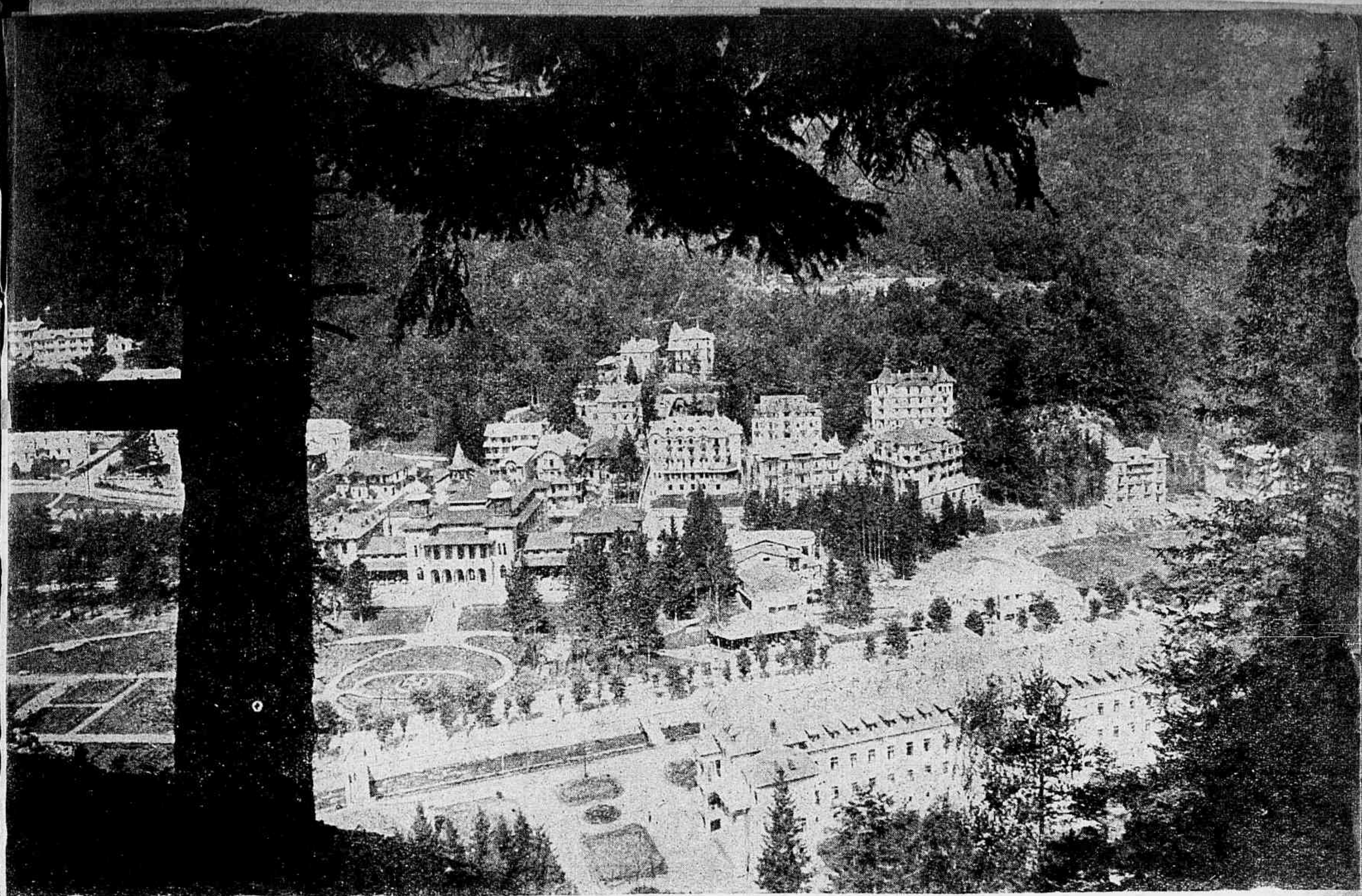
— Em parte, mecanizamos a nossa lavoura. Como lhe será fácil imaginar, não dispomos de muitos recursos para tão grande metamorfose. Normalmente, a Romênia precisaria de 20 a 25 mil tratores, mas, segundo me informou o sr. Trajan Savulesco, ministro da Agricultura, dispomos atualmente de 9.230, dos quais 3.138 pertencem ao governo e os restantes a particulares.

— Há grandes fazendeiros? Os tratores existentes são de fabricação americana? Podem eles ser adquiridos por um camponês comum, pobre, ou só mesmo pelos fazendeiros ricos?

— O limite de propriedade em nosso país é hoje, de 50 hectares. Ninguém pode possuir mais do que isso. Os

A esquerda: Bucarest, Capital da Romênia, cidade moderna pontilhada de fábricas. Derivará seu nome de Bucur, seu suposto fundador, ou de Bucúria, que significa alegria?





camponeses se agrupam em centros agrícolas; alguns são pequenos proprietários. Os tratores são geralmente de fabricação russa. Compramos muitos, à medida do possível e, quando temos necessidade, a Rússia nos empresta certo número dessas máquinas e nós, por nossa vez, as alugamos aos camponeses por um preço acessível a todas as bolsas.

— Eu li ailleurs que nas usinas do seu país também se fabricam atualmente pequenos tratores.

— Sim, mas até hoje produzimos apenas alguns tratores. Não pudemos prosseguir, pois dependemos de matéria prima importada, coisa difícil no momento em que o mundo inteiro sente falta de tudo.

— E são grandes as empresas siderúrgicas da Rumânia? Que é que elas produzem atualmente?

— Temos Rychitza, a maior usina do país e uma das maiores da Europa. Fabricamos, além de tratores, locomotivas, trilhos, máquinas agrícolas, etc.

ELETRIFICAÇÃO E PETRÓLEO

— Temos, ainda, — prossegue o entrevistado, — entre outros problemas importantes, o da eletrificação do país. Os trabalhos nesse sentido já começaram e, apesar de progredirem sempre, temos a impressão de que somente depois de 15 anos é que toda a Rumânia será completamente eletrificada. Ao mesmo tempo, construímos habitações para operários e camponeses, já de acordo com o novo plano de construção e eletrificação das cidades e aldeias.

— E que nos diz sobre a indústria petrolífera? Consoante li na imprensa estrangeira, quase toda a produção desse líquido é açambarcada pela União Soviética. É isso verdade?

— A indústria petrolífera do nosso país está quase completamente restabelecida. Já produzimos mais de sete milhões de toneladas de petróleo, e, longe não está o dia em que a nossa produção poderá ser comparada à de antes da guerra. Quanto à exportação, ou melhor ao "açambarcamento" ao qual o sr. se referiu há pouco — e, diga-se de passagem, o senhor não é o primeiro jornalista estrangeiro que me formula esta pergunta — afianço-lhe que a Rússia recebe a parte que, de acordo com o nosso tratado da paz, lhe cabe. Pagamos uma dívida que Antonescu contraiu... Mas não pagamos mais do que o estipulado. Afirmções contrárias são absolutamente falsas.

OS "SOVRON'S"

— Pode explicar-nos, então, o que significa a "Sovrompetrol" e quais as suas finalidades?

— A "Sovrompetrol" é uma das sociedades rumeno-russas que intensificam o intercâmbio econômico entre a Rumânia e a Rússia. Não se limitam somente a importar e exportar e trocar as suas produções. Exploram-nas, em conjunto, o que resulta em benefícios recíprocos. Temos as seguintes grandes sociedades econômicas: "Sovrompetrol", que trata da exploração do petróleo; "Sovromtransports", que trata dos transportes aéreos; "Sovrombois", que se dedica à exploração florestal e, finalmente, a "Sovrombanque", sociedade bancária que financia as grandes empresas comerciais e industriais dos dois países.

— Pode citar-nos alguns dos benefícios do seu país por intermédio dessas sociedades econômicas?

— Com prazer. A "Sovrompetrol" recebeu da Rússia máquinas para a exploração do petróleo. A "Sovromtransports" recebeu muitas embarcações, 17 grandes aviões de passageiros, caminhões, 10 locomotivas, 250 vagões e inúmeras outras peças. Como se vê, tais aquisições, por um país como o nosso, são para nós de grande importância.

Em cima: É neste recanto paradisíaco, perdido nas montanhas cobertas de pinheiros da Moldávia, que os rumenos passam as suas férias, em hotéis confortáveis, cercados de jardins.

A IMPRENSA RUMENA — AS RELAÇÕES COM O RESTO DO MUNDO

— E a imprensa do seu país? É livre? Existe a liberdade da palavra?

— Jámais tivemos uma imprensa tão rica e variada como a de hoje. Temos atualmente 26 jornais diários em Bucarest; dos quais alguns são órgãos oficiais dos sete Partidos políticos existentes na Rumânia. Grande é também o número de hebdomadários literários, científicos e políticos. Cada minoria, em nosso país, edita um ou mais jornais em sua língua própria. Citaréi, por exemplo, "Neamul Evreesc" (Nação Israelita), órgão dos israelitas rumenos. Também os húngaros da Transilvania possuem vários jornais em língua húngara. Idem as demais minorias.

— E quais são as relações da Rumânia com o resto do mundo?



A direita: O professor Constantinesco-Iasi, vice-presidente da Câmara dos Deputados da Rumânia, grande democrata, inimigo do nazi-fascismo, falando ao nosso companheiro Nelson Vainer.



Em cima: O falado e cantado Danúbio, com suas águas azuis (serão azuis mesmo?) e o seu céu nublado. Esse grande e estratégico rio atravessa toda a Romênia, cujos filhos o chamam de "estrada sem poeira".

— Como o senhor não deve ignorar, muitos países ainda carecem de representações diplomáticas do meu país. E' que tivemos enormes problemas que devíamos solucionar com a máxima urgência, pois deles dependia o nosso soerguimento. Ora, os problemas de fora, nos os deixamos para depois. No entanto, enviamos representações para os principais países do mundo, a começar pelos Estados Unidos da América do Norte, a França, a Inglaterra.

— E na América do Sul?

— Temos na Argentina uma representação diplomática. Estamos tratando de reatar relações com outras repúblicas latino-americanas.

AS RELIGIÕES NA ROMANIA

— Há interferência do governo nos credos religiosos do seu país? — perguntamos em seguida.

— Absolutamente, não. Cada qual acredita em que quer. O governo nada tem com isso. Há sinagogas, templos, igrejas católicas e protestantes. O povo rumeno é profundamente religioso. O senhor quer um exemplo que fala mais alto que as minhas palavras? El-lo: por ocasião da consagração da nova catedral de Timisoara, que tive a honra de presenciar, o chefe do nosso governo, dr. Petru Gheza, pronunciou memorável discurso. Eis o que ele disse, entre outras coisas: "...Aos 23 de agosto de 1946, achavam-se na tribuna da Praça Vitória o nosso Rei, o Governo, o Povo, reunidos num só bloco.

Diante deles, desfilarão centenas de operários, camponeses, intelectuais. Muitos deles depositaram flores aos pés de S. M. e de outras personalidades do governo. A Igreja, o Rei, o Governo e o Povo estiveram ali reunidos. Deveis saber, pois, que o nosso lema é e sempre será: a Igreja, o Rei, o Governo e o Povo". E ele disse uma grande verdade. Jamais em nossa história tivemos um governo como o atual, constituído por elementos que representam sete partidos políticos.

O CASO JULIU MANIU

— Já que estamos falando de política, como o senhor explica a dissolução do Partido Nacional-Camponês, chefiado pelo sr. Iuliu Maniu? Antes de respondermos, pedimos a permissão para observar algo; todo o mundo sabe que Iuliu Maniu é democrata, que ele representava a oposição e, por esse motivo, o governo do seu país houve por bem fechar o seu Partido. Nós, pessoalmente, temos nossas dúvidas a respeito dessa atitude do governo rumeno. Em 1943, recebemos um certo dia uma carta do ex-ministro da Romênia na Argentina, sr. Constantin Vallimaresco, então chefe do Movimento dos Romenos Livres na América Latina, com sede em Buenos Aires. Nessa carta o sr. Vallimaresco pediu a nossa adesão. Aceitamos e, na qualidade de jornalista profissional, divulgamos periodicamente na imprensa brasileira o noticiário que o sr. Vallimaresco recebia de Londres. Nesse noticiário aparecia sempre o nome do sr.

Iuliu Maniu, em cuja figura se via o chefe do governo rumeno depois da libertação da Romênia do jugo nazifascista. Que tem agora o senhor a dizer-nos a respeito?

O sr. Constantinesco-Iasi levantou. Deu várias voltas pelo jardim, deixando-nos num "ôra veja"... Em seguida, como se lembrasse de certos fatos, aproximou-se da nossa mesa, curvou-se e foi falando, devagar, selecionando quase certas palavras:

— Que posso dizer-lhe a respeito? Muito, muito meu amigo. Quando eu, e muitos outros que combateram o nazifascismo perderam os melhores anos da vida nas cadeias mantidas pelos fascistas rumenos, o sr. Iuliu Maniu se achava em liberdade, gozando a vida. Depois da libertação da Romênia, quando homens de boa vontade tomaram as rédeas do governo nas mãos, Maniu se retraiu e passou-se para a oposição. Nós o toleramos, repito: nós o toleramos, mas ele não o merecia. E eu vou dizer-lhe porque. Vou dizer-lhe quem foi e quem é Iuliu Maniu sem máscara, e o senhor tirará sua conclusão.

O ministro sentou-se, passou um lenço sobre o rosto, enxugando o suor. Fixou o seu olhar no nosso e prosseguiu:

— Em 1923, eu era professor universitário, quando o senhor Iuliu Maniu governava o nosso país. Naquele ano, os mineiros de Lupeni entraram em greve e Maniu, esse grande "democrata", não trepidou em mandar atirar sobre os grevistas. Houve mortos e feridos... Ele jamais poderá apagar essa mancha sangrenta da sua consciência. Anos depois, em 1940, ele se dirigia a Horia Sima, chefe dos tristemente-célebres guardas de ferro, prometendo-lhes: "...estou de pleno acordo com os princípios e com as diretrizes do movimento legionário e eu lhe asseguro, em nome do Partido Nacional-Camponês, todo o meu apoio". Há mais: o golpe de Estado de 6 de setembro de 1940, de que resultou a abdicação do ex-rei Carol e na subida de Antonesco ao poder, foi preparado por Iuliu Maniu! Mais tarde, ele escreveu a Hitler: "...Os rumenos da Transilvânia agradecem aos alemães o progresso alcançado graças a "Kultur" germânica... Ninguém melhor do que Adolf Hitler pode compreender o problema rumeno". O senhor quer ouvir mais, ou basta? Eu poderia citar-lhe dezenas de outras acusações contra esse "democrata" mascarado que dirigia um partido político anti-nacional. Mas acho melhor parar aqui. Eu já disse o bastante e parece que a nossa entrevista já está bem longa. Além disso, temos ainda alguns problemas importantes para tratar."

Sobreveio uma longa pausa. Minutos depois, uma empregada, trazendo chá com biscoitos, quebrou a monotonia.

A POLÍTICA DO PRESIDENTE TRUMAN

Depois do lanche, voltamos à entrevista, abordando os últimos problemas. Queríamos saber como o ministro encarava a política do presidente Truman. A princípio, o homem público rumeno procurou esquivar-se. Parecia não querer falar sobre esse assunto. Tornamos a repetir que a sua opinião seria transmitida sem alteração alguma, que seria traduzida ao pé da letra, sem comentários. Conseguimos convencê-lo.



A direita: Uma camponesa rumena, tisonada pelo sol dos campos, com a mostra de sua idade nas mãos e de sua saúde na face, caminha no trigal com o neto nos braços, ambos com as vestimentas típicas do país.



Para a noite, Mary Hatcher, "estrelinha" da Paramount, usa este bonito penteado para cima, com "boucles" no alto da cabeça. Um grupo de três camélias é colocado de maneira a tombarem mais para o lado direito. Uma estreita fita de veludo presa ao pescoço dá à Miss Hatcher ar bem feminino.

NOS BASTIDORES FEMININOS

"Si tivesse uma filha, gostaria que fosse assim..." Quantas vezes você pensou isto ao ver passar ao seu lado uma adolescente graciosa, elegante e simpática?

No entanto, essa perfeição, essa harmonia física e moral, esse brilho e esse frescor, não foram obtidos da noite para o dia. Muito pelo contrário, foram obtidos dia após dia, ou melhor, foram "construídos" com carinho e dedicação. "Construir" uma adolescente! Isto é educá-la, formá-la, modelar a jovemzinha depois da primeira infância. É uma tarefa árdua porém apaziguadora, que é dever de todas as mães.

Começamos pela silhueta. Dê à sua filha a oportunidade de se tornar dona de um corpo harmonioso e elegante, evitando que ela adquira máus hábitos como costas encurvadas, peito fundo, andar desgracioso. Ensine-lhe, desde cedo, a disciplinar as suas atitudes. Vigie-a durante os trabalhos e os estudos, saiba orientá-la apontando e eliminando tudo o que possa prejudicar a sua beleza.

Faça com que ela pratique esportes ao ar livre, principalmente a natação e ciclismo. Pense também na dança rítmica. Não é necessário fazer de sua filha uma dançarina mas apenas ajudá-la a obter a leveza e a graça de gestos tão preciosos para ela. Um quarto de hora de ginástica diária, incluindo exercícios respiratórios, será de excelentes resultados. Muitos defeitos surgem de um ligeiro desvio da espinha.

Existem meninas nervosas que adquirem o hábito de roer as unhas. Urge uma providência ou as mãos ficarão defeituosas e as unhas felas, mesmo depois de crescidas. Os pés também são importantes. A criança nasce com pés lindíssimos! Porque estragá-los com sapatos apertados ou inadequados ao formato dos seus pés?

E os cabelos? Não faça "permanente" na sua filha pelo menos antes dos quinze anos. Evidentemente, uma menina de cabelos lisos e macios é mais interessante do que uma pequena ridiculamente encaracolada. Além disso, o "permanente" estragaria, muito cedo, o seu cabelo.

Esteja atenta a qualquer alteração que você possa notar nos dentes, nos olhos, nos pés de sua filha. Há defeitos que quando notados a tempo podem ser remediados. Habitue-a à cuidados rigorosos de higiene, a dar valor à sua aparência e estimule, mesmo a sua vaidade.

Faça com que ela cresça com uma perfeita noção dos seus deveres consigo mesma.

E sua filha também, provocará na rua o mesmo pensamento "Si tivesse uma filha, gostaria que fosse assim..."

KITTY





CHAPÉUS DE HOLLYWOOD

AS "estrelas" cinematográficas reconhecem a importância do chapéu como complemento da elegância feminina. Para a primavera, Hollywood lançou modelos encantadores, alegres e graciosos como os que vemos aqui: Ao alto, à esquerda: Dianna Lynn, da Paramount, sugere este modelo em palha dourada enfeitado com flores de veludo e véu marron. A direita: Muito distinto e elegante é o modelo de Angela Greene, da Warner Bros, com sua aba caída e copa guarnecida de flores de diversas cores. Em baixo, da esquerda para a direita: Um modelo de Ida Lupino, da Warner, em

palha branca e penachon. O clássico "cloche" apresentado por Joan Winfield, da Warner Bros. E' em palha bege queimado, com flores em diversos tons. Véu marron. Novamente Ida Lupino, que escolheu para o "cocktail" este modelo em palha branca, muito fina, enfeitado com peracho branco e um levíssimo véu preto. Finalmente na página ao lado: Muito original e muito gracioso é o chapéu de Cyd Charisse, da MGM, em palha grossa em tom natural, fartamente enfeitado de flores e folhas.

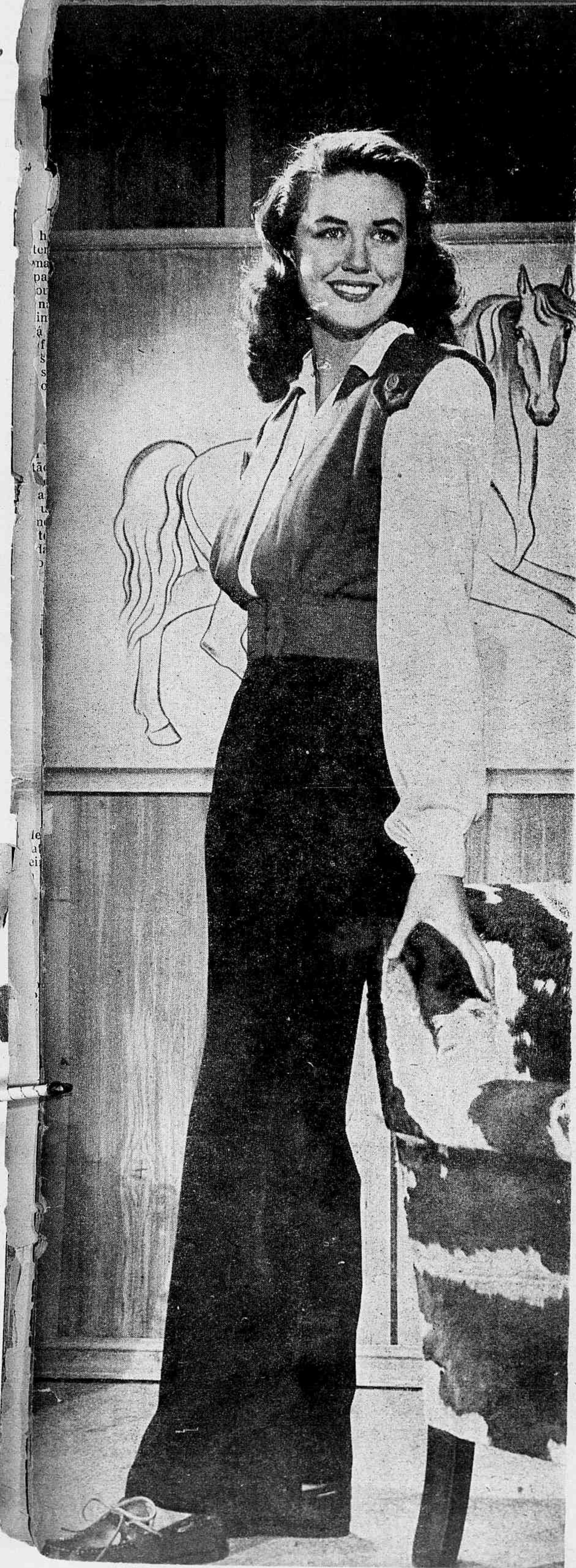




ga
trè
o c
ois

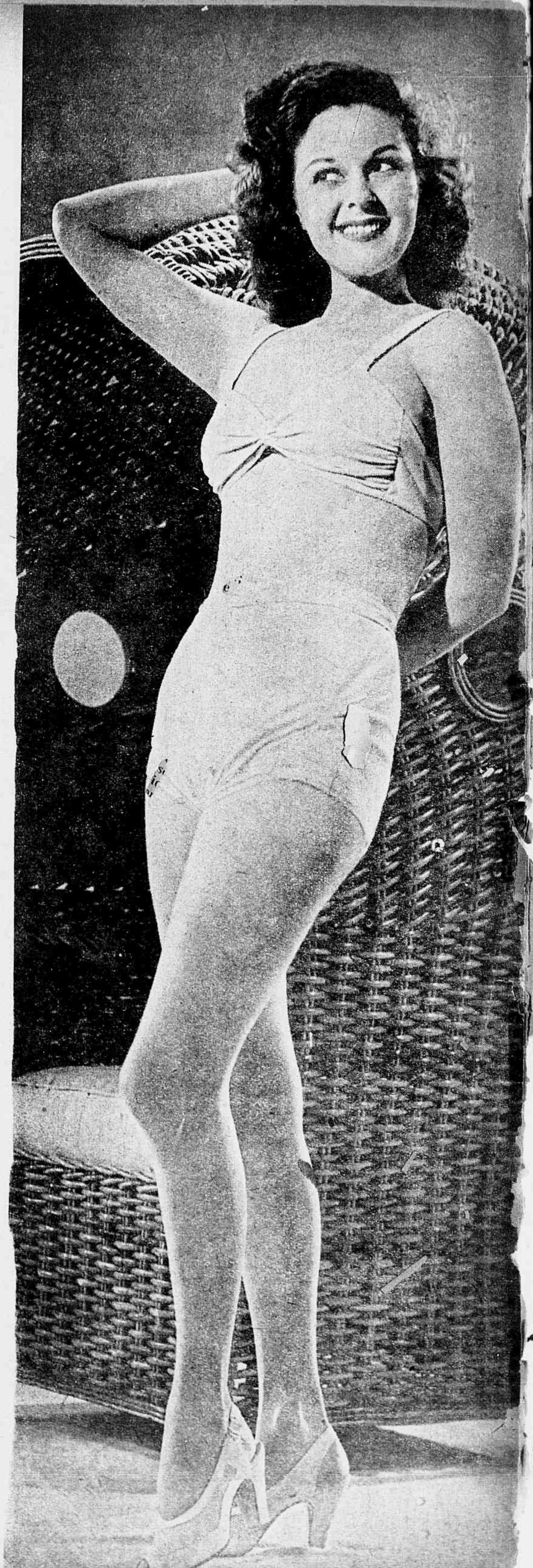
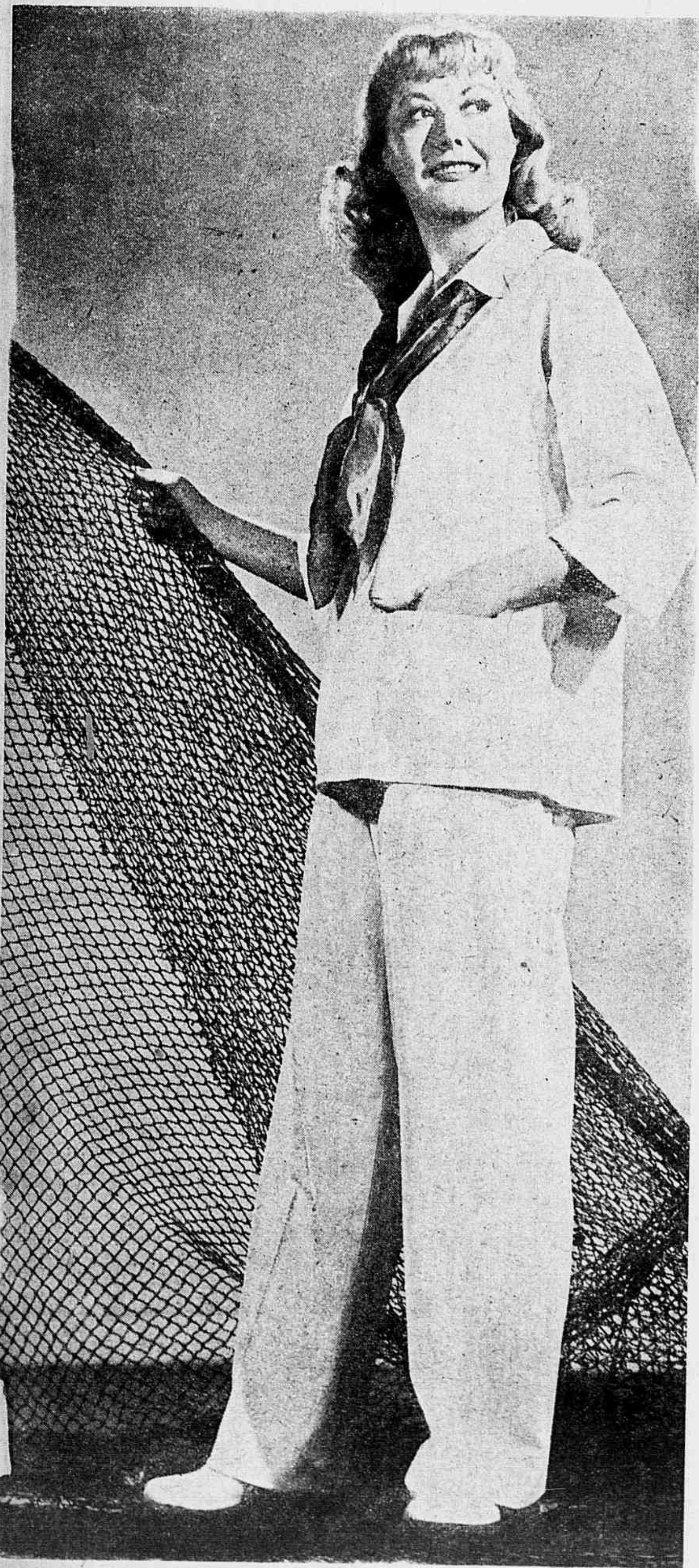
MODELOS PARA

SEJA onde fôr que você passe as férias, há sempre uma roupa adequada. E essa roupa deve ser muito elegante e graciosa, revelando o seu bom gosto. Aqui encontrarão vocês algumas sugestões bastante interessantes para as diferentes ocasiões. Da esquerda para a direita, Dorothy Malone apresenta um modelo para sua estadia num "rancho". É um modelo bastante original e de grande efeito. Para equitação nada mais elegante do que este culote em gabardine verde escuro com incrustações



O CAMPO E PRAIA

de camurça verde claro de corte impecável. Blusa de seda, "lingerie". Botas inteiriças, de pelica marron. Sugestão de Alexis Smith da Warner Bros. Para o "yachting" ada mais gracioso do que este traje à maruja de Adele Mara, da Republic. E' executado em "shantung" branco com vistoso lenço arrematando a gola. E, naturalmente não poderia faltar o "maillot" .. Um "maillot" que serve até para... nadar! A sua portadora é Suzan Hayward, da RKO-Radio...







MODELOS FRANCÊSES

Na página ao lado: Vestido de shantung estampado, de Schiaparelli. Dscote quadrado blusa ligeiramente drapeada. Grandes bolsos na saia. Também em "shantung" estampado é este modelo de Grés. Em cima, à esquerda: Para a tarde, Madeleine Vramant apresenta este elegantíssimo "duas-peças" em seda estampada. O casaco tem uma "basque" "godet" e franzida, dando extraordinária elegância à silhueta. A direita: A nova linha do "tailleur" e aqui apresentada por Robert Piquet. A saia acompanha o mesmo talhe arredondado do casaco. Gola e flor de "piqué" branco.



VESTIDOS

★

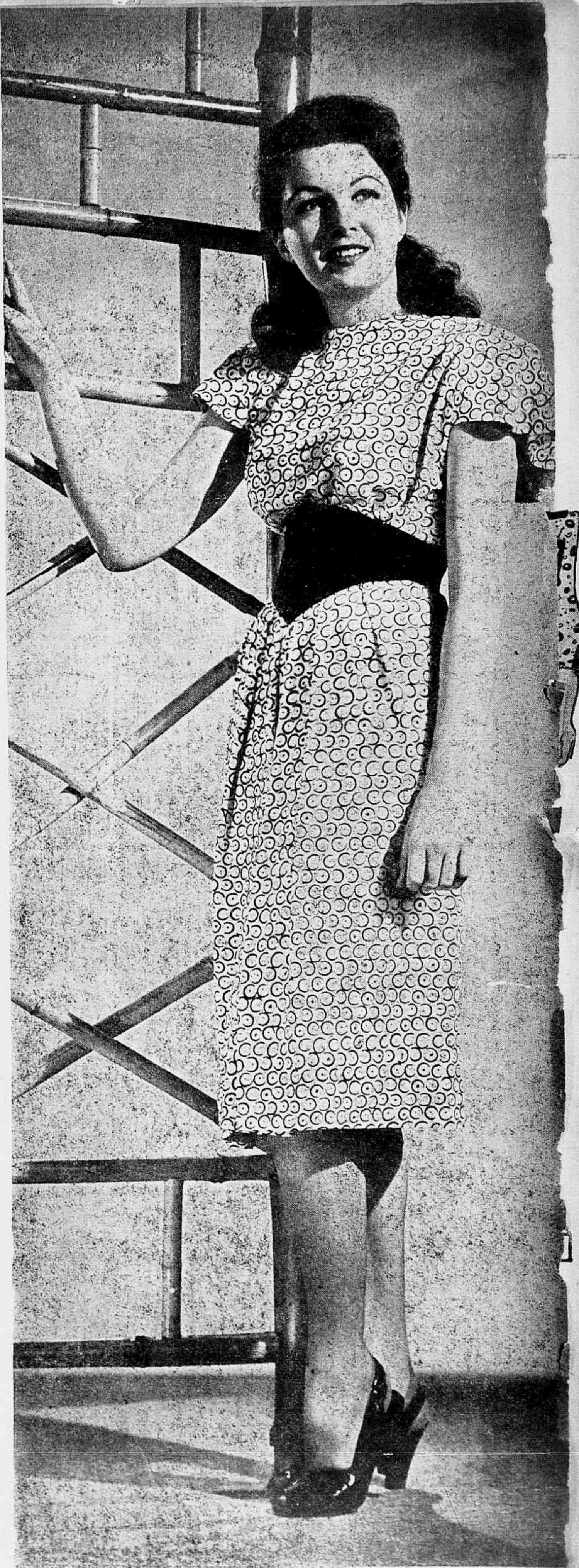
V AO chegar os dias de sol, e com eles esses deliciosos vestidos que dão alegria e vida à nossa cidade. Cores vivas, estampados alegres, modelos graciosos e juvenis, é o que veremos na nova estação. Eis os primeiros modelos: Da esquerda para a direita: Modelo muito original em estampado azul marinho, vermelho e branco. Barras azul-marinho na saia, na cintura e na blusa. Também a manga é do tecido unido. Sugestão de Janis Carter, da Columbia. Em estampado verde e branco é este modelo de Cyd Charisse, da MGM. Decote em "V", bastante alto, a blusa também termina em



ALEGRES

★

"V" sobre a saia, prendendo os ligeiros drapeados que a mesma tem sobre os quadris. Mangas japonesas. Com uma saia de estampado muito original, Glória Henry, da Columbia, usa uma blusa em tom unido, toda abotoada na frente. Observem os culos de Miss Henry, última novidade para este verão. De cada lado margarida em matéria plástica. Modelinho de seda estampada azul e branco usado por Janet Martin, da Republic. Largo cinturão de veludo marinho. Mangas caíndo em "godet" sobre os braços.



Da esquerda para a direita: 1 — Um modelo assimétrico. Babado na saia. Um ombro franzido. 2 — Corpo muito justo, com "pences". 1 — "Duas-peças" estampado. Movimento interessante na blusa e na saia. 2 — Modelo muito "chic" com mangas "três-quartos" de feitiço original.



FIGURINOS

Da esquerda para a direita: 3 — Corpo ajustado com pregas, sobre-sáia, alongando-se em ponta na frente. 4 — A elegância deste modelo estampado reside no drapeado do decote e da saia. 5 — Banda drapeada apanhada num dos laços da saia. Decote em "V". 6 — Modelo esportivo, muito simples. Interessante recorte na saia.



ESTAMPADOS

O ano de 1947 tem sido no Brasil um ano de celebrações centenárias no avivar de glórias, tanto nacionais como alienígenas. Há pouco, atrazadamente, por alguns, foi lembrado na imprensa brasileira o centenario da morte de Afonsina, depois Maria Duplessis, condessa de Perregaux, mais conhecida pela Dama das Camélias.

A Maria Duplessis conferiram tal denominação um romance e um drama de Alexandre Dumas Filho, dando tema a uma representadíssima ópera de Verdi, A Traviata.

Que pessoa medianamente culta do mundo inteiro não leu o romance, não ouviu o drama de Dumas Filho, não ouviu a ópera de Verdi? Nenhuma.

Por contraste, uma das flores de maior pureza, de mais susceptibilidade ao toque que designa a pecadora Dama das Camélias, sobre cuja vida tantos têm escrito e cuja vida a tantos ainda interessa.

Assim se explica a existência de camellanos ou colecionadores de tudo quanto respeita a vida da Dama das Camélias, ou a lembra materialmente. A bibliografia camelliana é extensa e variada, multiplicando-se ainda hoje os ensaios camellianos. Nas vendas de autógrafos, cartas ou bilhetes da Dama das Camélias atingem altos preços para engrandecimento de coleções, reclamados até pelo Museu ou Comédia Francesa, no interesse do drama célebre de Dumas Filho, inspirado pela formosa Dama das Camélias.

Alguns traços de pena para dizer-lhe a pessoa e a vida. A 15 de Janeiro de 1824, na comuna de Nonant, departamento do Orne, nascia Afonsina Plessis, a futura Dama das Camélias, filha de Marin Plessis e Maria Desnays, depois pais de outra filha chamada Delfina.

Foi de má sorte a união Plessis-Desnays. De queda moral em queda moral, Marin Plessis acabou por ter um compendio de vícios, a esposa outro de bondade e resignação.

Afinal, privada de mãe, desamparada de pai, Afonsina Plessis criou-se entre pobreza e desvalimento, chegando a ser filha de ferme, isto é, trabalhadora no campo por conta de herdade.

Bonita e gracil desde entre menina e moça, Afonsina Plessis desde cedo se viu exposta a perigos de sedução, no variar de empregos ao buscar subsistência, por último chegando a Paris e aí a uma oficina de costureira.

Até então de amores corredios, tanto vale dizer passageiros, Afonsina Plessis encontrou amor que a sobrelevasse, o conde de Mênil. Não é este o nome do fidalgo, sou forçado a ocultá-lo. Declaração do grande camelliano português Carlos Alberto Ferreira.

Ligando-se ao conde de Mênil, Afonsina Plessis passou a chamar-se Maria Duplessis. Orfão desde o berço, o conde tivera segunda mãe em avó materna, que, na mocidade, projetara para ele casamento de igual para igual.

Preso a Maria Duplessis, o conde recusou o projetado enlace. A avó femininamente adivinhou no caso de amor. Indagou, soube. Avistou-se com Maria Duplessis em casa desta. De volta da visita confessando a amiga íntima: trata-se de uma dessas criaturas inapagáveis da memória de quem as vê e lhes fala.

Tem o seu que de importância a entrevista de 1840. Refere Carlos Ferreira que investigadores camellianos entendem ter tido a teta da condessa e da semi-neta inspirado no drama de Dumas Filho a cena entre o pai de Armando Duval e Maria Duplessis, na peça Margarida Gautier, cena musicada por Verdi, na Traviata.

Nasceu um filho dos amores do conde de Mênil e da Duplessis, filho nascido em 1841 e cujo destino tem desatado a argucia dos mais afervorados investigadores camellianos.

O conde de Mênil morreu tuberculoso e quem se inculcando a molestia à companheira, de então em diante presa da eterna voracidade amorosa masculina.

A DAMA DAS CAMELIAS

ESCRAGNOLLE DORIA

Du Mênil afdalgára Maria Duplessis, instruíra-a, incutira-lhe maneiras aristocráticas, gostos de requintes, além de torná-la conhecida na alta roda parisiense.

Novo adorador apareceu à Maria Duplessis, o conde de Perregaux. Disposto pelo amor a todas as loucuras até a de, rompendo com sua família, ir casar na Inglaterra com a Duplessis.

Ao recém-esposo chegou logo o arrependimento.

Deixando a recém-esposa em Londres, veio reconciliar-se com os seus em Paris.

Em Paris esperava a Duplessis o amor de um moço de vinte anos, Alexandre Dumas Filho. Tiveram ambos de amarem-se e separarem-se, para que ele immortalizasse ela nas páginas de um romance vivido e de um drama a continuar o que de vida pessoal havia no romance.

Maria Duplessis deslumbrou e seduziu Paris e deslumbrou e seduzir Paris sempre foi difícil. E assim foi, até que a tuberculose anunciasse à privilegiada mundana o fim de seus dias a 3 de fevereiro de 1847.

Transportaram-lhe o corpo para a igreja da Madalena, a pouca distância da moradia da extinta. Numeroso séquito levou a Duplessis ao cemitério Montmartre, o conde de Perregaux acompanhou o féretro.

Dias depois, Perregaux voltava à necrópole, a comprar para sepultura perpétua a terra onde descidos os restos mortais da que amara e a qual dera seu nome e seu título nobiliárquico. Pouco repousara no terreno comprado a

condessa de Perregaux, trasladada a nova sepultura desta vez definitiva.

Informa Carlos Ferreira ter-se realizado o fúnebre transporte em terça-feira carnavalesca, assinalada em Paris, a 16 de Fevereiro de 1847, por um dia de inverno de chuva desabalada e de vento de todos os acoites. Na fúria do tempo desceu de novo à terra aquela que o destino atormentara.

Venderam no mesmo Fevereiro de 1847 quanto lhe guarnecia a casa no boulevard de la Madeleine. Do catálogo do leilão que durou quatro dias, Carlos Ferreira dá circunstanciada notícia.

A hasta pública foi uma revista de mostra de riqueza e arte, provando os requintes de educação dada à Duplessis pelo conde de Mênil. Porcelanas de Sèvres, móveis de Bonle, tapeçarias de Beauvais, e mais e mais, figuram no catálogo, hoje folheto camellianamente coblecado.

Ignoramos se, à imitação de Europa, há camellanos no Brasil. A memória, porém, da Duplessis há. Em recente exposição de telas do falecido pintor Teixeira da Rocha apareceu um quadro a óleo do artista que representava o túmulo da Duplessis, no cemitério Montmartre, tal túmulo a vizinhar com o de Dumas Filho. E alguém houve para mandar copiar o quadro do nosso artista: pintado in loco.

Sinal de atenção à Dama das Camélias deram dois jovens poetas no Brasil de cutrora. Para dizer-lhes a dilecção cumprime primeiro registrar em 1847, ano da morte da Duplessis, o surgir no mercado de livreria de Paris, de um volume de

poesias intitulado Pêchés de Jeunesse par Alexandre Dumas Fils.

O volume é hoje preciosidade bibliográfica, não o possui a Biblioteca Nacional de Paris, raro aparece no sumário das obras de Dumas Filho. Este comprou quantos exemplares pôde do seu livro para atirá-los ao fogo. Tudo informação de Carlos Ferreira, que chegou a ver um volume vendido em leilão por 1.030 francos.

Abra-se um volume mais à mão que a edição rara dos Pêchés de Jeunesse. É o volume das Chrysalidas de Machado de Assis, publicado em 1864.

Na página 97 das Chrysalidas começam deressels quadras sob este título: Maria Duplessis (A. Dumas Filho, 1859). No volume de poesias de 1864 há notas do autor, entre elas a seguinte: "Maria Duplessis — Pág. 97 — Em 1858, eu e meu finado amigo F. Gonçalves Braga resolvemos fazer uma tradução livre ou parafrase destes versos de Alexandre Dumas filho. No dia aprazado apresentamos e confrontamos o nosso trabalho. A tradução dele foi publicada, não me lembro em que jornal."

Machado de Assis data de 1858 a dupla e amistosa tradução livre de versos de Dumas Filho.

A data de 1858 deve ser lapso da memória em 1834, pois Francisco Gonçalves Braga publicava em 1856 o seu único volume de poesias Tentativas Poéticas, nas páginas 283 a 287 incluídas de sete quadras intituladas — Maria Duplessis (A Transviada) (Imitação de A. Dumas Filho).

Aquela nota (A Transviada) tem sua explicação. Gonçalves Braga, melomano, era um dos entusiastas da Chorton a cantora qualificada Divina pelo dilettantismo carioca, acompanhado por poetas a decantá-la a qual "Meiga filha do céu".

Gonçalves Braga, ouvindo a Chorton em 1855 disse-lhe todo o seu entusiasmo por versos lançados no album do artista, soletrando a interpretação do papel da protagonista da ópera de Verdi. Tolhidos de comparar por inteiro o original de Dumas Filho em Pêchés de Jeunesse e as traduções parafraseadas de Machado de Assis e Gonçalves, assinalemos apenas uma quadra da poesia de Dumas Filho, narrando impressões da visita post mortem à casa de Maria Duplessis:

"J'entral dans le boudoir, cette oasis divine
Égayant vos regards de ses mille couleurs
Je revls vos tableaux, vos grands vases de Chine
Où se mouraient encore quelques banquets de fleurs

Traduziu Machado de Assis:
Fui no teu camarim, e vi-o ainda
Brilhar com o esplendor das mesmas cores

E pousei meu olhar nas porcelanas
Onde morriam lnda algumas flores".

Agora a vez de tradutor de Gonçalves Braga:

"Entrei no teu formoso camarim
Ornado ainda de brilhantes cores
Vi teus quadros, teus vasos do Oriente
Onde estavam morrendo algumas flores".

Poucos exemplares de Pêchés de Jeunesse restam hoje. O autor deu-lhes caça para destruí-los, nenhum figurando na Biblioteca Nacional em Paris. Quem possui o livro guarda-o, sabendo que a maioria dos companheiros foi a cinzas.

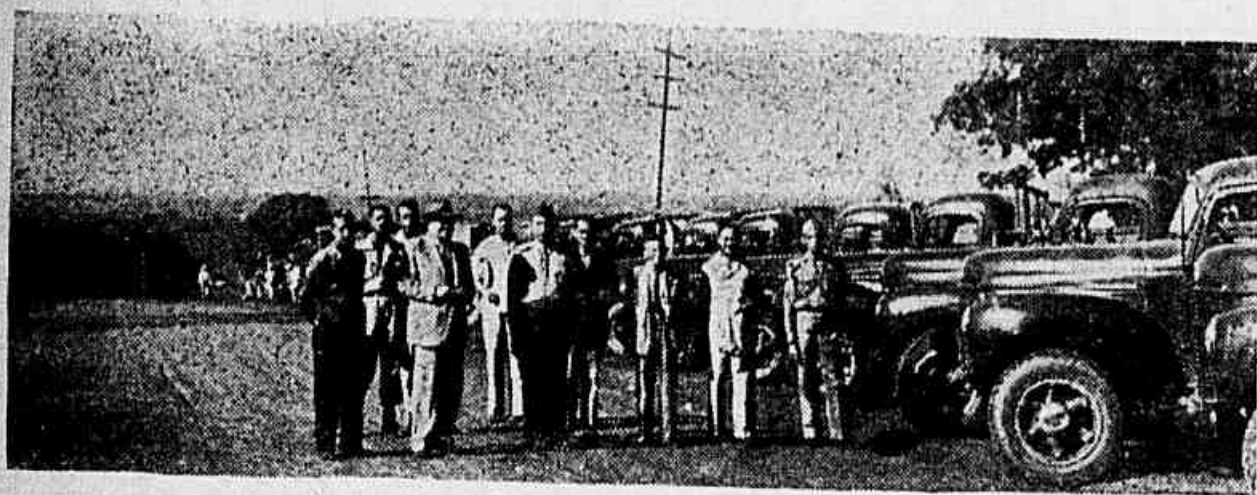
Para findar uma nota pessoal. Fesfar em Paris pela praça Malesherbes é ver duas expressivas estátuas. Uma é a de Alexandre Dumas Pai, tendo na parte anterior a figura em bronze da Lettura, na parte posterior do monumento, sentado, um Mosqueteiro, também de bronze.

Noutra estátua, Dumas Filho olha para a do pai. Do redor do pedestal do seu monumento vai subindo simbolicamente um grupo feminino no qual se destaca a figura da Dama das Camélias, na alvintencia do mármore a olhar para o alto onde está Dumas Filho. Inútil pois ter feito o auto-da-fé dos Pêchés de Jeunesse se tão a mostra os indicariam, em autor por eles glorificado.

Estátua de Alexandre Dumas Filho, na praça Malesherbes, em Paris



ASPECTOS DO TERRITÓRIO DO GUAPORÉ



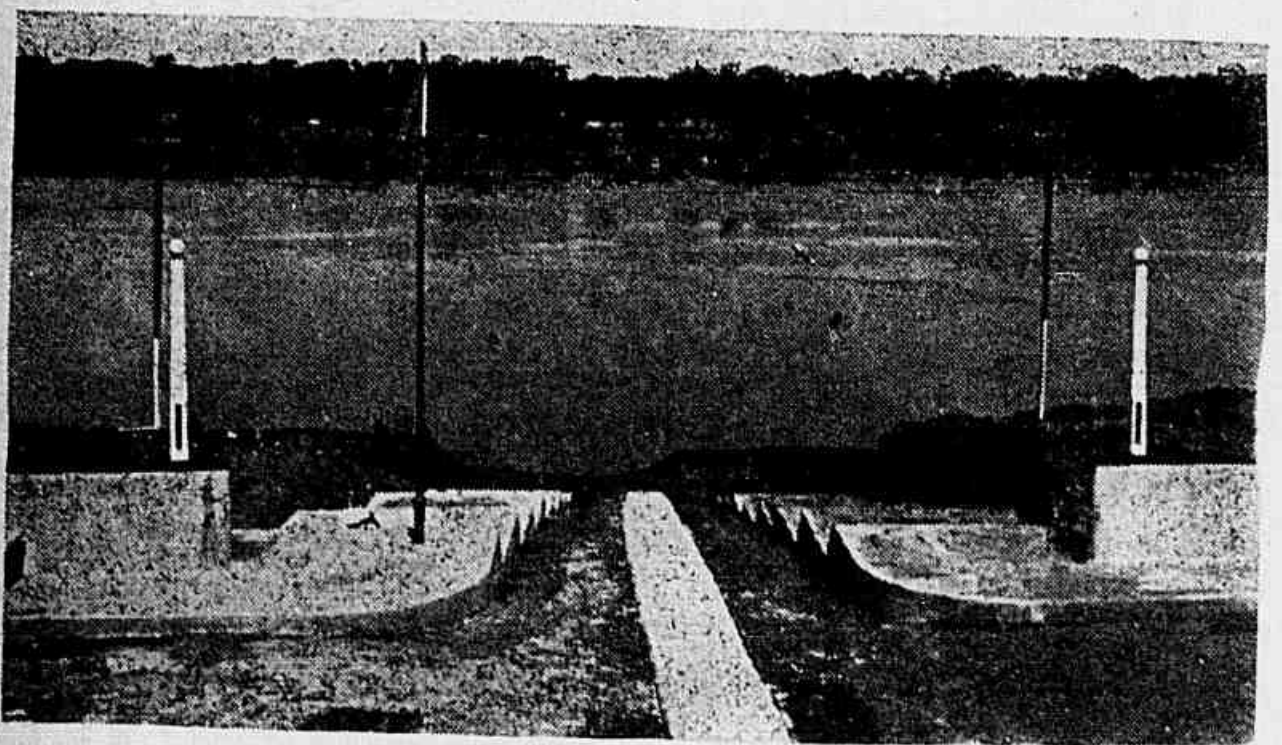
Parte do Parque Motorizado do Governo do Território, vendo-se, em linha, os 10 caminhões "Internacional" recentemente adquiridos. Na foto o Ten-Cel. Rondon, governador do Território, tendo à direita o jornalista Cordelero de Melo, redator de "Notas Ilustradas" e à esquerda, o sr. Manoel da Cunha Freitas, chefe do P. S. D.



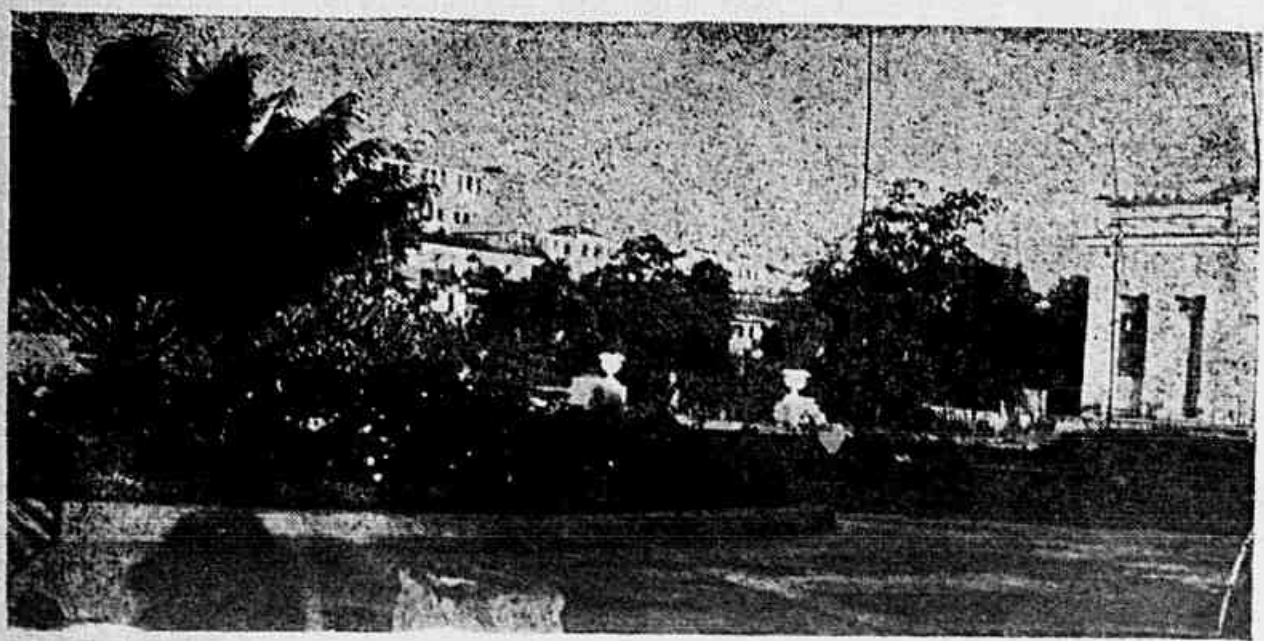
Aspecto tomado por ocasião da inauguração oficial do campo de pouso de Abunã, na fronteira Brasil-Bolívia, mandado construir pelo governador Rondon.



A borracha é o principal produto do território do Guaporé e muito concorre para a sua economia. Os melhores seringais da Amazônia estão contidos na área do Território do Guaporé, principalmente nos vales do Jamary, Gy-Paraná, Candelas, Abunã, Mamoré, Guaporé. Aí vemos uma pequena partida de "peles" de 50 kgs. O Banco do Brasil para Cr\$ 18,00 por kg. de borracha. O seringueiro ganha, no seringal, Cr\$ 10,00 por kg. O seringueiro recebe a Cr\$ 8,00 por kg.



O porto "General Dutra", recentemente inaugurado em Abunã, na fronteira Brasil-Bolívia. Na foto, o rio Mamoré e, ao fundo, Manoa, porto militar boliviano.



Um pitoresco aspecto de Porto Velho, a capital do Território, vendo-se ao fundo o Colégio N. S. Auxiliadora, das Irmãs Salesianas e o Hospital S. José (Foto de I. V. Rondon).

grata, sabendo que a amo perdi-damente?

— Espere, rapaz. Calma, antes de tudo! Com precipitação nada se resolve. Diga-me, quem lhe trouxe a carta?

— Foi Leonor, a criada. Disse que o portador foi um menino; um negrinho.

— Você já conhecia a caligrafia dela?

— E' autêntica. Quanto a isso estou certo.

— Por acaso não lhe teria proibi-do de mandar-lhe flores, para evitar qualquer complicação com os pais?

— Isso, não. Foi até ela quem insinuou que eu devia mandar-lhe o ramalhete.

— Há quanto tempo vocês fala-ram nisso?

— Há umas duas semanas, mais ou menos.

— Encontrou-a alguma outra vez depois desse dia?

— Muitas vezes. Quase diáriamente, após o jantar, ela me telefonava e eu ia encontrá-la.

— Quando a viu pela última vez?

— Na ante-véspera do aniversá-rio dela.

— Depois disso ela não lhe te-lefonou mais?

— Não. Esperei ansiosamente; fiquei de plantão todos estes dias. Minha ansiedade foi aumentando e toda a vez que o telefone chama-va eu sentia um abalo no coração. Você não nota como estou nervo-so e deprimido?... E' a angústia da espera e a emoção que me cau-sa a campanha quando toca.

— Você não tem por hábito te-lefonar-lhe?

— Não. Ela não permite. Só fala comigo quando o pai não está em casa.

— Houve, ultimamente, algum mal entendido entre vocês?

— Não.

— Quando a encontrou pela úl-tima vez, não notou nela certa in-diferença... certa frieza?...

— Ao contrário. Na despedida, ficamos uma porção de tempo de mãos dadas. Ela estava alegre e amorosa e se não estivessemos numa rua iluminada acho que ela me teria dado um beijo.

— Nestes últimos dias você não andou se envolvendo com alguma moça ou praticando alguma leviandade da qual ela pudesse ter tido conhecimento? Não voltaste aos braços da Margot, aquela loura da «Boite Azul»?

— Eu?!... Envolver-me com co-ristas!... Praticar leviandades!... Diva é tudo para mim! Há seis meses que só penso em casar-me com ela. Quase nem saio com os amigos para não gastar dinheiro. Tenho economizado o mais possí-vel para estar logo em condições de fazer o pedido. Mas, agora, nada mais me interessa. Gastarei todo o meu dinheiro e você vai ajudar-me. E' triste a gente so-frer uma ingratidão destas. Va-mos hoje, esta noite à «Boite Azul». Vamos nos divertir com a Margot e o resto da turma...

— Coragem, rapaz! Você está quase chorando! Aceito o seu con-vite para esta noite irmos à «Boi-te Azul», mas receio que haja niso algum mal entendido, alguma intriga, que se torna necessário esclarecer. Se quiser, eu o aju-darei a tirar tudo isso a limpo. Sua pequena mora longe daqui?

— Não. A pé leva-se uns quin-ze minutos até lá.

Neste ponto, batem novamente na porta, interrompendo o diá-logo.

— Quem é? — perguntei eu.

— E' a Leonor. Seu Armando está aí com o senhor? Chegou mais uma carta para ele!

Antes que eu me mexesse, o meu amigo abriu precipitadamen-

te a porta, apanhou a carta, e com as mãos trêmulas, rasgou o enve-lope. Desdobrou em seguida o pa-pel e, num relance dos olhos, leu o que estava escrito. Incontinenti, virou-se para mim e abraçou-me com tanta força que, por um mo-mento, supôs que o rapaz houvesse enlouquecido.

Quando ele deixou cair seus braços dos meus ombros, vi lágrima nas suas faces. Prevendo ou-tra desgraça, arranquei-lhe o pa-pel da mão. Estava escrito: «AS-SUSTOU-SE? FOI UM BELO 1.º DE ABRIL!!! AMO-O MAIS DO QUE NUNCA! AS OITO ESTAREI À SUA ESPERA NO LUGAR DE COSTUME. ATÉ LOGO, QUERI-DO! — DIVA».

Armando, bastante emocionado e um tanto encabulado, só soube dizer-me:

— Desculpe o incômodo — e retirou-se em seguida.

Não menos desapontado, fechei a porta do quarto, cerrei as vene-zianas, e metendo-me novamen-te debaixo das cobertas, conjecturei:

— Ora, bolas! Primeiro de Abril... E eu que já contava com uma noite divertida numa «boite», com a Margot e o resto da tur-ma...

Música

(Continuação da pág. 20)

amor à arte e mantidos pelo devo-tamento heróico de alguns abne-gados.

De Goiaz, por exemplo, recebe-mos, recentemente, notícia da So-ciedade Pro-Arte. Um programa de concêrto e uma nota da imprensa local anunciam o «debut» de uma jovem pianista, Glorinha Ferreira, de 14 anos, que ali tocou para os seus contrâneos, encantando-os com o seu talento precoce. O Bra-sil precisa de aproveitar essas vo-cações moças.

Aqui, pelo Rio, vamos assistindo a concêrtoes que se desenvolvem em outro plano. De Iturbi, sensa-ção cinematográfica, artista de re-cursos limitados, a Madalena Ta-gliaferro uma personalidade mar-cante, intérprete mágica da música francesa contemporânea.

Com efeito, é nos modernos com-positores franceses que ela encon-tra um campo adequado para o desenvolvimento de sua virtuosidade, para a aplicação de sua fina sensibilidade, marcando os recita-is com páginas admiravelmente executadas de Debussy, Poulenc, Fauré.

Seu recital, este ano, não esca-pou à regra. Depois de uma vígo-rosa sonata de Beethoven, cujo acento dramático, apesar de bem traduzido, não condiz com a deli-cadeza da pianista, veio a delicio-sa «fêrie» de música francesa, culminando naquela «Isle Jeyeuse» que levou a plateia a uma ovação.

Chopin encerrou o programa.

ELEAZAR DE CARVALHO

O maestro Eleazar de Carvalho voltou dos Estados Unidos, depois de uma longa temporada de estu-dos, sob a orientação de Serge Koussevitski. Desde logo evidenciou-se a influência do mestre no jo-vem discípulo. Aquela famosa im-petuosidade do maestro Eleazar está, agora, mais contida, ou, pelo menos, dirigida no sentido de um aproveitamento de toda aquela energia na adequada interpretação das páginas escolhidas. Há mais fir-meza na regência de Eleazar, ago-ra, assim como a própria escolha do programa revela que o seu gô-to musical, dantes tão tradiciona-

(Continua na pág. 52)

UMA NOITE NA "BOITE AZUL"

E RA domingo e eu dormia profundamente, quando, às nove horas, Armando, meu companheiro de pensão, batendo na porta do meu quarto, despertou-me. Com o natural mau humor de quem acorda cedo, tendo passado a noite na farra, levantei-me para ver a cara do importuno. Ainda de pijama, com os cabelos emaranhados, trazendo no rosto uma expressão mista de tristeza e espanto, Armando enveredou pela minha alcôva, com uma carta aberta na mão.

— Rogério! Veja a carta que recebi! Estou perdido! Quero que você me ajude! Leia! Por favor, leia!

— Calma, rapaz — disse-lhe eu, batendo-lhe no ombro e tomando-lhe a carta.

Conhecia já esses repentinos histéricos do meu amigo, de maneira que não me assustei tanto quanto pode imaginar o prezado leitor. Abri, antes, as venezianas para que a luz fosse abundante, depois sentei-me na cama, e comecei a lêr:

«Senhor Armando,

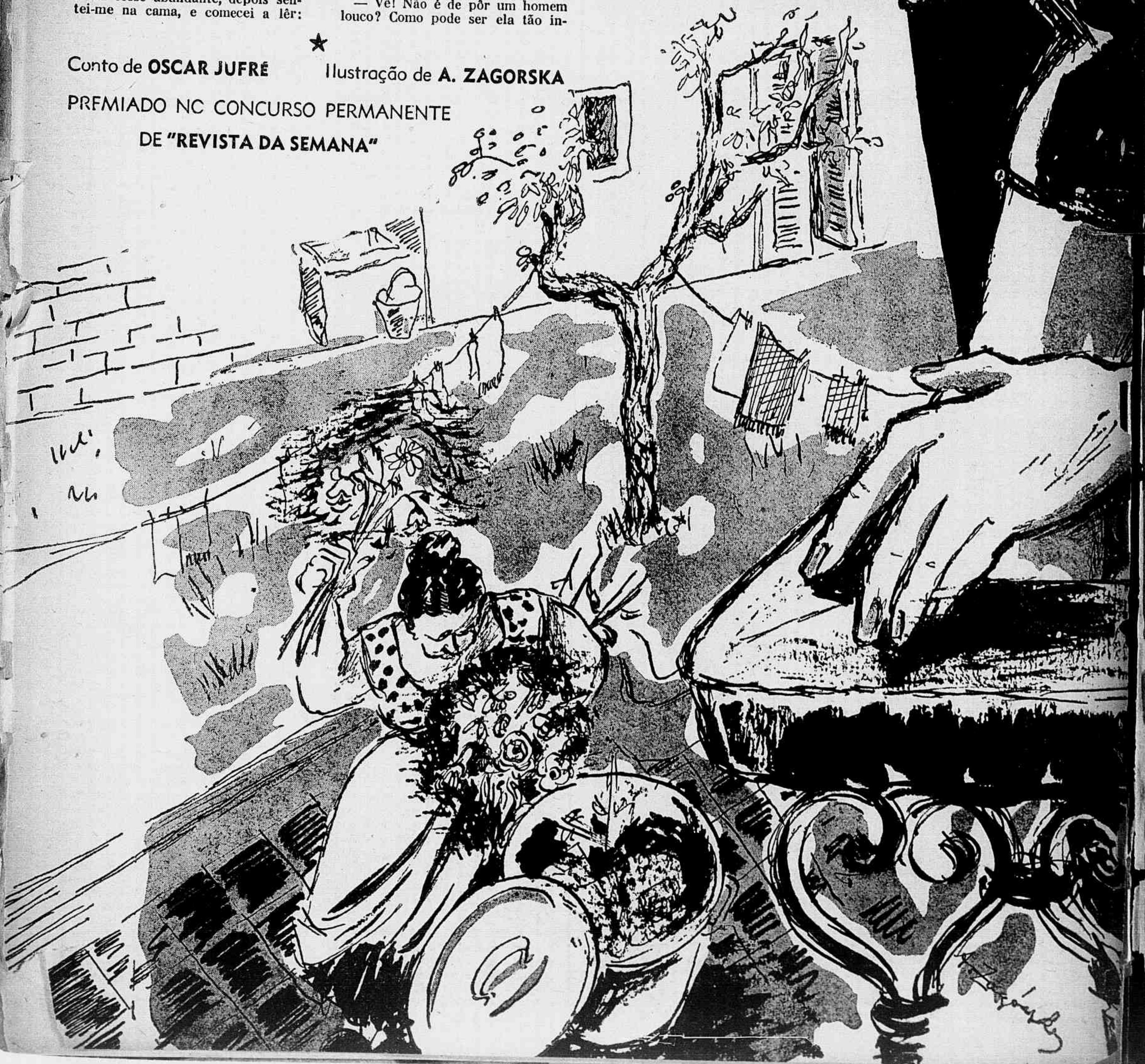
Tive o desprazer de receber as flores que o senhor me mandou por ocasião do meu aniversário. Seu atrevimento excedeu o limite da minha tolerância e se não me desfiz imediatamente do ramalhete, foi para não despertar a curiosidade de meus pais. Mas, para ser franca, confesso que somente hoje, passados portanto quatro dias, as suas flores me deram satisfação. E' que, logo pela manhã, ao sair para o quintal, tive o prazer de vê-las, já murchas, na lata do lixo, atiradas que foram pela nossa criada. Conjeturei então, que finalmente elas se achavam no seu devido lugar. Acredito que, depois destas palavras, não lhe restará dúvida quanto ao juízo que faço a seu respeito e desnecessário seria dizer-lhe que nunca mais quero vê-lo. — DIVA»

— Vê! Não é de pôr um homem louco? Como pode ser ela tão in-

Conto de **OSCAR JUFRE**

Ilustração de **A. ZAGORSKA**

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE
DE "REVISTA DA SEMANA"



Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!

diz

Jane Frazee

Famosa estrela da Republic Productions, que aparece em "CALENDAR GIRL"

...porque a espuma abundante de Kolynos penetra bem, limpa os dentes, perfuma o hálito e deixa na boca uma incomparável sensação de saúde e frescor. E para isso basta um centímetro de Kolynos sobre a escova seca. As mulheres mais admiradas pelo seu sorriso sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



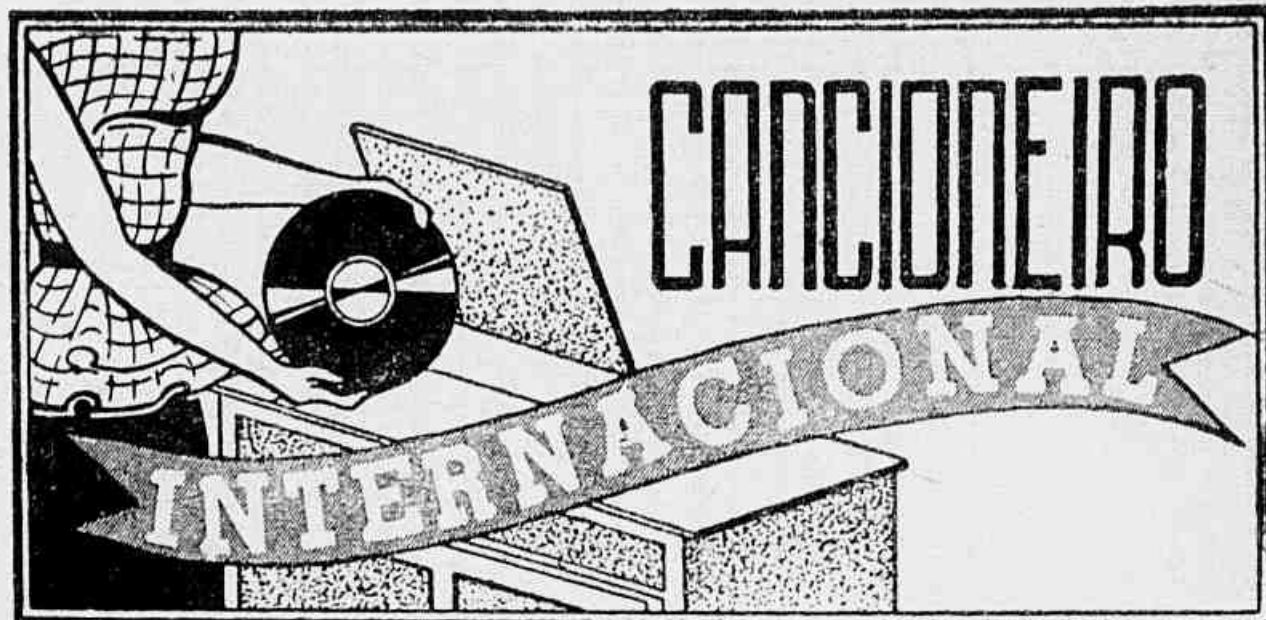
Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K-414 PH

McCann



AMIGOS DA GUARDA VELHA

ALMIRANTE, o grande comandante de programas, acaba de ter uma idéia magistral, com o lançamento das bases para o estabelecimento de um clube diferente de muitos que endam por aí e cuja finalidade única e exclusiva é a exaltação do jazz. "Amigos da Velha Guarda" surge como um corolário à formidável campanha de reabilitação da música popular brasileira em que ele está empenhado através de "Pessoal da Velha Guarda", o "big-broadcast" que, sob o seu comando, é irradiado semanalmente pela onda da Tupi para um auditório entusiasmado e que, pouco a pouco, vai se compondo de que as nossas melodias, quando bem apresentadas, podem ombrear e, às vezes, sobrepujar as de outras terras. É preciso que as adesões até agora recebidas, se avolumem cada vez mais afim de que o clube possa transformar-se numa breve realidade e, nesse movimento, deverão ingressar todos aqueles que desejarem a independência da música popular do Brasil. Como se sabe, Almirante pretende perpetuar em disco os formidáveis arranjos orquestrais de Pixinguinha sobre melodias do passado e do presente, e uma das condições do clube é justamente esta: obrigar-se o associado a adquirir todos os discos que integrarem a série intitulada "Amigos da Velha Guarda". Daqui endereçamos um caloroso apelo aos nossos leitores de todo o Brasil no sentido de emprestarem a maior solidariedade a essa magnífica idéia de brasilidade, cerrando fileiras ao lado de Almirante. Muito obrigado.

F. CORREA DA SILVA

MOONLIGHT SERENADE (Fox de Mitchell Parish e Glenn Miller)

I stand at your gate
And the song that I sing
Is of moonlight
I stand and I wait
For the touch of your hand
in the June night,
The roses are sighing
a moonlight serenade
The stars are aglow and tonight
How their light sets me dreaming,
My love, do you know
That your eyes are like stars
brightly beaming?
I bind you and sing you
a moonlight serenade,
Let us stray till the break of day
In love's valley of dreams,
Just you and I, a summer sky
A heavenly breeze kissing the trees,
Se don't let me wait,
Come to me tenderly in the June
night,

I stand at your gate
And I sing you a song in the moon-
light,
A love song, my darling,
A moonlight serenade.

SLEEPY LAGOON

(Fox de Jack Lawrence e Eric Coates)

A sleepy lagoon, a tropical moon
And two on an island,
A sleepy lagoon and two hearts in
tune
In some lullabyland,
The fireflies gleam, reflects in the
stream
They sparkle and shimmer,
A star from on high, falls out of the
sky,
And slowly grows dimmer,
The leaves from the trees,
All dance in the breeze,
And float on the ripples;
We're deep in a spell,
As nightingales tell
Of roses and dew;
The memory of this moment of love,
Will haunt me forever,
A tropical moon, a sleepy lagoon
And you!

GOOD NIGHT SWEET- HEART

(Fox de Rudy Vallee, Ray Noble
Jimmy Campbell e Reg Connelly)

Good night sweetheart
Till we meet tomorrow
Good night sweetheart
Sleep will banish sorrow
Tears and parting may make us for-
lorn
But with the dawn
A new day is born
(So I'll say) good night sweetheart
Tho I'm not beside you
Goodnight sweetheart
Still my love will guide you

Dreams enfold you
in each one I'll hold you
Good night sweetheart good night.

ADIOS CORAZÓN

(Canción Mexicana de Domingo López Mena)

Adios corazón, sé que te vas
no te olvidaré nunca jamás.
Si el destino nos separa en un mo-
mento
y al tiempo de despedirte
es un tormento.
Adios corazón, no sufras más,
no te olvidaré nunca jamás
si tu eres para mí
un rico tesoro
Adios, corazón, adios!

ASI ERA MI NOVIA

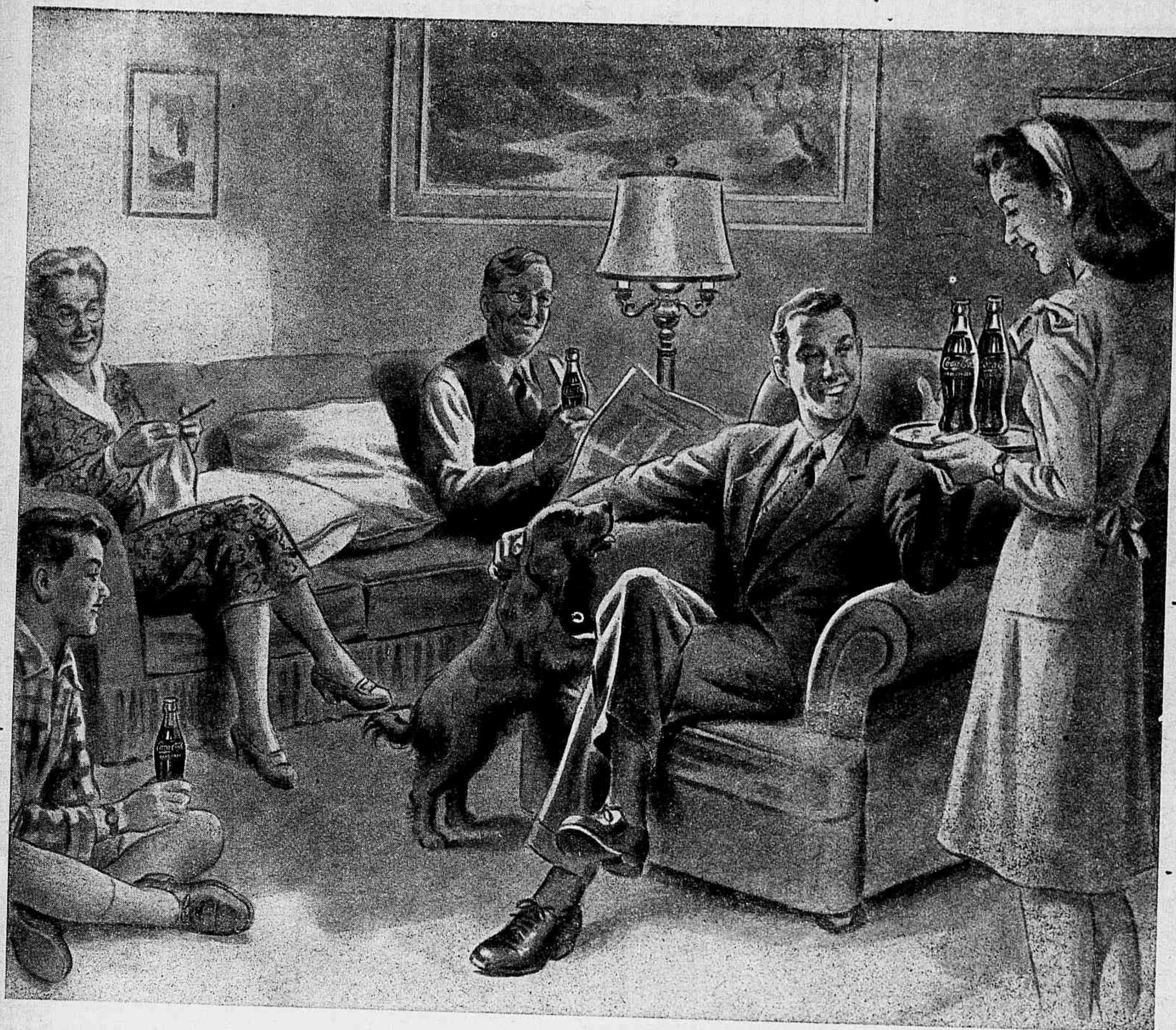
(Tango de Hector Marco e Carlos Di Sarli)

No pudo ganar el cielo
y era una virgen de trenzas negras!
Sus labios eran dos fuegos!
Sus ojos una oración...
Se incendia al reír,
me quemaba al besar;
mi novia era una santa
muñequita de cristal...
Ruborosa y sutil
como el trébol de olor,
así era mi novia
y en mis brazos se durmió...
quisimos formar un nido
pero el destino nos traicionó!

Novia!
Palabra breve,
tentación que mueve
la tierra, el sol...
Luna...
Sobre la cuna
donde un ángel duerme
eso es tu amor...
Beso...
Como tu beso,
lo busqué en cien bocas,
y no lo hallé!
Novia...
Novia querida,
tu corazón mató!

III (Bis)

Me queman sus ojos negros
y escucho el ruego de sus palabras...
Si así me enfermó de sueños,
porqué la dejé partir!
Se apagó su reír
su cariño no esta
que amor en esta vida
su vacío llenará...
Lo mejor es morir!
Esperar para que
Si el tiempo y la distancia,
gritan hoy lo que oculté;
No era para mí mundo,
aquella novia que tanto amé...?



Com Coca-Cola

TODA REUNIÃO É UMA FESTA

Quando os amigos estão reunidos para conversar e divertir-se,
a hora é propícia para uma Coca-Cola bem gelada, que
virá manter todos animados e alegres.

Neste caso, "Tome uma Coca-Cola" significa naturalmente:

"Como é bom estar com os amigos!" Onde quer que se
reunam pessoas, em geral se serve Coca-Cola,

estabelecendo uma pausa agradável — *a pausa que refresca* —
ou seja o momento feliz da boa camaradagem.



Sirva

Coca-Cola

MARCA REGISTRADA

em casa

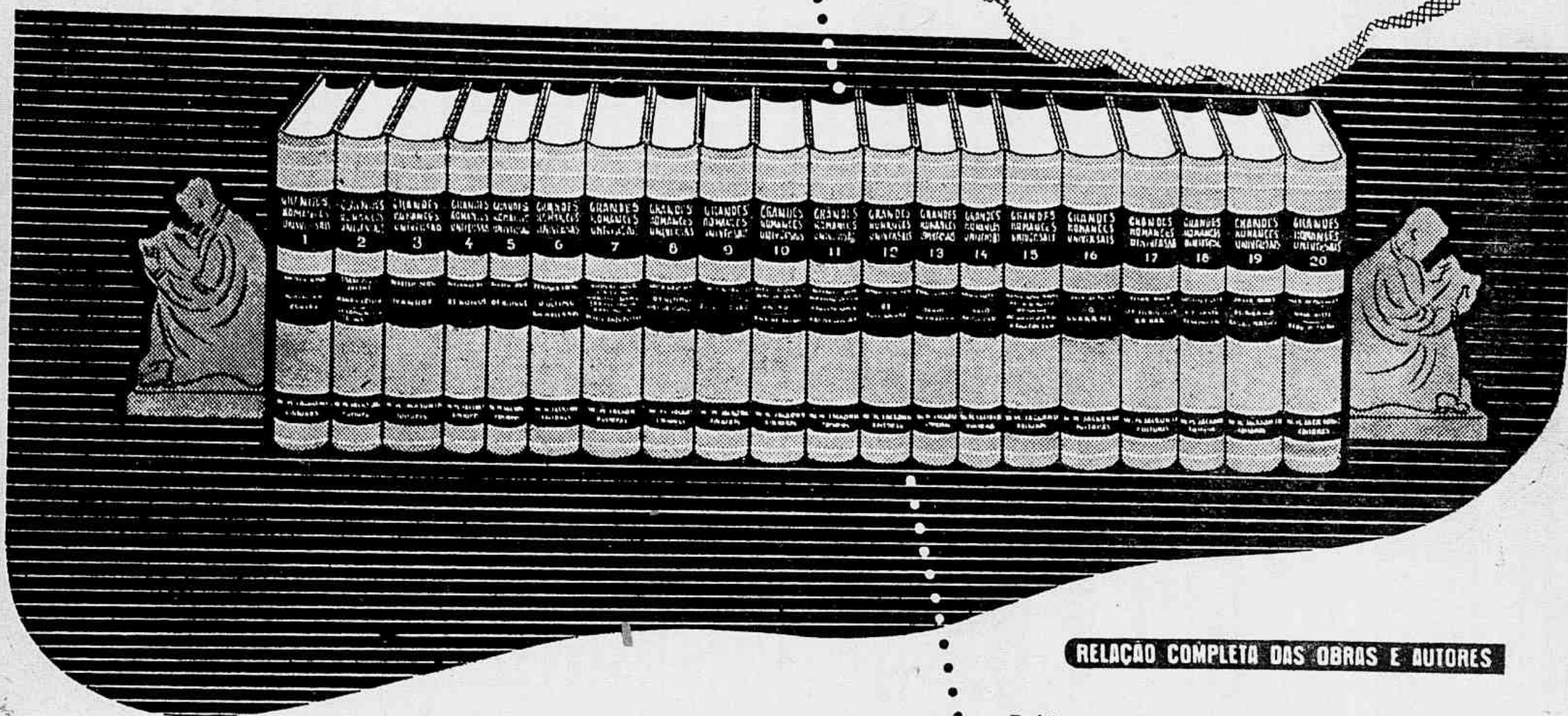
Agora há
Coca-Cola
à vontade.

Uma nova edição Jackson:

Coleção "GRANDES ROMANCES UNIVERSAIS"

(PRIMOROSAMENTE TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS)

20 VOLUMES
24 AUTORES
25 OBRAS-PRIMAS
COMPLETAS



20 VOLUMES E MAIS DE 8.500 PÁGINAS

Inúmeros dos grandes romances considerados obras-primas da literatura universal, não são conhecidos por muitos leitores. Isto porque as traduções existentes são esparsas e raras. Outros romances magníficos, de autores brasileiros e portugueses, acabaram tornando-se quase desconhecidos das modernas gerações, por falta de reedições. Mas os leitores de obras excelentes encontram agora, nesta moderníssima coleção Jackson, 25 dos mais célebres romances da literatura de todo o mundo em todos os tempos. Nesta coleção encontramos as melhores obras de 7 autores franceses, 4 ingleses, 4 brasileiros, 3 portugueses, 3 russos, 1 italiano, 1 alemão e 1 norte-americano. E as traduções são magníficas. Jamais existiu em português uma coleção tão selecionada como esta — uma coleção capaz de empolgar de forma extraordinária a todos os que apreciam a boa literatura.

FEIÇÃO MATERIAL

20 volumes elegantemente encadernados em "Bookcloth" da melhor qualidade e impressos em papel superior, fabricado especialmente para esse fim. Tipos cuidadosamente escolhidos, que oferecem maior facilidade à leitura. Título, nome do autor e do romance e número de ordem gravados a ouro sobre painel verde na lombada dos volumes. Impressos rigorosamente de acordo com a nova ortografia.

FACILIDADE DE PAGAMENTO

A exemplo das demais obras lançadas por W. M. Jackson Inc., esta coleção pode ser adquirida mediante uma pequena quota inicial e o restante em módicas parcelas mensais. Após o recebimento da quota inicial, e aprovado o pedido, remeteremos imediatamente a Coleção "Grandes Romances Universais" para qualquer ponto do Brasil.



GRÁTIS

Preencha e remeta o cupom abaixo, para receber gratuitamente um lindo folheto ilustrado a cores sobre esta obra.

RELAÇÃO COMPLETA DAS OBRAS E AUTORES

Robinson Crusoe - Daniel Defoe • Manon Lescaut - Abade Prévost • Os Sofrimentos de Werther - Goethe • Ivanhoé - Walter Scott • Os Noivos - 2 vols. - Alexandre Manzoni • O Último dos Moicanos - Fenimore Cooper • Tarass Bulba - Nicolai Gogol • Khadji Murat - Leo Tolstoi • Os Sete Enforcados - Leônidas Andreiev • Os Últimos Dias de Pompéia - Lord Bulwer Lytton • O Lírio do Vale - H. de Balzac • O Bôbo - Alexandre Herculano • O Arco de Sant'Ana - Almeida Garrett • A Tulipa Negra - Alexandre Dumas • A Dama das Camélias - Alexandre Dumas Filho • Os Dois Amores - Joaquim Manuel de Macedo • David Copperfield - 2 vols. - Charles Dickens • Memórias de um Sargento de Milícias - Manuel Antônio de Almeida • A Escrava Isaura - Bernardo Guimarães • O Guarani - José de Alencar • Os Trabalhadores do Mar - Vitor Hugo • A Educação Sentimental - Gustave Flaubert • Os Fidalgos da Casa Mourisca - Júlio Diniz • Uma Vida - Guy de Maupassant • Pedro e João - Guy de Maupassant.

W. M. JACKSON INC. EDITORES

SÃO PAULO
Rua São Bento, 250
(loja)
Caixa Postal, 2.913
Tel.: 2-2348

RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 140
(loja)
Caixa Postal, 360
Tel.: 42-0671

PORTO ALEGRE
R. dos Andradas, 991
(loja)
Caixa Postal, 475
Tel.: 5.736

W. M. Jackson, Inc. Div. RM. - 2797 - Caixa Postal 360 - Rio de Janeiro
Queiram enviar-me, "Grátis" e sem compromisso algum, o folheto relativo à Coleção "Grandes Romances Universais".

Nome:
Profissão:
Endereço:
Endereço comercial:
Cidade:
Estado:

... "E o Faraó vestiu José com roupas de Puro Linho"



COMO suprema honraria, "Faraó vestiu José com roupas de puro linho" (Gênesis XLI-42) para comemorar a interpretação do sonho das vacas gordas e magras. Encontramos na Bíblia inúmeras referências a "roupas de linho inconsútil", testemunho da importância que os egípcios emprestavam à fiação e à tecelagem do linho. Pliny conta que a túnica do Rei Amrasis I possuía 365 fibras distintas.

Embora os egípcios tenham sido hábeis fiadores e tecelões, não podem ser comparados aos teares da indústria moderna e aos padrões de uniformidade e excelência estabelecidos e mantidos, por muitas gerações, pelos membros do Irish Linen Guild, cuja estampa é sua garantia de perfeição; por isso dizemos com toda sinceridade

Exija Linho Irlandês!

Para informações, dirija-se à

Av. Rio Branco, 4-13.º - Tel. 23-2030 - Rio de Janeiro



The Irish Linen Guild

BELFAST.

A vida de Mendelssohn

(Cont. da pág. 18)

ma filosófico. Via-lhe as esperanças, ambições, afecções e talentos sub specie aeternitatis, no contexto da eternidade. Diante dos túmulos de Beethoven e de Schubert, em Viena, ponderou: A sepultura é o fim de todos os esforços. Há-de o gênio renunciar em prol do mundo os seus trabalhos e arrastar-se depois para um canto a fim de morrer".

A maior parte dos seus pensamentos, no entanto, estavam muito distantes da morte, pois uma perpétua canção de primavera borbilhava na alegria do seu coração. Música pela manhã, visita às galerias de pintura à tarde e bailes à noite — tal era a cotidiana sucessão das suas atividades na Itália. No salão de baile, com a figura elegante, as longas calças brancas, o fraque azul e o colete de cores alegres, era a luz em torno da qual esvoaçavam as mais esplêndidas borboletas da sociedade italiana, a pedir que as chamuscasse o fogo dos seus beijos e dos seus sorrisos. Estas, ele não poupava. "Sim, filhos", escreveu em uma de suas cartas efervescentes, "não faço outra coisa senão flertar". Apaixonava-se incessantemente; contudo, diversamente de Liszt, jamais roubou a outros o seu amor. "Nenhum sópro de escândalo", lembra-nos o seu biógrafo Estevão S. Stratton, "jamais lhe escureceu a claridade do carácter". A sua presença no meio das intrigas dos círculos artísticos e sociais de Roma era como uma corrente de ar fresco a circular através de uma sala abafada de visitas.

Foi com relutância que deixou Roma para voltar a Berlim, já que aquilo significava o término das suas férias. A partir de então entraria seriamente a trabalhar.

III

No dia 5 de novembro de 1832, Mendelssohn recebeu da Sociedade Filarmônica de Londres a encomenda de escrever uma sinfonia, uma abertura e uma composição vocal. No mês de maio seguinte foi convidado para reger no Festival de Düsseldorf. Em resultado do êxito que obteve nessa ocasião, foi-lhe oferecido o posto de "diretor de todos os estabelecimentos musicais da cidade, públicos e particulares, por um período de três anos, com um salário de seiscentos táleres". Herr Felix — como era geralmente chamado — encetava desta maneira, profissionalmente, a sua carreira musical. O pai, que estava em Düsseldorf quando Mendelssohn recebeu esta oferta, senão lucrativa ao menos lisonjeira, escreveu aos seus com o chiste habitual: "O cargo de Felix aqui agrada-me especialmente por uma coisa; ao passo que uma porção de gente tem títulos sem cargo, ele tem um cargo sem título".

De Düsseldorf foi convidado para reger em Leipzig. Ao acusar o recebimento do convite, demonstrou a generosidade do seu carácter: "Antes de dar uma resposta definitiva à vossa proposta, peço-vos me informeis se... aceitando a, não magoei nenhum outro músico". E somente depois de tranquilizado nesse particular é que aceitou.

Pouco depois de chegar a Leipzig experimentou a primeira grande tristeza da sua vida — a morte do pai, de um ataque do coração. Este tipo súbito de insultos cardíacos havia de tornar-se um

visitante demasiado frequente da família Mendelssohn.

O sofrimento que lhe causou a perda do pai encontrou lenitivo na companhia de Schumann, o crítico compositor devorado de tripla paixão — o vinho, a música e a amizade. A sua admiração por Mendelssohn não conhecia limites. "O principal lumiar da Alemanha musical", escreveu, a propósito dele. "Não se passa um dia sem que ele produza pelo menos alguns pensamentos que deviam ser incontinenti gravados em ouro".

Durante algum tempo tornaram-se inseparáveis os dois amigos — Mendelssohn, o gênio reconhecido e Schumann, o gênio não reconhecido. Generoso, Schumann engoliu em seco as próprias decepções e ajudou a difundir a fama de Mendelssohn. Escreveu artigos brilhantes sobre as composições do amigo. Rejubilou quando a Universidade de Leipzig lhe outorgou o grau honorífico de Doutor em Filosofia por "méritos extraordinários em música". E foi um dos primeiros a dar a Mendelssohn os parabéns por ocasião do noivado deste último com Cecilia Jeanrenaud, filha do pastor da Igreja Reformista francesa em Frankfurt.

IV

Quando Mendelssohn desposou Cecilia Jeanrenaud, tinha vinte e sete anos e ela, dezessete. Cecilia não era nem excepcionalmente brilhante, nem excepcionalmente prezada. Era, todavia, excepcionalmente bela e tão delicada quanto bela. "A sua disposição serena e alegre", escreveu ele, "é como uma bebida fria para o meu espírito inquieto". A irmã de Mendelssohn, que visitou o jovem casal pouco depois do casamento, corroborou o elevado conceito em que Felix tinha Cecilia. "Você foi extremamente feliz em sua escolha", disse ela. "Esta menina, com os seus lindos olhos e a sua tranqüila disposição, há-de, muito provavelmente, curar-lhe de todos os acessos de irritabilidade".

E a irmã de Mendelssohn tinha razão. Sob os ternos cuidados de Cecilia viveu ele o mais importante período de sua existência. Transformou a orquestra um tanto mediocre de Leipzig na principal organização musical da Europa. Seu nome tornou-se legendário nos círculos musicais de toda a parte. Executantes e compositores de todos os cantos do mundo faziam peregrinações para ver o jovem maestro e beber-lhe dos lábios as palavras de sabedoria. E centenas de olhos olhavam com admiração não disfarçada sempre que Herr Felix, envolto em seu manto espanhol, caminhava pelo bulevar, dando o braço à linda madame Cecilia.

Depois — uma família de cinco querubins muito louros, e a felicidade deles completou-se. Mendelssohn tinha agora trinta e poucos anos. Toda uma existência de glórias enchera aquele pequeno espaço de tempo. Os fados tinham produzido uma obra-prima humana. Obra-prima de curta duração, porém, mais lírica do que épica em seu desenvolvimento. A derradeira linha estava prestes a ser escrita. O dia de glória de Mendelssohn chegava ao seu termo.

Antes do fim, porém, mais algumas horas de ofuscante claridade. Não fora ainda completado o seu trabalho. Como se tivesse consciência de que lhe res-

(Cont. na pág. 54)

**APARENTE
GOZE**

melhor saúde... com uma simples mudança de alimentação.



Sente-se cansado, nervoso? Procure a causa! E sem demora!

Uma mudança para melhor no seu regime alimentar pode dar resultados maravilhosos! Sente-se indisposto? Talvez a causa seja uma alimentação inadequada. Eis aqui alguns sintomas que podem indicar a necessidade de mudar a alimentação:

1. Abatimento, palidez.
2. Cansaço fácil, nervosismo.
3. Inapetência, má digestão, má eliminação.
4. Perda ou excesso de peso.
5. Inflamação das gengivas ou da boca.

Se tiver algum destes sintomas, procure um médico!



Coma um alimento de cada um dos 6 grupos básicos, todos os dias.

Quais são os alimentos vitais? Veja, acima, os alimentos revitalizantes que você deve comer *todos os dias*... cada um deles de primeira ordem. Lembre-se deles ao escolher suas refeições. Recorte e coloque este quadro onde possa ser visto, constantemente, por toda a sua família. E lembre-se, também, que isoladamente nenhum alimento é completo. Você necessita de alimentos de *todos* esses grupos para ter mais saúde, mais vitalidade. Consulte seu médico sobre o regime alimentar mais adequado ao seu organismo, para ter melhor saúde, melhor aparência!



Goze mais a vida! Aproveite as mais modernas descobertas da medicina sobre Dietética.

A melhora pode ser muito rápida — caso não tenha sido adequada a sua alimentação anterior. Comece, *ainda esta semana*, um saudável e bem equilibrado regime alimentar. Se perseverar, terá ocasião de observar uma considerável melhora em sua saúde e na sua aparência — e nunca mais querará voltar aos antigos hábitos de alimentação prejudiciais à saúde. *Mas lembre-se: se ainda sentir cansaço, nervosismo, fraqueza, você precisa de um exame médico completo.* E seu médico lhe dirá talvez que você necessita de mais vitaminas e minerais do que os encerrados em sua dieta habitual.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS



LYTOPHAN



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

A vida de Mendelssohn

(Cont. da pág. 52)

tava pouco tempo de vida, atirou-se Mendelssohn, febril, à execução de vários projetos ao mesmo tempo. Sem abandonar o cargo em Leipzig, aceitou a oferta para dirigir o departamento de música da Academia de Artes de Berlim. Compôs sinfonias, concertos, aberturas, sonatas e canções. Organizou um movimento com o fito de erigir a Bach um monumento e trabalhou desesperadamente na angariação dos fundos necessários. Abriu uma Academia de Música em Leipzig. Tocou em concertos, e regeu-os, muitos deles com propósitos caritativos, até chegar ao ponto de quase cair de fadiga. Matavam-no literalmente os auditórios com a bondade que lhe demonstravam. Num dos concertos, uma multidão de trezentos admiradores quase o sufocou com os seus esforços por aproximar-se dele e apertar-lhe a mão. Em outra ocasião, uma audiência delirante pediu bis atrás de bis até que ele implorou que o desculpassem, pois já não tinha forças para continuar. Delegações, discursos, serenatas — glórias amontoando-se sobre glórias, torturas sucedendo-se a torturas. O preço de um êxito demasiado grande. A maço envenenada da fama excessiva. O esforço comprometeu-lhe irremediavelmente a saúde.

Pediu licença para ausentar-se. Um breve descanso, e, depois, viu-se obrigado a retornar ao pesadelo da grandeza. Já não tinha uma hora sequer para si, pois o gênio se convertera num monopólio público. A adoração popular exigia a presença contínua do seu deus. Um deus sorridente mas exausto, pronto para despir as vestiduras mortais.

V

Uma visita final à Inglaterra. Concertos em Manchester, Birmingham, Londres. Dias radiosos. Noites de vigília. Foi convidado a tocar diante da rainha Vitória e do príncipe Alberto, no palácio Buckingham. Ofereceu-se a rainha para cantar uma das canções de Mendelssohn. "Ela canta com simplicidade e graça", escreveu Mendelssohn. "É pena que na frase onde a música desce para o Ré... canta, todas as vezes, Ré sus-tenido. E como eu me abalancasse a corrigi-la nas duas primeiras vezes, cantou, a última vez, Ré quando deveria ter cantado Ré sus-tenido".

No momento em que se dispunha a sair, perguntou-lhe a rainha se havia alguma coisa que ela pudesse dar para agradecer ao "Doutor Mendelssohn".

"Há", retrucou Mendelssohn. "Uma visita ao real quarto de brincar das crianças me daria imenso prazer".

Encantada com o pedido, Vitória mostrou-lhe o caminho. Pouco depois, a rainha e o músico, esquecidos das distinções artificiais, absorviam-se no seu parentesco comum. Durante meia hora conversaram livre e agradável, sobre os seus próprios filhos. Mamãe Vitória. Papai Felix — duas criaturas encantadas, pasmadas diante do milagre do desabrochar das flores humanas.

Não tardou muito o dia, porém, em que Mendelssohn devia quedar-se igualmente diante do milagre do coíder das flores humanas. Milagre e mistério amargo. Morrera-lhe a irmã. O flagelo dos Mendelssohn, o repentino ataque do coração.

O choque da morte de Fanny proveu-lhe a ruptura de um vaso sanguíneo na cabeça. Tendo recobrado temporariamente a saúde, buscou reencetar o seu trabalho. Fez algumas composições, assistiu a um ou dois concertos e, certa feita, sentando-se diante de um órgão, tocou. Possuía ainda a mestria, mas já não possuía o fogo de outrora. "Quando o ouvi tocar", observou o seu amigo Henrique F. Chorley, "tive a impressão de que me estava despedindo da maior música de todos os tempos".

Antes da sua última recaída conseguiu escrever mais uma canção — "Nach-ited". Mendelssohn estava apenas no seu trigésimo nono ano de existência.

Quando o fim se aproximou, o povo, expectante e ansioso, aglomerou-se à

porta. Redigiam-se, de hora em hora, boletins sobre o seu estado. Sete horas da noite — "Herr Mendelssohn sucumbiu rapidamente". Foram chamadas as crianças para entrarem no quarto. Oito horas. — "Já não há esperanças". Cecília ajoelhou-se-lhe ao pé da cama. Nove horas — "Está quase terminado". Mendelssohn estava desacordado. A algazarra de um carnaval que passava irrompeu pelo quarto do moribundo. O mestre levantou subitamente a cabeça e atirou-a para trás num gesto que bem conheciamos os presentes. Era o movimento característico que fazia ao dar à orquestra o sinal para começar. Fora chamado o maestro para dirigir, no além, o seu primeiro concerto.

Aposenta se o maior pa haço do Brasil

(Cont. da pág. 13)

SUAS RECORDAÇÕES DOS PRESIDENTES

O ex-presidente Washington Luís conheceu Benjamin de Oliveira quando aquele, ainda estudante, ia passar suas férias em Macaé. Anos mais tarde, o circo de Benjamin acampou na rua das Palmeiras, na cidade de São Paulo, onde residia o presidente do Estado de São Paulo, doutor Washington Luís. O presidente se lembrou do palhaço e mandou um recado para o circo. Iria assistir à sessão se o Benjamin trabalhasse como "clown". Foi uma noite de festa para o modesto circo. O presidente era quem mais aplaudia as cambalhotas do palhaço. Hoje, depois de quase vinte anos, o ex-presidente voltou do exílio, e que o obrigara o governo ilegal do ditador Getúlio Vargas. O velho palhaço nos disse.

— Depois de passar os dias de festas em homenagem ao doutor Washington, vou lhe levar o meu abraço. Homem "bão" o nosso ex-presidente.

Benjamin de Oliveira lembra-se de muita gente importante.

Nunca pedia favores. Nas suas amizades foi sempre desinteressado. Por isso, iria morrer na miséria se não fôra a generosidade dos congressistas. O marechal Hermes, por mais de uma vez, tomou o mesmo cafézinho que nós agora saboreávamos, ali no próprio circo. O violão, usado ainda na festa de despedida, foi um presente do ex-presidente de Minas Gerais, doutor Severiano Brandão. Isto há cinquenta e quatro anos atrás. Benjamin tem ainda muita boa memória. Não fôsse a catarata que já o cegou de uma vista e lhe diminuiu muito a visão da outra, ainda estaria em forma para trabalhar. E não fôsse, também, essa melancolia de que tanto se queixa.

O MAIOR ORDENADO DO "REI"

De 1910 em diante já era considerado como o rei dos palhaços do Brasil. Foi quando recebeu o seu maior salário: mil cruzeiros mensais. Naquela época era muito dinheiro. Podia-se quase que comprar uma casa. Foi o que fez ele. Comprou dois mil cruzeiros e comprou para os seus pais, dos quais nunca mais se afastou, depois daquela volta triunfal a Pará de Minas, um barracão na rua Angelo Bittencourt, em Vila Isabel. Dinheiro para si mesmo nunca guardou. E como o poderia fazer com a família que tem? Só em Minas, tem atualmente, cinquenta e um sobrinhos e mais de trinta afilhados. Mora modestamente em Vigário Geral, com suas filhas Jaci e Juçara. Quase nada enxergando, assim mesmo desce todos os dias para dar uma voltinha pelos círculos dos seus amigos. Ultimamente fez-se "habitué" dos corredores da Câmara do Senado, acompanhando com interesse o andamento do projeto de sua pensão. Terá finalmente uma velhice feliz. O governo reconheceu os seus sessenta anos de bons serviços. — "Sou um palhaço aposentado", — diz-nos entre triste e sorridente. E se derrede, dizendo a última frase, baixinho.

— O senhor sabe que é muito triste ser um palhaço aposentado?

UM FILME SIMPLES, MAS FABULOSAMENTE CARO

(Cont. da pág. 27)

lizes, como vestem as empregadinhas que eu vi lá pelo interior do norte. Quanto à minha atuação artística prefiro que o saibam por outros, e por sinal que de Londres, após a estréia, nos serão enviados telegramas a esse respeito. E agora, amigos leitores um apelo meu a todos vocês: — eu quero que saibam que fiz todo o possível para fazer um trabalho digno. Trabalhei sempre pensando no meu público, nos meus patrícios, no meu país — pensando que dessa gente boa e dessa terra linda, só recebi acolhidas de carinho, de admiração, e que, portanto, tinha a obrigação de não fazer feio. Agora, se eu fiz bonito não sei, mas força eu fiz.

Música

lista, recebeu o influxo salutar de Koussevitski no sentido de alargar suas vistas e compreender, com os recursos de sua sensibilidade, as páginas de compositores modernos.

De todo o programa, William Schuman nos pareceu a figura principal, pela unidade de estilo e força expressiva da obra executada. Copland, mais sofisticado, erudito, revela, entretanto, uma personalidade menos marcante.

Agasalhos de pele de Ovelha

Vai desenvolver-se na Escócia uma nova indústria para a Grã-Bretanha: a da confecção de agasalhos feitos de peles de ovelhas. As peles serão submetidas a um novo processo químico, por meio do qual a lã áspera e desigual se converte em um pêlo suave e brilhante, impedindo ao mesmo tempo que cáia ou que se embolote. Assegura-se que as peles assim tratadas em nada diferem das de castor mais fino.

O trabalho vai iniciar-se este ano, com 100.000 peles de ovelha procedentes da África do Sul e da Austrália e espera-se que a nova indústria de Tweedside alcance um desenvolvimento considerável, porque a água dessa região é particularmente adequada no processo de tratamento das peles.

Vidros inquebráveis mais fortes

A firma Triplex Safety Glass Co., da Grã-Bretanha, produziu um novo tipo de vidro laminado, que não se parte em estilhaços e ao qual se atribuem propriedades novas.

O novo vidro leva intercalado uma capa de matéria plástica de butiral polivinílico, o "vinal", e, assim, fica três vezes mais forte que os cristais de segurança anteriores, produzidos pela mesma firma. A resistência do novo vi-

dro pode ser avaliada quando se imagina que a substância de matéria plástica era antes usada nos cristais à prova de bala dos aviões, que suportam temperaturas de 40 graus Fahrenheit abaixo de zero. Depois de demorada exposição a tais condições extremas, não se observa no vidro a menor descoloração nem perda de transparência. Outra vantagem é que permite utilizar nos automóveis cristais de segurança curvos.

Motores estacionários a óleo

O motor a óleo HEC, de tipo estacionário, que tanto mereceu a preferência do público, nos últimos anos, 30, aumentou de muito a sua reputação, durante os anos de guerra, ao ser empregado em tarefas diferentes, que exigiam alto grau de exatidão.

O Ministério dos Abastecimentos da Inglaterra reconheceu, publicamente, a sua utilidade, contratando grande número de geradores de 50 KW, na malátria para a Índia.

O motor é de 100 HP com uma velocidade governada de 1.500 revoluções por minuto, é impulsionado por um Hardy Spicer flexível ligado a um alternador de 50 KW da General Electric Co.

Controle da temperatura da água

É muitas vezes importante, como no equipamento da indústria de viveres, ter um fornecimento contínuo de água quente numa temperatura controlada com absoluta precisão. Em muitos casos, é costume misturar água fria e quente ou ligar o vapor à água fria em grandes tanques, com o cuidadoso ajustamento da temperatura por controle manual. Um processo laborioso.

Isto foi agora tornado desnecessário com o Leonard-Thermostatic, misturador de água quente e fria, produzido por uma firma de Cheltenham.

A água fria e o vapor ou a água quente são ligados por meios de condutos e de válvulas ao misturador, que em seguida descarrega água tépida ou quente, que mantém contínua e automaticamente na temperatura desejada, sejam quais forem as flutuações de pressão e de temperatura em ambos os condutos.

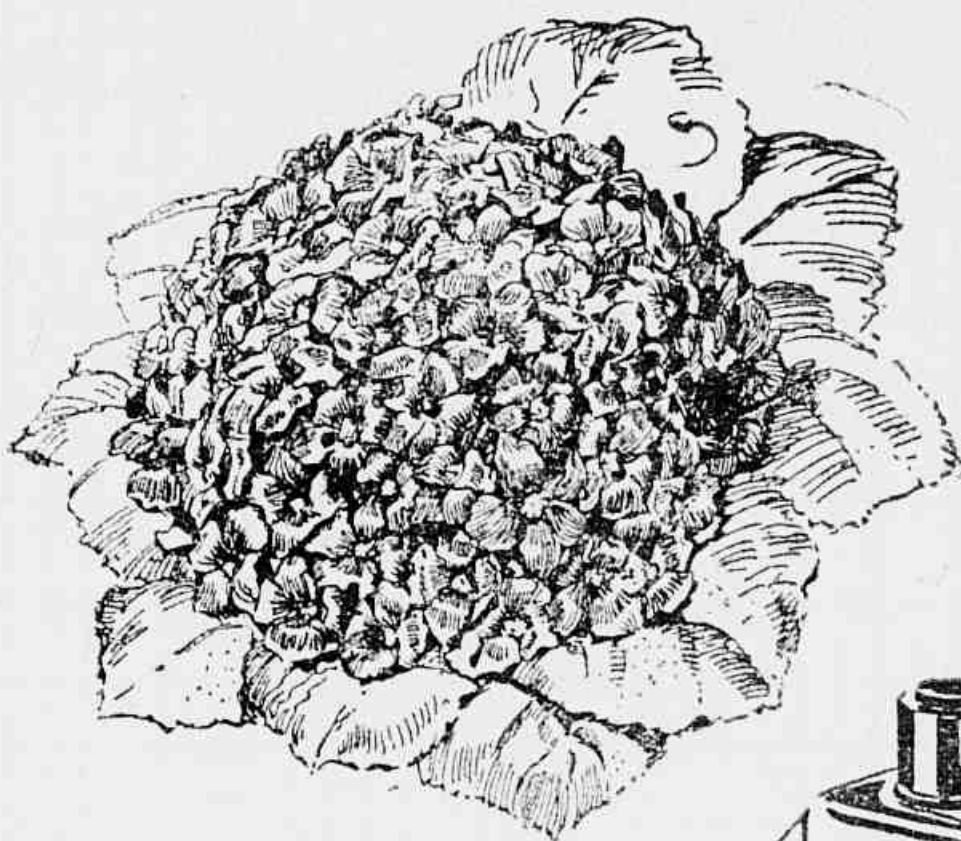
A água é suprida continuamente de um conduto só, em qualquer temperatura desejada, que pode ser alterada à vontade, movimentando-se uma manivela ajustável de regulamento.

As bases da prosperidade internacional

A importância da política de emprego para todos da Grã-Bretanha, como fator de expansão do comércio internacional e, consequentemente, como fator de consecução de mais altos padrões de vida do mundo, foi salientada por H. A. Marquand, Secretário do Comércio Ultramarino.

Em discurso na Câmara do Comércio Americano, Marquand declarou:

"A Grã-Bretanha encara o futuro resolvida a manter o emprego para todos. Isto é, pedidos cada vez maiores de artigos e constante aumento nos padrões de vida. Num país que tanto depende do comércio exterior, isto significa pedidos cada vez maiores de importações — e a necessidade da constante expansão das exportações para pagá-las. Se todos os países adotassem e seguissem a política de manter altos e estáveis os



Loção
VERA VIOLETTA

UMA CREAÇÃO INIMITÁVEL DE
ROGER & GALLET
RIO · PARIS

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA?

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL. CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-3118 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

CABELLOS BRANCOS

CASPA Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

níveis dos pedidos e, portanto, dos empregos, dentro do país, ao lado da eliminação progressiva, a prosperidade retornará".

Marquand continuou:

"O governo britânico deseja, tanto quanto qualquer outro governo no mundo, ver a rápida restauração do comércio multilateral, com moedas livremente convertíveis. O governo britânico está, entretanto, convencido de que as nações devem cooperar para que esse comércio seja estável — e se mantenha em expansão."

Equipamento de rádio para a Espanha

Uma firma britânica, produtora de equipamento de rádio, conseguiu um contrato de 12 milhões de pesetas (cerca de 270.000 libras), para o fornecimento de quatro transmissores de onda curta para o serviço de rádio do Estado Espanhol.

A Marconi's Wireless Telegraph Co.,

que obteve o contrato através da companhia associada Marconi Espanhola, declara que a manufatura, a montagem, as experiências e a instalação dos transmissores ficarão a cargo das fábricas da companhia em Madrid e em Chelmsford.

Os transmissores, de 100 KW cada, serão do tipo Marconi-302. Estes transmissores, bem conhecidos em todo o mundo, estão diariamente em operação nos programas de onda curta da BBC para ultramar.

Radar, astro de cinema

O filme "School for Secrets" conta a história do Radar e é considerado como um dos melhores filmes britânicos feitos em 1946.

O Radar foi o triunfo supremo da ciência britânica durante a guerra, e o filme revela não só as assombrosas propriedades do notável invento, mas também como viviam em uma colônia secreta os personagens encarregados das pesquisas.

O CATARRO PODE CAUSAR ZUMBIDOS E SURDEZ

UM REMÉDIO QUE ELIMINA O CATARRO NASAL E ALIVIA O ATURDIMENTO CATARRAL

São poucas as pessoas que dão importância e tratam a afecção catarral. Entretanto, a afecção catarral não é um mal passageiro. Se não for tratada em tempo ela pode degenerar numa grave enfermidade, destruindo o olfato, o paladar e, paulatinamente, minar a saúde em geral.

Se V. S. padece de catarro não se desculde. Compre um frasco de PARMINT e tome-o de acordo com as instruções da sua bula.

PARMINT tem demonstrado sua eficácia em muitos casos porque sua ação se exerce diretamente sobre o sangue e sobre as membranas mucosas.

A volta da respiração fácil, da agudeza de ouvido, o restabelecimento do olfato e do paladar e levantar-se, pela manhã, com novas energias e a garganta livre de catarro — eis o que lhe proporcionará o tratamento com PARMINT. Torne sua vida mais aprazível, mais alegre. Para seu próprio bem — se sofre de catarro — comece, hoje, o tratamento com PARMINT.

Metalurgia e saúde

A divisão de metalurgia do Laboratório Nacional de Física, da Inglaterra, está desenvolvendo um valioso trabalho, tanto para as empresas particulares como para os departamentos governamentais.

Os problemas de metalurgia são estudados, a pedido de uma outra entidade, em base confidencial. O Laboratório há muito que vem resolvendo consultas referentes aos aparelhos metálicos usados em cirurgia. Recentemente, o Laboratório estudou a questão dos ruídos do corpo humano sobre certas aleações, a possibilidade de usar as aleações ligeiras na manufatura de membros artificiais e examinou pós industriais para descobrir a presença de constituintes minerais que possam produzir a sílicose.

Um aspecto importante dos trabalhos do Laboratório é o emprego dos métodos micro-químicos de análise, que cada dia adquirem maior exatidão e âmbito de aplicação.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de se bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Mas é a verdade. Os seus protetores irão a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfazema "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embelezar, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfazema "Brilhante" permite à pele respirar ao longo do tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

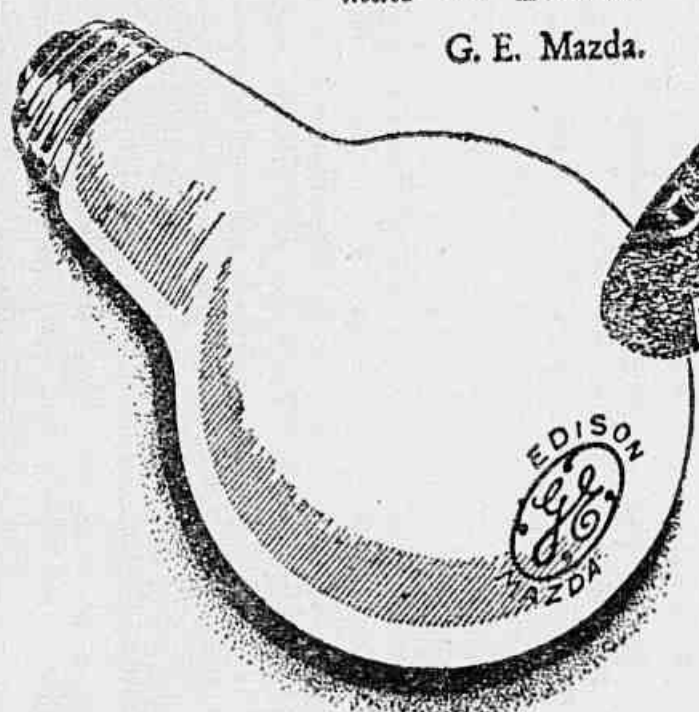
O vigor, o brilho de uma pele viva e dia volta a imperar com o uso do Creme de Alfazema "Brilhante". Experimente-o é um produto dos Laboratórios Alvim e Freitas.

As Lâmpadas
EDISON & MAZDA

Sempre brilham mais!

A sua vista é o seu maior tesouro...

...PROTEJA-A, usando luz abundante e apropriada em todas as dependências do lar! Há anos que a General Electric dedica seus recursos científicos e técnicos, criando novos tipos de lâmpadas que proporcionem luz apropriada em quantidade suficiente para as necessidades visuais. Novos encantos poderão ser também descobertos no seu lar colocando em cada abajour ou globo, as lâmpadas que sempre brilham mais — Edison G. E. Mazda.



Procure ouvir os "Festivais G. E." todas as 4.ªs feiras na Rádio Nacional às 20,30 hs., em ondas médias (980 kcs.) e curtas (30.86 metros) e na Rádio Record de São Paulo no mesmo horário, às 6.ªs feiras na frequência de 1.000 kcs. Um programa para todos os gostos!

PREFIRA SEMPRE AS

LAMPADAS EDISON G. E. MAZDA I

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — CURITIBA — P. ALEGRE

MME. ZULEIDA GUERRA PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 238 - Fone: 24-0430

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL
facilita o tratamento da
pele porque equivale a
2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.

Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.



CREME
RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE



Segurança no tráfego aéreo civil

As três corporações de linhas aéreas britânicas, de propriedade pública, anunciaram o maior passo para a segurança do tráfego aéreo mundial, com a formação de uma companhia para instalar e operar auxílios de rádio e de radar à navegação e à descida às cegas, onde quer que sejam necessários, mas não possam ser obtidos de outra maneira.

Esta companhia — A International Aeradio Ltda. — não visará lucros. O seu presidente é Whitney Straight, vice-presidente da British European Airways (BEA). Falando em Londres, há dias, disse Straight:

"A segurança e a regularidade das operações das linhas aéreas dependem de um sistema eficaz de serviços de terra, inclusive tele-comunicações, auxílios de rádio à navegação e um método satisfatório de descida às cegas.

Sob o grande estímulo da guerra, grandes passos foram dados na produção e no uso de uma variedade de inventos de rádio e de radar. Mas este conhecimento e experiência de operação se limitam aos grandes participantes da guerra, que, consequentemente, estão muito à frente neste campo. Portanto, torna-se cada vez mais evidente que, se as recomendações da Organização Provisória Internacional de Aviação Civil (PI CAO) devem ser executadas nas áreas servidas pelas linhas aéreas internacionais, muitos países necessitarão de auxílio no estabelecimento e na operação de comunicações modernas."

O custo das instalações da International Aeradio Ltd. será em geral coberto por subscrição direta dos governos interessados, mas, em certas circunstâncias, serão feitas contribuições pelas companhias aéreas que as utilizem.

Do capital inicial de 250.000 libras, 10% ficará com a British European Airways, 30% pela British Overseas Airways e 10% pela British South American Airways.

Expansão da indústria de brinquedos

Os notáveis progressos obtidos pela indústria britânica de brinquedos, que agora está suprimindo todos os mercados do mundo, são ilustrados no relatório anual de uma das suas principais firmas.

O relatório, publicado pela Lines Brothers, dá conta da rápida expansão da produção, inclusive a operação de duas novas fábricas, juntamente com a tarefa de reconversão. Durante os últimos 12 meses, a reconversão se produziu muito rapidamente e muitos novos modelos e melhoramentos foram introduzidos.

Por outro lado, obteve-se grande progresso no desenho.

Entre os brinquedos agora produzidos pela Lines Brothers contam-se miniaturas de motores elétricos, a gasolina e a óleo Diesel, de alta eficiência para uso em modelos de aviões, modelos de lanchas-motor, modelos de automóveis.

O progresso tem sido tão marcante que a companhia espera exportar, em um ano, produtos no valor de mais de um milhão de libras para todo o mundo.

Os resultados obtidos pela Lines Brothers desde o fim da guerra são partilhados pelas demais firmas da indústria, que, juntas, conseguiram aumentar as suas exportações nove vezes, em comparação com os anos de antes da guerra.

A cerâmica britânica

A cerâmica britânica sempre teve renome mundial. As exportações de artigos de cerâmica, em outubro, — 20.600 toneladas, — foram em cerca de um terço superiores à média mensal de 1938.

Um novo progresso nesse ramo da indústria é a impressão em litografia — o que torna possível que trabalhos e desenhos de importantes artistas fiquem ao alcance do público em geral.

Por exemplo, artistas famosos se empenham em desenhar cenas da vida infantil que são em seguida litografadas, tornando-se agradáveis à vista das crianças, instrutivos e práticos.

Os novos artigos de cerâmica destinados à exportação são produzidos em várias cores.

Exportação de bicicletas

As bicicletas britânicas estão desempenhando importante papel na satisfação dos pedidos mundiais, de maneira que a Grã-Bretanha está substituindo a Alemanha e o Japão, que eram antes da guerra, os principais exportadores desses veículos.

A Grã-Bretanha está manufaturando bicicletas à razão de 150 por minuto de dia de trabalho, ou 1.360.000 durante os primeiros 10 meses de 1946. Destas 816.000, ou 60 por cento, se destinam à exportação.

O total de bicicletas manufaturadas para a exportação ultrapassou um milhão em 1946. Em 1938, somente... 650.000 bicicletas foram exportadas, num total de 2.600.000. Além disso, nos primeiros 10 meses de 1946, cento e vinte mil bicicletas e triciclos juvenis foram distribuídos na Grã-Bretanha e 50.000 enviados a ultramar.

RICARDO *brilhava* EM 1927...



...e continua

brilhando EM 1947!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Como os resfriados

Instantina

Alivia as dores

IMPRESSIONANDO OS MEIOS
CIENTÍFICOS DO PAÍS!

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso,
CAIXA POSTAL, N.º 2335
Rio de Janeiro

DOIS ENCONTROS

(Cont. da pág. 23)

quer um fala. E agora, falava desembaraçadamente. No entanto, o que mais me surpreendia era a sua tristeza, pontilhada embora de firme determinação, lá no fundo do olhar. Eu o conhecia bem diverso do que ali estava. Éramos antigos e bons companheiros. Havíamos estudado, para falar francamente, é força de expressão. Frequentado a mesma escola, apenas; isto sim, é bem mais real. Fôramos companheiros de praia, de esportes, de farras. Boas e muitas nós fizemos juntos. Ele falava pouco, mas quando o fazia era sempre para concordar. Estava sempre pronto para uma pescaria ou para alguns mergulhos, para um jogo de «basket» ou para uma boa briga, para um baile ou para uma boa bebedeira. Não discutia detalhes; não levantava objeções. Apenas concordava e era sempre o mais animado da turma. Estava sempre à vontade, em qualquer lugar e em qualquer circunstância. Enfim, era o tipo perfeito, o perfeito representante da mentalidade da turma. Quería prazer, fosse lá de que espécie fosse, sem se preocupar com o resto. Entregava-se sempre totalmente, sempre incondicionalmente, ao momento presente. O resto, às urtigas. Eu, que nunca o vira como agora, estava espantado. Achei que devia dizer alguma coisa. Disse: — E daí?

Ele disparou: — E daí? Aquêlê rapaz, aquêlê antigo colega, estava formado arquiteto, estabilizado na vida, tranquilo. Conversando, mostrava-me sua cultura, sua confiança, sua certeza. Tinha uma profissão e era competente nela. Sabia o que queria e seguia o seu caminho.

Aqui ele parou; era tempo de levantarmos e seguirmos o nosso também. A barca já estava atracada. Na rua, ele continuou:

— A vida é bem estranha, sabe? Eu, voltei para a minha terra, feliz. Ele ficou por lá, com saudades. Cumprimos parte de nossas vidas; doze anos. Talvez os mais decisivos. Reencontrámo-nos. Que diferença, entre o primeiro da classe e o que nunca figurava no quadro de honra! Doze anos!

Parámos numa esquina; ele ia para um lado, eu para outro. Olhei-o fixamente, emocionado. Compreendi tudo. Repeti a pergunta anterior: — E daí?

— E daí? Tomei vergonha, meu velho, tomei vergonha. Aquêlê camarada já me julgava no mínimo presidente da república! Não posso desiludi-lo. Ele acreditava em mim, velhinho; acredita em mim!

Era uma maneira de dizer como outra qualquer, pensei eu.

E lá se foi ele pela rua a fora, em busca do sucesso do qual fora desviado por circunstâncias estranhas. Pedro velho! aquêlê rapaz acreditava em ti. Pedro velho! eu confio em ti. Conheço-te

SOFRE DO FIGADO? TOME BIO-HEPAX produto do laboratório da GUARAMIDINA

bem, por isso confio. Encontrei de novo o teu caminho... é segui-lo! Tens alma... é o principal. Estavas apenas esquecido. Hoje, já te lembreste. E olha... quando fores candidato à presidência da república... conta com meu voto, ouvieste?

E' uma maneira de dizer também como qualquer outra, digo eu.

Noite de insônia

(Cont. da pág. 19)

Foi uma boa tirada. Deixei para trás e muito o avião super-sônico que não pôde competir comigo na carreira. Admiro, agora, a obra de Lesseps, o canal de Suez. Vem-me a lembrança o filme de Anabella e Tyrone. Farejo por ali alguma coisa boca, mas já é tarde. Está tudo ferrado no sono.

Diabo! Parece que vou mesmo perder a noite, penso comigo mesmo. Já andei meio mundo e nada! Para um instante a imaginação e vem-me a idéia de uma volta até o Pacífico, onde devo encontrar exotismos com fartura. Viro a direção do "Imagination" em 45 graus para a direita e desço a-toda, como uma bala, em direção ao Grande Oceano. Vou deixando de lado a Ásia com suas originalidades já batidas dos turbantes, homens barbudos, felxes le religiões, harens, entorpecentes, contrabandos e embarcadouros... Fecho os olhos por sobre a Ásia, o mar do Oman e o oceano Indico. Tiro de fino nas ilhas da Sonda e com uma boa cabeçada vou chegando à Oceania...

Avisto então centenas de Ilhas perdendo-se na curvatura ao longe da enorme massa líquida. A natureza do mundo mais novo vai emergindo da noite, onde o amanhecer começa a aparecer. Algumas estrelas ainda teimam brilhando no céu meridional...

Decido-me ver de perto, lá longe, uma bonita ilha verdejante. Zás e pronto. Estou pisando a areia alva da linda enseada, rodeada de coqueiros. As ondas se estiram mansamente na praia. A aurora está despontando... Começo, logo a caçar, por entre a folhagem, morenas, formosas de sarong, colares de rosas e flor no cabelo, como tenho visto no cinema. Mas não sei porque não as encontro. Imagino ser ali o começo do paraíso terrestre...

Não acho afinal de contas um motivo a meu gosto, nem mesmo uma historiazinha — tipo mares do Sul.

Começo então a lembrar-me do segundo e terceiro sonos que já dormiu muita gente pelo mundo afora enquanto estou matutando sobre mil assuntos, presenciando coisas inéditas, fazendo em segundos de tempo viagens que os melhores transatlânticos e aviões levariam dias para fazer sem arriscar um fio de cabelo e sem perder um minuto ao menos esperando transportes.

Meu pensamento que vagava até pouco tempo nas solidões australlanas volta outra vez ao meu quarto e o assunto procurado não apareceu... e a chuva ainda continua caindo no telhado.

UMA VOZ DA RUA ÁREA FALA SOBRE O PAÍS DO REI MIGUEL

(Cont. da pág. 34)

— Eu, pessoalmente — disse o ministro — sou contra a política do presidente Truman, que é uma política de guerra. A Humanidade já está bastante madura para compreender que a guerra deve pertencer ao domínio do passado. Dispomos de homens de boa vontade em todas as regiões do globo, homens que pensam, que raciocinam, que sabem medir as consequências de uma nova hecatombe que seria, sem dúvida, mais horrível que as precedentes. A humanidade tem um grande futuro, e esse futuro depende mais dos americanos do que dos europeus. A Europa está velha, maltratada, cansada. Mas não vencida. Necessita apenas de uma transfusão de o sangue do qual nós, europeus, necessitamos: está nas Américas! E' preciso que os homens de boa vontade das Américas se unam na luta comum contra os que pensam em atrair novamente o mundo na voragem de uma nova guerra. E' preciso pensar no passado, esse nosso passado tão cheio de lições amargas, buscando nessas lições a solução dos nossos problemas. Temos que fazer o que for humanamente possível para evitarmos uma nova catástrofe, sinão o sacrifício de tantos milhões de seres humanos que pereceram nos campos da batalha, nos campos de concentração e nos crematórios de Hitler, será em vão. Diga tudo isso nos seus jornais, e oxalá que eu seja ouvido. Não importa por quantos, mas que eu seja ouvido, pois, como o profeta Ezequiel, não devemos permanecer calados. Por amor da humanidade, não devemos calar-nos.

E dizendo isso, o ministro fechou "aspas" no enaço... Levantou-se bruscamente e apontando para o relógio, disse mais estas palavras: "E' muito tarde. Ainda tenho mil coisas para fazer. Chega por hoje. Mas se quiser voltar aqui, será bem recebido."

Agradecemos mais essa gentileza e nos desvaidimos, pedindo-lhe apenas que nos levasse à residência do compositor Georges Enesco, do qual é velho amigo. Esse nosso pedido foi atendido.

Dezessete anos depois...

(Cont. da pág. 9)

ra de Sousa, a dignidade imperturbável com que se houve no exílio durante 17 anos, esse silêncio sobre as coisas da sua pátria, que tanto o recomendaram à admiração dos homens do Brasil e do estrangeiro, tornaram, a pessoa do ex-presidente, uma figura de grande significação.

Nós, que ao seu governo nos opusemos e nos alistamos na campanha democrática de 1930, nunca lhe negamos, por mais ferrenhos que fossemos, como seus adversários, as qualidades de honradez, de probidade e de patriotismo. E hoje é com um prazer imenso que a esse reconhecimento anterior vimos juntar este outro, do homem que no exílio nunca fez uma queixa, nunca alegou qualquer coisa contra quem quer que fosse, mantendo-se digno, mantendo-se ereto e imperturbável para salvar diante do estrangeiro a própria dignidade da sua pátria.

Aquele que calu em 1930 como homem, calu cumprindo o seu dever, calu na plenitude do exercício do seu cargo, honrando-o como lhe era possível honrar.

Nesse instante em que s. excia. volta à pátria, já no fim da sua vida depois de curtir um longo exílio voluntário e digno, nesse instante em que volvemos ao regime constitucional e no dia em que a Constituição completa seu primeiro ano de existência, é justo que os que o combateram e os que não o combateram baixem as suas armas, em homenagem a um cidadão probo, em homenagem a um brasileiro digno, cuja ombridade mais se afirmou e mais cresceu na adversidade e no exílio.

O Senado vai prestar a s. excia. as homenagens, de se fazer representar no seu desembarque e não seria justo que silenciase os seus anais sobre esse fato, embora não nos seja possível regimentalmente uma outra atitude. E' o que verho fazer, sr. presidente, deixando aqui estas expressões de respeito ao dr. Washington Luis Pereira de Sousa.

Acompanhado, ao deixar o navio, por incalculável massa popular, que o levou ao Palace Hotel, onde tomou hospedagem, o presidente Washington Luis foi saudado, na praça pública, pelos senhores Otávio Mangabeira, governador da Bahia, e ministro do Exterior do seu governo, e pelo general Euclides de Figueiredo, atual deputado federal e um dos vultos militares mais destacados da revolução constitucionalista de São Paulo, em 1932. Esteve presente, também, o governador paulista, senhor Ademar de Barros, além de comissões da Câmara, do Senado e da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Aos discursos em sua homenagem, o presidente Washington Luis respondeu em palavras vibrantes e comovidas, reafirmando sua fé na democracia. Assim se encerrou, apoteoticamente, dezessete anos depois, o episódio começado em outubro de 1930.

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos — por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo mensal começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentes, tristes e o que é pior: atacadas por moléstias que por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão tormentosos que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa.

Entretanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica o bem estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131



LIVING-ROOM

Aqui está um modelo de "living-room", ótimo para ser aproveitado num palacete. A peça deve ser espaçosa e clara. Os móveis são de madeira clara vermelha. Poltrona forrada em setim listrado bege e verde, berger forrada em setim bege. Cortinas de voile suíço branco. Portier e bandeaux em tecido chinês com fundo claro e ramagens policrômicas. Forração do piso com passadeira de lá verde água.

Mobiliários — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CADILOCA, 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

